



BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA:

Lendas, Música, Teatro, Dança,
Figurino e Cenografia



SIMEI SANTOS ANDRADE
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA
MAYRLA ANDRADE FERREIRA
ÉZIA NEVES
ANIBAL PACHA
MARLUCE OLIVEIRA
JAIME AUGUSTO DUARTE AMARAL

ORGANIZADORES

BRINQUEDO
CANTADO DA AMAZÔNIA:
Lendas, Música, Teatro, Dança, Figurino e Genografia

SIMEI SANTOS ANDRADE
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA
MAYRLA ANDRADE FERREIRA
ÉZIA NEVES
ANIBAL PACHA
MARLUCE OLIVEIRA
JAIME AUGUSTO DUARTE AMARAL
ORGANIZADORES

Editora do PPGARTES
2022



ORGANIZADORES

**SIMEI SANTOS ANDRADE
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA
MAYRLA ANDRADE FERREIRA
ÉZIA NEVES
ANIBAL PACHA
MARLUCE OLIVEIRA
JAIME AUGUSTO DUARTE AMARAL**

COLABORADORES

Amanda Gil	Lucilêia da Costa Silva
Ana Cláudia Santos Souza	Luis Carlos da Cunha Oliveira
Analuz Marinho	Maridete Daibes
Christie Monteiro	Mayla Serrão
Cyane Oliveira Pereira	M. Sawaki
Daniel Gomes	Raquel Amorim dos Santos
Dayane da Silva	Rosangela Serra Cohen
Diogo Richier	Rosemary Pombo de Andrade
Erivelton Trindade	Simone Mouta de Oliveira
Heberton dos Santos Lobato	Thaís Sales
Ivone Souza Andrade	Thalita Barros
Jean Negrão	Vanderlene Ranieri S. Condurú Viégas
Juhly Stephanie D. Moraes	Veruska Moreira Silva
Lucas Belo	Welia da Silva Araújo
	Yan Almeida

BRINQUEDO

CANTADO DA AMAZÔNIA:

Lendas, Música, Teatro, Dança, Figurino e Cenografia

1ª Edição
Belém - Pará - Brasil



BRINQUEDO
CANTADO DA AMAZÔNIA:
Lendas, Música, Teatro, Dança, Figurino e Cenografia

Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica
DAVI ALMEIDA

Preparação dos originais
SIMEI SANTOS ANDRADE
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA
MAYRLA ANDRADE FERREIRA

Coordenação Editorial
HISTÓRIAS E LENDAS
SIMEI SANTOS ANDRADE
RAQUEL AMORIM DOS SANTOS

Autoria, Transcrição e Revisão das Partituras
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA

Escrita da Composição Coreográfica
MAYRLA ANDRADE FERREIRA
MARIA LÚCIA DA SILVA UCHÔA

Copistas
LUIZ OTÁVIO DOS SANTOS ALBUQUERQUE
LETÍCIA SILVA E SILVA

Desenhos da Composição Coreográfica
AMANDA GIL

Caminhos da Encenação
MARLUCE OLIVEIRA
MARIDETE DAIBES

Cenografia
ANIBAL PACHA

Figurinos
ANALUZ MARINHO, CHRISTIE MONTEIRO, DANIEL GOMES,
DIOGO RICHIER, ERIVELTON TRINDADE, ÉZIA NEVES,
JEAN NEGRÃO, LUCAS BELO, MAYLA SERRÃO, M. SAWAKI,
THAÍS SALES, THALITA BARROS, YAN ALMEIDA

Intérpretes

QUARTETO ELLEGBARA (DOUGLAS RODRIGUES, JEAN SOUZA,
LENNON BENDELAK E LETÍCIA FONSECA)
CONVIDADA ESPECIAL: GIGI FURTADO

COMPOSITORES:

- 1- **Belém, Joia do Pará** (Ana Cláudia Souza e Lúcia Uchôa).
- 2- **Boto Cor de Rosa** (Cyane Pereira, Veruska Moreira e Lúcia Uchôa).
- 3- **Cheiro Cheiroso** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 4- **Chuva** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 5- **Curupira** (Ana Cláudia Souza, Dayane da Silva, Ivone Andrade, Lúcia Uchôa, Luciléia Silva, Luis Carlos Oliveira e Vanderlene Viêgas).
- 6- **Lamento da Amazônia** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 7- **Lenda do Açai** (Heberton Lobato, Lúcia Uchôa, Simone Mouta, Juhlly Moraes, Rosangela Cohen, Rosemary Andrade e Welia Araújo).
- 8- **Lendas Amazônicas** (Simei Andrade e Lúcia Uchôa).
- 9- **Manga** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 10- **Matinta Perera** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 11- **Miriti** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 12- **O Boto** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 13- **Raças e Raízes** (Lúcia Uchôa).
- 14- **Rio Amazonas** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 15- **Uirapuru** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).
- 16- **Vitória Régia** (Lúcia Uchôa e Simei Andrade).

Revisão do Texto
OTÁVIA FEIO

Ficha Catalográfica
LARISSA SILVA

Bolsistas
ANICEE DO CARMO E SILVA
MILENA EVELYN FRANÇA MAIA

**Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou
duplicada sem autorização expressa dos autores.**

© 2022 by autores
Livro Digital - junho de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

B858 Brinquedo cantado da Amazônia [recurso eletrônico]: lendas, música, teatro, dança, figurino e cenografia / Simei Santos Andrade, Maria Lúcia da Silva Uchôa, Mayrla Andrade Ferreira, Ézia Neves, Anibal Pacha, Marluce Oliveira, Jaime Augusto Duarte Amaral, Organizadores. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, 2022.

Inclui bibliografias.

Publicação digital (E-book) no formato PDF.

Acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-43-2

1. Livros Didáticos – Amazônia. 2. Arte na educação. 3. Música. 4. Dança. 5. Coreografias. 6. Folclore – Amazônia. I. Andrade, Simei Santos, org. II. Uchôa, Maria Lúcia da Silva, org. III. Ferreira, Mayrla Andrade, org. IV. Neves, Ézia, org. V. Pacha, Anibal, org. VI. Oliveira, Marluce, org. VII. Amaral, Jaime Augusto Duarte, org. VIII. Título.

CDD 23. ed. – 371.3209811



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

PROF. DR. EMMANUEL ZAGURY TOURINHO
Reitor

PROF. DR. GILMAR PEREIRA DA SILVA
Vice-Reitor

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE

PROF^ª. DR^ª. ADRIANA VALENTE AZULAY
Diretora Geral

PROF. DR. JOEL CARDOSO DA SILVA
Diretor Adjunto

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

PROF. DR. JOSÉ DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA
Coordenador

PROF. DR. ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
Vice-Coordenador

EDITORA PPGARTES*

PROF^ª. DR^ª. MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO

PROF^ª. DR^ª. ANA CLAUDIA DO AMARAL LEÃO
Coordenadoras Editoriais

LARISSA LIMA DA SILVA
Assistente Editorial

COMITÊ CIENTÍFICO

PROFA. DRA. MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO (PRESIDENTE)

PROFA. DRA. ANA CLAUDIA LEÃO (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROFA. DRA. ANA FLÁVIA MENDES (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROF^ª. DR^ª. ANA MAE TAVARES BASTOS BARBOSA (ECA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; UNIVERSIDADE ANHEMBI-MORUMBI)

PROF. DR. ÁUREO DEO DE FREITAS JÚNIOR (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROF^ª. DR^ª. GISELLE GUILHON ANTUNES CAMARGO (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROF. DR. JOSÉ CARLOS DE PAIVA (FBA, UNIVERSIDADE DO PORTO)

PROF^ª. DR^ª. LAURA MALOSETTI COSTA (IA, UNIVERSIDAD NACIONAL SAN MARTIN)

PROF^ª. DR^ª. MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL (CAC, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

PROF. DR. ORLANDO FRANCO MANESCHY (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROF^ª. DR^ª. REJANE COUTINHO (IA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA)

PROF^ª. DR^ª. VALZELI FIGUEIRA SAMPAIO (ICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

PROF^ª. DR^ª. CINTIA VIEIRA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

**PROF. DR. ADRIÁN ESTEBAN CANGI (UNIVERSIDADE NACIONAL DE AVELLANEDA DA ARGENTINA
E UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES/ARGENTINA)**

PROF^ª. DR^ª. VERÔNICA MIRANDA DAMASCENO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

PROFA. DRA. IARA REGINA SOUZA
Diretora

PROFA. DRA. IVONE MARIA XAVIER DE AMORIM ALMEIDA
Vice-Diretora

PROF. DR. ALBERTO SILVA NETO
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Teatro

PROF^ª ME. TARIK COELHO ALVES
Coordenador Geral dos Cursos Técnicos

PROF. ME. PAULO DE TARSO NUNES DOS SANTOS JÚNIOR
Coordenador do Curso Técnico em Teatro

PROF^ª DR^ª ÉRIKA GOMES TEIXEIRA
Coordenadora do Curso Técnico em Dança - Intérprete-Criador

PROF^ª DR^ª MAYRLA ANDRADE FERREIRA
Coordenadora do Curso Técnico em Dança - Balé Clássico

PROF. DR. FRANCISCO EDILBERTO BARBOSA MOREIRA
Coordenador do Curso Técnico em Cenografia

PROF^ª. DR^ª. ÉZIA NEVES
Coordenadora do Curso Técnico em Figurino Cênico

PROF^ª DR^ª VALÉRIA ANDRADE
Diretora do Teatro Universitário Cláudio Barradas

PROF^ª DRA. ADRIANA CRUZ
Coordenadora do Curso de Graduação Tecnológico em Produção Teatral

PROF. ME. PAULO ROBERTO SANTANA FURTADO
Coordenador do Curso de Graduação de Licenciatura em Teatro – PARFOR

**Projeto de Extensão Metodologia de Ensino:
o lúdico na prática dos professores da Educação Infantil e
séries iniciais do Ensino Fundamental
(UFPA/ICA/ETDUFPA – 2011-2013).**

PROF^ª DRA. SIMEI SANTOS ANDRADE
Coordenadora

ESCOLA DE MÚSICA DA UFPA

PROF. DR. CARLOS AUGUSTO VASCONCELOS PIRES
Diretor

PROF. ME. ADELBERT RODRIGUES DE SANTANA CARNEIRO
Vice-Diretor

FACULDADE DE DANÇA

PROF^ª DR^ª MARIA ANA AZEVEDO DE OLIVEIRA
Diretora

PROF^ª ME. DAÍSA GOMES DO ROSÁRIO
Vice-Diretora

PROF^ª DRA. WALDETE BRITO SILVA DE FREITAS
Coordenadora do Curso de Graduação de Licenciatura em Dança - PARFOR

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	PREFÁCIO	INTRODUÇÃO	
8	10	12	

			
BELÉM, JOIA DO PARÁ	BOTO COR DE ROSA	CHEIRO CHEIROSO	CHUVA
18	26	34	44

			
CURUPIRA	LAMENTO DA AMAZÔNIA	LENDA DO AÇAÍ	LENDAS AMAZÔNICAS
52	60	68	76





MANGA

84



MATINTA PERERA

92



MIRITI

100



O BOTO

108



RAÇAS E RAÍZES

116



RIO AMAZONAS

124



UIRAPURU

132



VITÓRIA RÉGIA

140

CENOGRAFIA

148

**SOBRE OS
AUTORES**

154

REFERÊNCIAS

159





APRESENTAÇÃO

São vários os motivos que me fazem uma apresentadora feliz, ao falar de importante trabalho dos organizadores Simeí Santos Andrade, Maria Lúcia da Silva Uchôa, Mayrla Ferreira Andrade, Ézia Neves, Anibal Pacha, Marluce Oliveira e Jaime Augusto Duarte Amaral. Mas, mesmo tomada de felicidade, confesso que a função de leitora e apreciadora das culturas amazônicas contidas nesta obra deixa meu imaginar amazônico pleno de satisfação. Reconheço desde já que será mais um dos meus livros de cabeceira e que o colocarei bem ao alcance de minha mão, assim sendo, por sua função “quebra cabeça”, o que o transformará em um livro consultado e manuseado e se depender de mim, com sucessivas emissões.

Para a comunidade de profissionais que utilizam no dia a dia a terminologia ludicidade – críticos, pesquisadores, ensaístas, historiadores, professores, atores, bailarinos, estudantes –, o livro é inspirador e provavelmente se transformará em meu favorito, pois além de texto e imagem se mostrarem importantes um para o outro, é bonito de folhear e a cada vez lido continua a surpreender, o que nos impulsiona lê-lo de várias maneiras, permitindo que refinemos o re-inventar com brincadeiras como: cantigas escritas, possibilidades coreográficas, histórias de lendas e causos da região – o que nos faz constatar que uma obra de referência como esta vinha fazendo enorme falta no que diz respeito a material didático.

Brinquedo Cantado da Amazônia: lendas, música, teatro, dança, figurino e cenografia didaticamente nos proporciona o exercício das atividades lúdicas que provocam plenitude da experiência, permitindo que cada criança, cada adolescente, cada adulto, cada ser humano, através dos exercícios oferecidos, compareça com o seu modo de agir e reagir, situados cada um em suas realidades, ou seja, cada um carregando o seu mundo, cada um com suas experiências de caminhante.

Assim, de brincadeira em brincadeira, vai preservando as diversas culturas existentes na Amazônia, misturando magia, encanto, mas sabiamente se transformando em um chamar de atenção para a indignação de um povo, que não quer esquecer seu imaginário, iguarias, lendas, mitos, causos, costumes, fauna e flora. De certa maneira, foi a forma que os autores encontraram para unir e preservar ludicamente o espaço sagrado que abriga diferentes matrizes étnicas, com diversos valores e modos de vidas, a AMAZÔNIA!

Prof^ª. Dra. Mariana Marques Kellermann
UFPA/ ICA /ETDUFPA



PREFÁCIO

É com grande prazer que escrevo o prefácio do livro *Brinquedo Cantado da Amazônia: lendas, música, teatro, dança, figurino e cenografia*, que evidencia o trabalho primoroso dos professores organizadores Simei Santos Andrade, Maria Lúcia Uchoa, Mayrla Ferreira Andrade, Ézia Neves, Anibal Pacha, Marluce Oliveira e Jaime Augusto Duarte Amaral, docentes da Universidade Federal do Pará (UFPA), Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA) e Faculdade de Dança, do Instituto de Ciências da Arte (ICA).

A obra é um material didático que revela um potencial dançante e cênico, organizado de modo bastante criativo, apresentando as lendas, as letras das músicas, as partituras musicais, uma possibilidade de composição coreográfica, de figurinos e de cenários, como alternativas dramatúrgicas que descrevem as práticas e os comportamentos humanos espetaculares do povo amazônida.

Os autores, neste livro, trilham caminhos sob a perspectiva de uma prática pedagógica que ressalta o imaginário, as iguarias, os mitos e os costumes da Amazônia paraense, na possibilidade de releituras que ampliem o exercício da ludicidade, abrindo espaço para trabalhos futuros, revigorados por novas poéticas.

Brinquedo Cantado da Amazônia: lendas, música, teatro, dança, figurino e cenografia é um convite para brincar e dançar. É um trabalho associado a dança e música, dança e dramatização, e outros encontros possíveis. No contexto escolar, penso que esta produção está pautada no que diz Almeida (2018, p.19): “um passo em direção a uma melhor qualidade do processo educacional infantil, no qual a arte seria um dos pilares centrais”, destacando que pela sua riqueza de conteúdo relacionado à Arte não descartamos a possibilidade desta produção alcançar os ambientes não escolares.

Reconhecidos pela ação cuidadosa e específica de suas áreas, os autores não se privaram de compartilhar suas ideias, seus estudos e suas criações, permitindo expandir relações com a cultura local, convertida nos elementos da visualidade como o figurino, além da musicalidade e da gestualidade, que no decorrer da composição poderão aparecer combinações próprias aliadas às características individuais de cada pessoa.

Os organizadores afirmam que este livro “pode facilitar a inserção da prática musical, da dança, de narrativas orais (contação de histórias) e do teatro no dia a dia das crianças na escola” e também em outros espaços. Uma proposição que se apresenta como forma de avivar a vida e que permite o leitor CANTAR, DANÇAR E BRINCAR!

Prof^a. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira
Diretora da Faculdade de Dança da UFPA



INTRODUÇÃO

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA: lendas, música, teatro, dança, figurino e cenografia é resultado do Projeto de Extensão *Metodologia de ensino: o lúdico na prática dos professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental*, da UFPA/ICA/ETDUFPA, desenvolvido com educadores da rede pública de ensino de Belém, Distritos de Icoaraci e Mosqueiro e município de Ananindeua, todos fazendo parte da Região Metropolitana de Belém, Estado do Pará, além da parceria na discussão da temática com o **Grupo de Pesquisa Educação Lúdica da UFPA/ETDUFPA/CNPq e NUPEIA - Núcleo de Pesquisa Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos (UFPA/ETDUFPA/CNPq)**.

Este livro se constitui em um material didático que pode facilitar a inserção da prática musical, da dança, de narrativas orais (contação de histórias) e do teatro no dia a dia das crianças, na escola e ou em qualquer espaço que proporcione o exercício da ludicidade, além de valorizar e preservar as diversas culturas existentes na Amazônia.

O livro traz cantigas escritas e com partituras cifradas, uma possibilidade de composição coreográfica e cenografia, figurinos, lendas e causos da região e um CD com dezesseis cantigas. O foco dessa produção foram o imaginário, iguarias, lendas, mitos, causos e costumes da Amazônia paraense, numa mistura de magia, encanto, proteção da fauna e da flora, dos rios e igarapés, resgate e preservação das credices, danças, músicas, ditos populares, expressões local e culinária regional, bem como a indignação do povo amazônica com a destruição de um espaço geográfico sagrado para as diversas comunidades de camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, assentados, atingidos por barragens, populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia, compondo diferentes matrizes étnicas, com diversos valores e modos de vida.

Cantar, brincar e representar o que temos de precioso na Amazônia de maneira crítica e inteligente foi o nosso desafio. As composições elaboradas seguem ritmos regionais oriundos da formação étnica do povo paraense, como o carimbó e o lundu. Assim, convidamos você para um passeio por **Belém, joia do Pará**, enamorando-se do **Boto Cor-de-Rosa** e sentindo um **Cheiro cheiroso** que só no Pará se tem; compromisso só depois da Chuva; cuidado com o Curupira, ele fica bravo quando percebe caçadores e lenhadores na mata; os gemidos devem ser o **Lamento da Amazônia** pela preservação de um bem que é de todos; **Lenda do Açaí** nos faz pensar naquela tigela cheia de um vinho muito saboroso - o açaí, que vai muito bem com camarão, jabá e peixe frito; as **Lendas Amazônicas** são muitas e a função delas é proteger para preservar nosso tesouro maior - a Amazônia; a **Manga** é a sobremesa que a natureza nos oferece de graça, nas ruas da cidade; tudo o que a **Matinta Perera** pedir não pode ser negado, caso contrário o fit, fit é forte; não esqueça de comer e beber as gostosas iguarias que o **Miriti** nos dá; **O Boto** é só encanto; que tal remexer o corpo com **Raças e Raízes?** Diz a lenda que o sol e a lua se apaixonaram, mas foram proibidos de casar, a lua chorou tanto que formou o **Rio Amazonas**; como é bom um cochilo ao som do canto do **Uirapuru**; e, finalmente, se encante com a beleza da exótica **Vitória Régia**.

O QUE VEM A SER UM FIGURINO

O figurino é a roupa que veste o personagem; ele é elaborado para materializar visualmente este personagem, e funciona como se fosse uma “segunda pele” para o corpo do intérprete, seja ele ator, dançarino, performer, etc. Ele irá compor a caracterização do personagem, juntamente com a maquiagem, o penteado e os acessórios, tais como brincos, colares, bolsas e óculos, por exemplo.

Este conjunto de elementos visuais contribuirá para a interpretação de cada personagem, pois se tornará um apoio para que a mesma aconteça de modo mais adequado, contribuindo também para a diferenciação entre os personagens em cena e para melhor compreensão pelo espectador em relação a cada personagem retratado.

O figurino deverá representar a personalidade de cada personagem, seus gostos pessoais, sua posição social, suas características psicológicas e deverá estar adequado às características físicas do intérprete e do personagem. Cada personagem terá seu estilo próprio, com um tipo de roupa adequado a ele, diferenciado dos demais, seja pela cor ou pela forma (modelagem) das vestes.

Por ser um elemento visual, o figurino transmite uma mensagem que o receptor, no caso o espectador, compreenderá, muitas vezes de modo imediato, quem é aquele personagem, até mesmo antes que o texto seja pronunciado pelo ator. Por isso, o figurino deverá sintetizar os elementos mais marcantes desta personalidade de modo a facilitar esta leitura e a identificação dos diferentes tipos de persona. O figurino, portanto, é uma síntese da personalidade do personagem, que nos proporcionará, enquanto espectadores, compreender quem ele é a partir de suas vestes.

No caso do livro Brinquedo Cantado da Amazônia cada personagem (Boto, Mãe D’água, Matinta Perera, Curupira, Uirapuru, dentre outros) poderá ter seu figurino confeccionado com os mais diferentes tipos de tecidos, desde que adequados aos modelos, podendo-se também utilizar materiais reciclados, tais como: retalhos de tecidos, plásticos, papéis, que podem ser adaptados para se confeccionar as propostas de figurinos sugeridas pelo livro.



ENTENDENDO A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

A composição coreográfica deste livro é um exercício criativo que utiliza os movimentos cotidianos do corpo para expressar aspectos emocionais, cognitivos, sensoriais e do imaginário amazônico, onde habitam nossas memórias, fazeres e práticas.

Há um fluxo de dinâmicas dos movimentos em cada dança, que torna as músicas férteis para a criação, seja seguindo o que estamos propondo ou criando novas movimentações. Cria-se sempre uma nova dança a cada grupo de participantes, que estarão em fluxo contínuo de renovação de suas experiências em movimento.

As coreografias foram sendo desenvolvidas como expressões de sentimentos do cotidiano, porém em cada composição a arte de combinações de movimentos nunca se esgotará, pois suas trajetórias estarão sempre relacionadas aos saberes e fazeres de quem a executa.

A composição coreográfica é como um poema dançado, estimulando habilidades que compõem o movimento nos aspectos do espaço, tempo, peso e fluência, adquirindo características como no:

- a) Espaço: a relação entre o corpo e o espaço (ambiente no qual está) terá variações quanto aos níveis: (em relação à altura) alto, médio e baixo. Direções: é a trajetória traçada no espaço, o sentido para onde o movimento segue, aonde se vai (frente, trás, lados, diagonais, direita e esquerda);
- b) Tempo: velocidade com que são executados determinados movimentos, podendo ser rápido, moderado e lento;
- c) Peso: mudanças de força utilizada pelo corpo ao movimentar-se: passivo, ativo, leve, pesado, transferência, contrapeso e suas graduações, estabilidade e instabilidade;
- d) Fluência: tensão muscular com a qual se deixa fluir um movimento: fluência livre, contínua, conduzida, interrompida e seus graus de tensão.

Tal como na dança, a experiência humana de movimento do corpo nos aproxima da nossa realidade sensível e vivenciar estas composições coreográficas é visitar a dança que já existe em nós e que diariamente executamos nos gestuais cotidianos. Esperamos que estas composições coreográficas sejam dançadas e recriadas pela imaginação de cada participante.

ABRINDO OS CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

O projeto Brinquedo Cantado da Amazônia surge com a possibilidade concreta de adentrarmos no universo regional amazônico por meio do lúdico focado no jogo cênico, que fortalece a assimilação de nossa cultura através das encenações propostas. O que aqui chamamos de Caminhos de Encenação são sugestões, ideias, encaminhamentos artísticos/técnicos, maneiras subjetivas que podem possibilitar ao educador criar atividades cênicas a serem desenvolvidas no contexto escolar e não escolar, e facilitar ao leitor a realização da representação da cena, permitindo a união da imaginação ao que está sugerido nos textos.

A scenic view of a river in the Amazon rainforest. Large, thick tree trunks are visible in the foreground, partially submerged in the water. The water is calm, reflecting the surrounding greenery and the sky. In the distance, a small boat is visible on the river. The overall atmosphere is serene and natural.

*A grande aventura pela
Amazônia começa aqui.*

A scenic landscape featuring a river in the foreground, a dense line of green trees in the middle ground, and a sunset sky with orange and yellow clouds. The entire image is overlaid with a semi-transparent digital grid pattern. The text is centered in the lower half of the image.

*Venha conosco,
o portal se abre agora!*



BELÉM, JOIA DO PARÁ

BELÉM é a capital do Estado do Pará, localizada ao norte do Brasil, banhada pelo rio Guamá. De clima quente e úmido, chove quase que diariamente durante o ano inteiro. É conhecida como a cidade das mangueiras, por suas árvores frondosas que formam grandes túneis e fornecem frutos deliciosos a quem desejar saboreá-los.

Destaca-se pelos seus pontos turísticos como o Museu Paraense Emílio Goeldi, Parque da Residência, Mangal das Garças, Mercado do Ver-o-Peso, Teatro da Paz, Catedral da Sé, Forte do Presépio, Igreja de Santo Alexandre com o seu Museu de Arte Sacra, Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré, Estação das Docas, Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, Espaço São José Liberto e Museu de Gemas do Pará, Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, Parque Ecológico Municipal Gunnar Vingren, Orla de Icoaraci, Universidade Federal do Pará, Praças da República e Batista Campos, Museu do Círio de Nazaré, Complexo Turístico Ver-o-Rio, Museu da UFPA, além de outras igrejas e capelas históricas, casarões e palacetes do ciclo da borracha, passeios pelas ilhas do entorno da cidade, entre outros.

Belém possui 39 ilhas de belezas exuberantes, sendo as mais conhecidas a do Mosqueiro, dos Papagaios, do Maracujá, do Cotijuba e das Onças.

Sua culinária é influenciada principalmente pela cultura indígena, mas recebe também contribuições das culturas africana e europeia (portuguesa). Pato no tucupi, maniçoba, vatapá e tacacá são alguns pratos típicos encontrados com facilidade em carrinhos de vendas na via pública da cidade. Os peixes de sabores exóticos presentes no dia a dia da mesa do paraense fazem a culinária regional muito apreciada pelos turistas, com destaque para o pirarucu, tambaqui, tamuatá, acará, tucunaré, gurijuba, mapará e aracu.

Belém recebe todos os dias barcos que chegam ao Mercado do Ver-o-Peso, vindos das ilhas e municípios do estado, trazendo farinha e frutas, como cupuaçu, bacuri, bacaba, açaí, castanha-do-pará e pupunha, para serem vendidas na maior feira ao ar livre da América Latina.

O cultivo da mandioca é muito comum na região, utilizada na produção da farinha e derivados, como a farinha de tapioca, a goma e o carimã, que são a base da alimentação de grande parte da população da capital e do interior do estado.

Por suas belezas e importância no contexto histórico da Amazônia, Belém é a joia do Pará.



BELÉM, JOIA DO PARÁ

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Junho /2012

Letra: Ana Cláudia Souza e Lúcia Uchôa

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Be-lém meu bem És a joi-a do Pa - rá Das tu - as de-lí cias
6 te-mos A-ça - í eo ta-ca - cá A-ça - í, fru-to ma-jes - to-so to-do sa-bo
11 ro-so de de-lí-ci - ar. Ta-pi - o-ca e fa-ri-nha d'á - gua, po-de ser tam-
15 bém com ja - bá, ca-ma-rão, tu-cu-pi go - ma e jam - bu, re-su-
20 min-doé o ta-ca - cá! Ri-que-zas que fas - ci-nam e me fa-zem sen-tir pai-
25 xão. Be - lém, Be-lém, és a joi-a do Pa - rá, Be - Joi - a do Pa - rá!

Ouçã agora 



Belém, meu bem
És a joia do Pará
Das tuas delícias temos: açaí e o tacacá
Açaí, fruto majestoso
Todo saboroso de deliciar.
Tapioca e farinha d'água,
Pode ser também com jabá
Camarão, tucupí, goma e jambu,
Resumindo é o tacacá.
Riquezas que fascinam
E me fazem sentir paixão.

Belém, Belém } Bis
És a joia do Pará. }

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

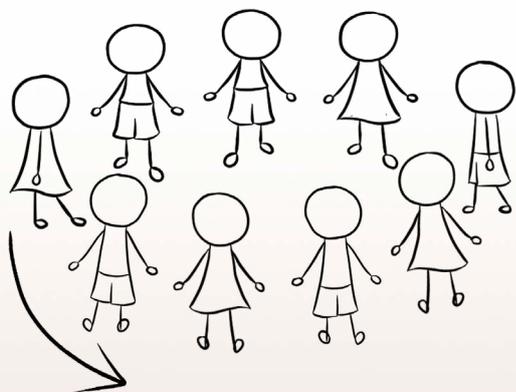
FORMAÇÃO: RODA

Os dançarinos, em roda, no movimento com os pés para frente e para trás, em ritmo de carimbó, acompanham as seguintes frases:

Frase 1

“BELÉM, MEU BEM. ÉS A JOIA DO PARÁ”

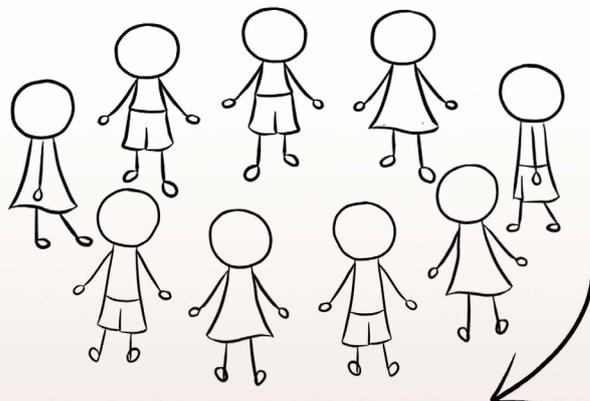
Movimento para o lado direito da roda, com os pés para frente e para trás.



Frase 2

**“DAS TUAS DELÍCIAS TEMOS:
AÇAÍ E O TACACÁ”**

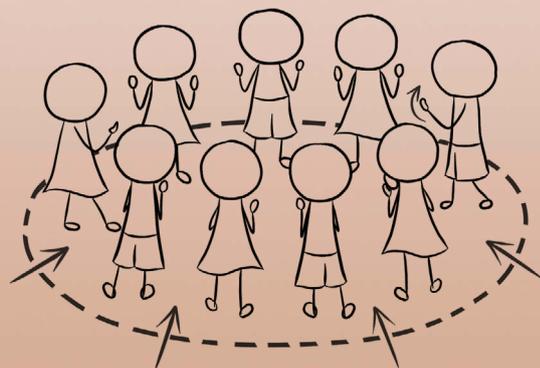
Movimento para o lado esquerdo da roda, com os pés para frente e para trás.



Frase 3

**“AÇAÍ, FRUTO MAJESTOSO.
TODO SABOROSO DE DELICIAR”**

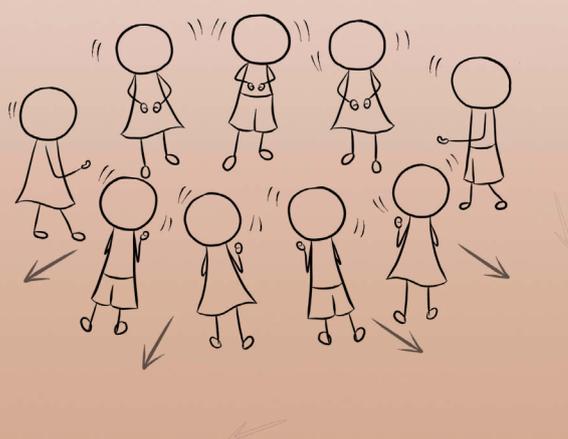
Movimentando para o centro da roda, os dançarinos erguem os braços na intenção de colher o açaí.



Frase 4

**“TAPIOCA E FARINHA D'ÁGUA.
PODE SER TAMBÉM COM JABÁ”**

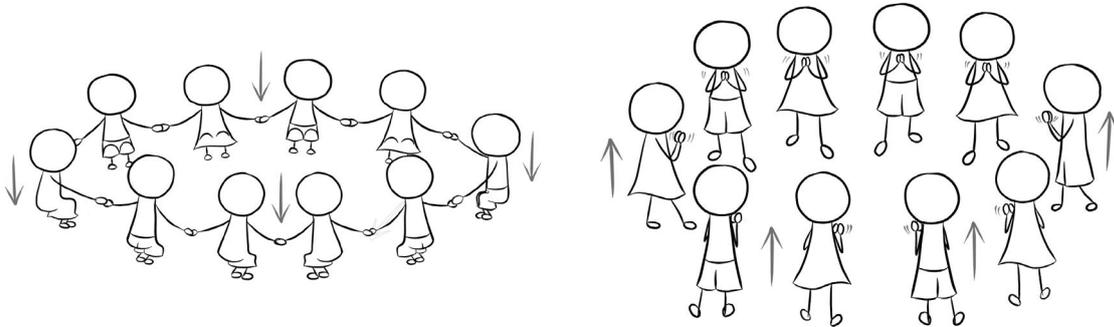
Movimentando para fora da roda, os dançarinos voltam para seus lugares de início, balançando o corpo para a direita e esquerda, com as mãos em forma de peneira.



Frase 5

“CAMARÃO, TUCUPI, GOMA E JAMBU. RESUMINDO É O TACACÁ”

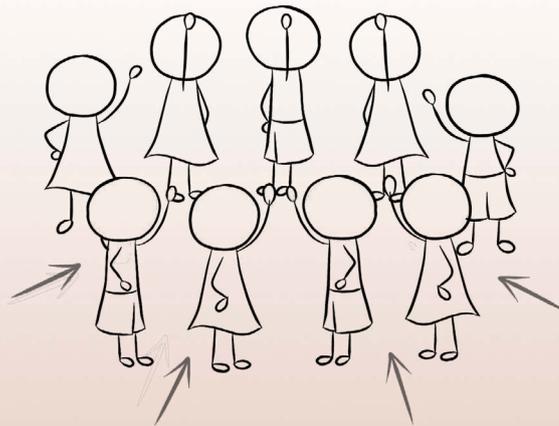
Movimento com as mãos dadas, os dançarinos vão arqueando o tronco, começando do nível alto até o nível baixo. Na palavra tacacá, levantam rápido e forte para bater as 3 palmas finais (ta – palma 1, ca – palma 2, cá – palma 3).



Frase 6

“RIQUEZAS QUE FASCINAM. E ME FAZEM SENTIR PAIXÃO”

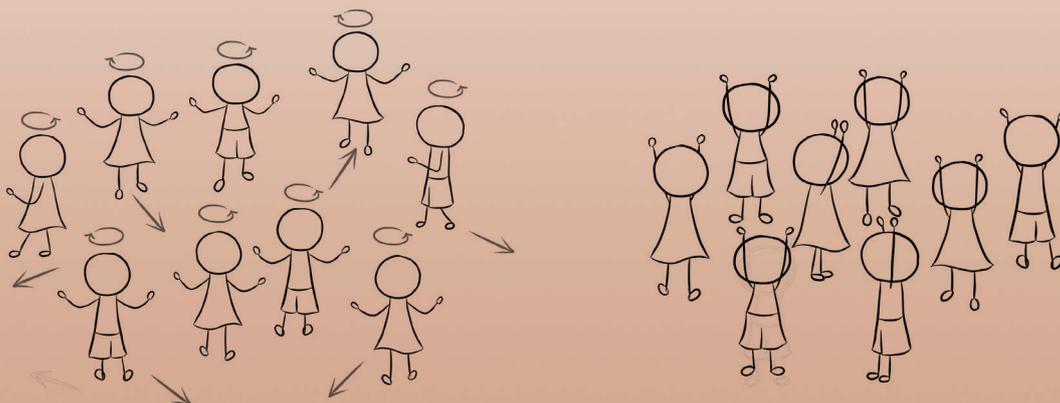
Movimento para o centro da roda, os dançarinos erguem o braço direito e vêm de perfil, movimentando também o quadril até os braços se aproximarem no meio.



Frase 7

“BELÉM, BELÉM. ÉS A JOIA DO PARÁ” { BIS

Giram livremente, várias vezes, em níveis e direções diferentes, espalhando-se por todo o espaço. Ao fim da música os braços são lançados para o alto e o olhar para cima.



FIGURINO



CRIAÇÃO: ÉZIA NEVES

O figurino representando o tacacá pode ser executado em tecido de algodão ou tacetel com estampa de fundo verde representando as folhas de jambu, com cuias com tacacá distribuídas sobre estas folhas. Para os meninos, uma bermuda branca e uma camisa com a estampa e babados brancos. Para as meninas, um vestido de saia rodada com babados nos ombros.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

No espaço cênico caracterizado por ruas, grupo de pessoas passeando pelas ruas da cidade de Belém, e admirando as belezas das paisagens (escolher um ou mais pontos turísticos da cidade), entre eles um casal, que demonstra curiosidade em conhecer o sabor do tacacá. No caminho avistam uma banca de iguarias paraenses, e se dirigem até as vendedoras, estabelecendo um diálogo poético educativo sobre a culinária paraense. Em seguida saboreiam seus pedidos e seguem passeando conhecendo a cidade. Dependendo do número de participantes, é indicado que se multiplique os grupos, abrindo possibilidades para outras referências históricas citadas.



BOTO COR DE ROSA

Reza a lenda que o Boto Cor de Rosa é uma das espécies que vivem nas águas barrentas do rio Amazonas. Ao anoitecer o Boto se transforma na figura de um lindo homem, vestido de branco, chapéu na cabeça e fala bem macia, o que mexe com o imaginário das moças que vivem às margens dos rios (ALEGRIA, 2010).

Um ritual de sedução acompanha o Boto Cor de Rosa; seu alvo são as moças que estão desacompanhadas nas festas. É preciso ter cuidado para não ser atraída por ele; quando isso acontece a jovem é levada para dentro do rio e seduzida pelo Boto Cor de Rosa. Antes de o dia clarear ele retorna às águas barrentas, transformando-se em animal. Após algumas semanas a jovem aparece grávida, daí então se diz ser “filho do Boto” (LENDA..., 2015).

Quando um rapaz de chapéu e roupa alvinha aparece na festa das comunidades ribeirinhas, e não é conhecido, pede-se que tire o chapéu para se ter certeza que não possui um furo no meio da cabeça, que na verdade é a narina do Boto, ou seja, por onde ele respira, toma o ar. Uma curiosidade: mesmo ele se transformando em homem o furo não desaparece da sua cabeça (LENDA..., 2016).

Cuidado! Lá vem o Boto Cor de Rosa, juro que vi.

BOTO COR DE ROSA

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Abril/2012

Letra: Cyane Pereira, Veruska Moreira e Lúcia Uchôa

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

OBS: Bater o ritmo com os pés.

The musical score is written in 7/4 time and consists of seven staves of music. The first staff contains a rhythmic pattern of eighth notes, with some notes marked with 'x' to indicate a specific sound effect. The lyrics are written below the notes. The score includes various chords such as Dm, Gm, A7, F, and C7. There are also performance instructions like '1.', '2.', 'Fine', and 'D.C. al Fine'. The lyrics are: 'Bo-to cor de ro-sa que vi-ve nes-sas á-guas, á-guas tão bar-ren-tas do Ri-o A-ma-zo-nas Á-guas tão bar-ren-tas do Ri-o A-ma-zo-nas Em noi-tes de lu-a E com seu cha-péu de chei-ae-le vi-ra ca-bo-clo a-le-gree for-te cui-da-do mo-ço lá pa-lhae-le faz sor-rir mo-ça bo-ni-tae jo-vem vem o a-ma-nhe-cer Vol-te pra-den-tro da á-gua eum Bo-to tor-nea ser. Ju-ro que vi, ju-ro que vi o Bo-to cor de ro-sa na-dan-do por a-qui. Ju-ro que vi, ju-ro que vi o Bo-to cor de ro-sa na-dan-do por a-qui'.

Ouçã agora 



Refrão

Boto Cor de Rosa
Que vive nessas águas,
Águas tão barrentas
Do rio Amazonas. } Bis

Em noites de lua cheia
Ele vira caboclo alegre e forte
E com o seu chapéu de palha
Ele faz sorrir moça
Bonita e jovem
Cuidado moço lá vem o amanhecer
Volte pra dentro da água
E um Boto torne a ser.

Juro que vi, juro que vi
O Boto Cor de Rosa
Nadando por aqui. } Bis

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: FILEIRAS

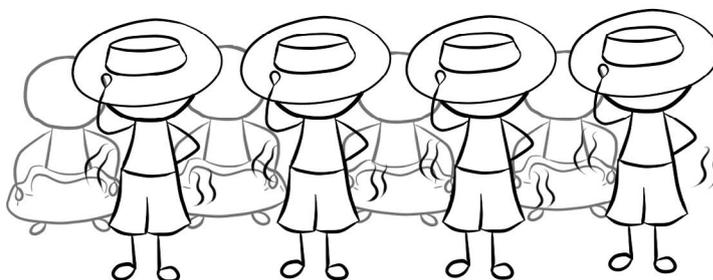
FILEIRA 1 - FILEIRA DOS BOTOS (NA CABEÇA UM CHAPÉU).

FILEIRA 2 - FILEIRA DAS MOÇAS (SAIA GRANDE E RODADA).

Refrão

**“BOTO COR DE ROSA, QUE VIVE NESSAS ÁGUAS,
ÁGUAS TÃO BARRENTAS, DO RIO AMAZONAS”** } Bis

Os Botos estão com o braço direito no chapéu e o braço esquerdo para trás, de cabeça baixa, e o corpo em movimento de ondulação das águas.

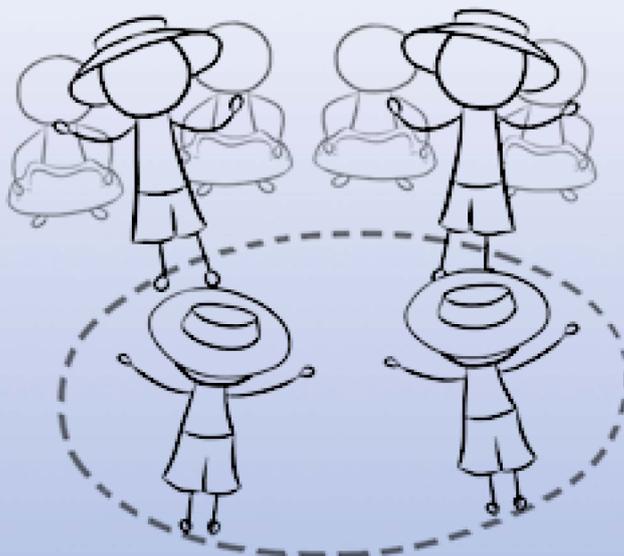


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA:

Frase 1

“EM NOITES DE LUA CHEIA, ELE VIRA CABOCLO ALEGRE E FORTE, E COM SEU CHAPÉU DE PALHA ELE FAZ SORRIR MOÇA BONITA E JOVEM”

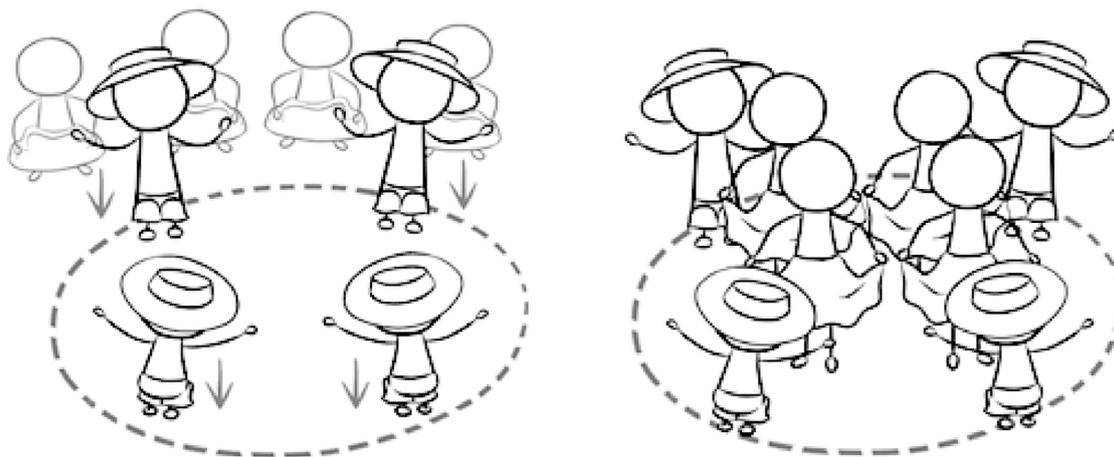
Os Botos fazem uma grande roda, abrem os braços nas laterais e caminham até o nível baixo.



Frase 2

“CUIDADO MOÇO LÁ VEM O AMANHECER. VOLTE PRA DENTRO DA ÁGUA, E UM BOTO TORNE A SER”.

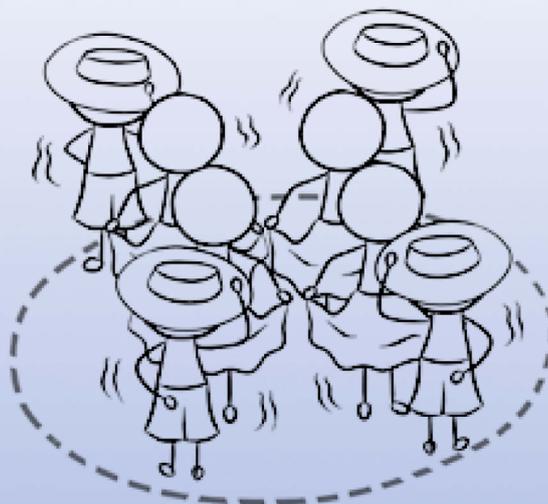
As moças estão desde o início da música movimentando as saias, em nível baixo (agachadas) atrás dos Botos. Nesta frase as moças vão para o centro da roda e giram com as saias abertas nas laterais e dançam com movimentos ondulados de quadril. Durante todo o movimento os Botos e as moças se focam em olhares.



Frase 3

“JURO QUE VI, JURO QUE VI. O BOTO COR DE ROSA, NADANDO POR AQUI” { BIS

Os dançarinos unem-se todos no centro, e dançam em pares. { BIS



FIGURINO



CRIAÇÃO: DIOGO RICHIER

O figurino dos meninos pode ser composto por bermuda rosa em tadel, camisa branca e gravata rosa, também em tecido tadel. O figurino das meninas pode ser composto por saia rodada em tadel branco com aplicação de babado de renda larga com fitilho rosa e passamanaria. A blusinha também em tadel rosa recebe renda similar à da saia nas mangas.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

No espaço cênico, caracterizado em um local às margens do rio Guajará, é dia de festa na comunidade, e uma família moradora da localidade convida seus amigos para festejar. Durante a festa, uma das moças sente o desejo de caminhar na beira do trapiche. No terreiro, todos dançam efusivamente, risos e cantos se ouvem ao longe. Um homem todo vestido de branco, nunca visto por lá, chama a atenção de todos. Minutos depois, Dona Francisca sente falta da sua filha. As pessoas começam a procurar - alvoroço, o homem de branco já não estava mais no terreiro. Seu Benedito (um dos mais velhos moradores do local) alerta para correrem até o trapiche. Quando chegam lá, avistam um homem se jogando no rio, e a moça enamorada, com os olhos fixo no rio, levanta, e caminha até Dona Francisca, que alerta todas as moças sobre o encantamento do Boto Cor de Rosa.



CHEIRO CHEIROSO

Uma das características de quem vive na Amazônia é ter sensibilidade para sentir o cheiro quem vem da floresta. As ervas, a mata, os animais, as raízes, a culinária e as frutas possuem cheiros exóticos, que são sentidos à distância. Há quem diga que no “Pará nada se esconde, pois tudo cheira longe”. A região produz a maior variedade de frutas tropicais do planeta (ATAKAN AMAZON, 2015).

Cheiro cheiroso é o que as frutas da Amazônia possuem de melhor, que invade as nossas narinas e dá água na boca. Das frutas com maior intensidade de cheiro destacamos o cupuaçu, o bacuri, o uxi e o umari; à medida que vão amadurecendo exalam um aroma que toma conta do ambiente. As frutas possuem um alto teor nutritivo, algumas também são usadas para produção de cosméticos e remédios (FRUTAS..., 2015).

Na região existe uma variedade de árvores frutíferas, que durante o ano, em períodos diferentes, dão seus frutos e estimulam o desenvolvimento da culinária local. Bombons, doces, cremes, biscoitos e sorvetes são os principais produtos fabricados a partir dos frutos da Amazônia.

Então, vamos nos deliciar!

CHEIRO CHEIROSO

Março 2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simei Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Ma ni-nho o chei-ro chei-ro-so che-gou Não a-di-an-ta guar-

4 REFRÃO: CORO CANTADO

dar É me-lhor a-pre-sen-tar A-go-raé só co-mer E sen-tir pra-zer. A-qui

8 C Dm G7 C1. C2.

tem chei-ro chei-ro-so chei-ro de na-tu re-za a-qui re-za Tem o

13

que? Tem a-ça - í Tem ba-cu ri e u-xi Tem mu-ru-ci Tem bu-ri-

18

ti e u-ma-ri Tem mais o que? Tem pu-pu-nha Tem pi-qui-

22

á e cas-ta-nha do Pa-rá Tem tu-cu-mã Tem i-na já e ta-pe-re-

26 C Dm G7 C1.

bá A-qui tem chei-ro chei-ro-so chei-ro de na-tu-re-za A-qui

31 C2.

re-za Issoé Pai d'é-gua Tem a-in-da cu-pu-a çu Tem ca-ma-pu-e a ju-

Ouçá agora 



2

CHEIRO CHEIROSO



ru Tem a-biu, ba-ca-ba, bi-ri - bá ca-ja - ra-na, cu-ti-te ca-ram - bo-la,



ja-ca, jam-bo, je-ni - pa-po, in - gá, sa-po-ti-lha, man-gae ma-ra-cu - jáPalma, palma!

REFRÃO

CORO FALADO: Cheiro da Amazônia, HUMMMMM!

CORO FALADO

Maninho, o cheiro cheiroso chegou
 Não adianta guardar
 É melhor apresentar
 Agora é só comer e sentir prazer

REFRÃO CANTADO

Aqui tem cheiro cheiroso
 Cheiro de natureza. {BIS

TEM O QUÊ? (Coro falado)

Tem açáí,
 Tem bacuri e uxi
 Tem muruci
 Tem buriti e umari

TEM MAIS O QUÊ? (Coro falado)

Tem pupunha,
 Tem piquiá e castanha do Pará
 Tem tucumã
 Tem inajá e taperebá

REFRÃO

Isso é pai d'égua! (Coro falado)

Tem ainda cupuaçu
 Tem camapu e ajuru
 Tem abiu, bacaba, biribá
 Cajarana, cutite, carambola,
 Jaca, jambo, jenipapo,
 Ingá, sapotilha, manga e maracujá!

PALMA, PALMA (gestos)

REFRÃO

CHEIRO DA AMAZÔNIA, HUMMMMM!
 (Coro falado)

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

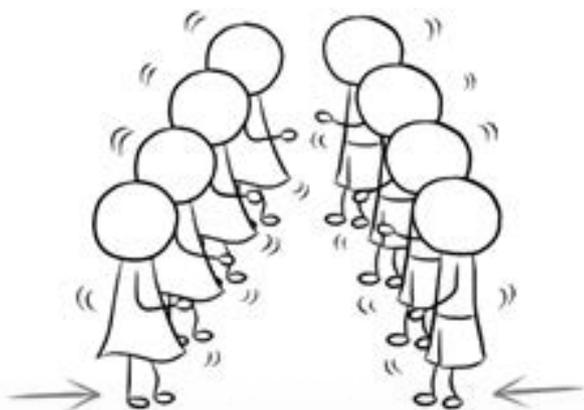
FORMAÇÃO: FILEIRAS (FILEIRA 1 E FILEIRA 2)

Os dançarinos, em suas fileiras, falam e cantam em coro, se aproximam e se distanciam, balançando o corpo em ritmo de RAP

Fileira 1

**“MANINHO, O CHEIRO CHEIROSO CHEGOU.
NÃO ADIANTA GUARDAR.
É MELHOR APRESENTAR”**

Movimento balanceado de corpo que aproxima as fileiras para o centro.



Fileira 2

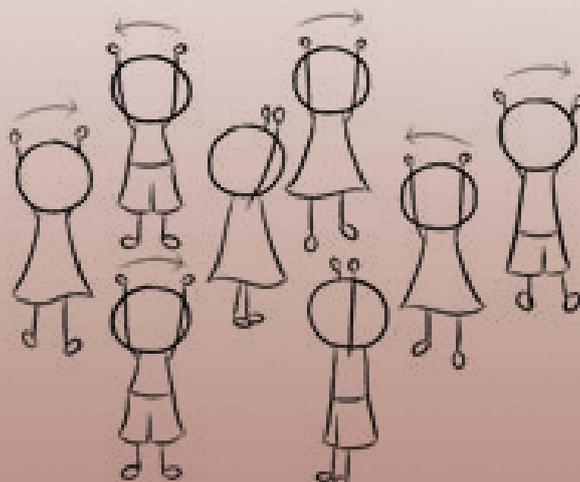
“AGORA É SÓ COMER E SENTIR PRAZER”

Movimento balanceado de corpo que afasta as fileiras para as laterais.



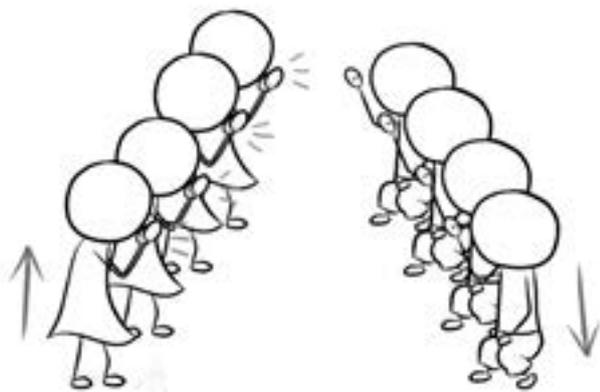
**REFRÃO CANTADO:
“AQUI TEM CHEIRO CHEIROSO.
CHEIRO DE NATUREZA” (BIS)**

Movimentando os braços, para a direita e para a esquerda, as mãos lançam os cheiros em várias direções do espaço e as fileiras se desfazem dançando livremente.

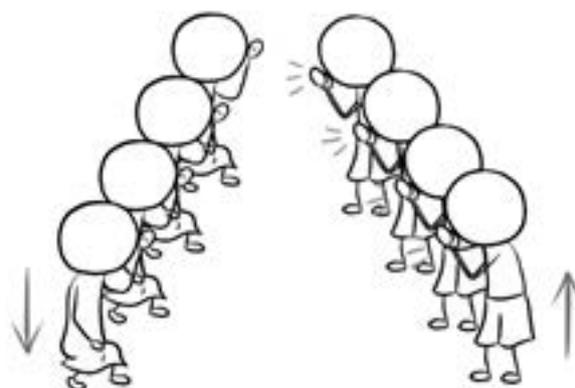


“TEM O QUÊ?”

(coro falado pela fileira 1)

**“TEM AÇAÍ, TEM BACURI E UXI. TEM MURUCI,
TEM BURITI E UMARI”****Fileira 1:** No nível alto, inclina o tronco para frente e fala.**Fileira 2:** No nível baixo, inclinam-se os ouvidos para escutar.**“TEM MAIS O QUÊ?”**

(coro falado pela fileira 2)

**“TEM PUPUNHA, TEM PIQUIÁ E CASTANHA DO
PARÁ. TEM TUCUMÃ, TEM INAJÁ E TAPEREBÁ.”****Fileira 1:** No nível baixo, inclinam-se os ouvidos para escutar.**Fileira 2:** No nível alto, inclina o tronco para frente e fala.**REFRÃO CANTADO:****“AQUI TEM CHEIRO CHEIROSO. CHEIRO DE
NATUREZA”. { BIS**

Movimentando os braços, para a direita e para a esquerda, as mãos lançam os cheiros em várias direções do espaço e as fileiras se desfazem dançando livremente.

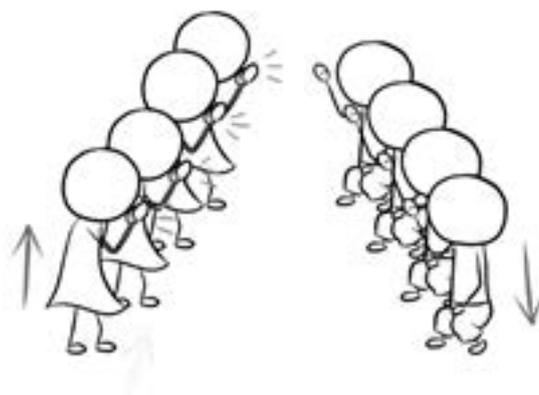


“ISSO É PAI D’ÉGUA!”
(coro falado pela fileira 1)

**“TEM AINDA CUPUAÇU.
TEM CAMAPU E AJURU.”**

Fileira 1: No nível alto, inclina o tronco para frente e fala.

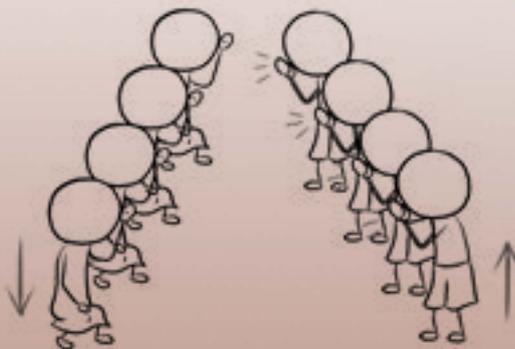
Fileira 2: No nível baixo, inclinam-se os ouvidos para escutar.



**“TEM ABIU, BACABA, BIRIBÁ.
CAJARANA, CUTITE, CARAMBOLA”**
(coro falado pela fileira 2)

Fileira 1: No nível baixo, inclinam-se os ouvidos para escutar.

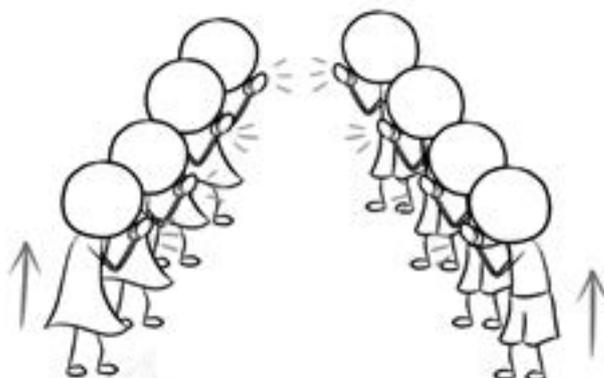
Fileira 2: No nível alto, inclina o tronco para frente e fala.



“JACA, JAMBO, JENIPAPO. INGÁ, SAPOTILHA, MANGA E MARACUJÁ!”

Fileira 1: No nível alto, inclina o tronco para frente e fala.

Fileira 2: No nível baixo, inclinam-se os ouvidos para escutar.



REFRÃO CANTADO:
“AQUI TEM CHEIRO CHEIROSO.
CHEIRO DE NATUREZA”. { BIS

Movimentando os braços, para a direita e para a esquerda, as mãos lançam os cheiros em várias direções do espaço e as fileiras se desfazem dançando livremente.

“CHEIRO DA AMAZÔNIA, HUMMMMMMMMM!”

(coro falado por todos)

FIGURINO



CRIAÇÃO: LUCAS BELO

Representando o vendedor de ervas, o figurino masculino traz um chapéu de palha com uma cesta com as preciosas ervas no topo da cabeça, uma calça branca em tecido leve com faixa em tecido tactel de cor terrosa. Acima do tornozelo a calça recebe faixa no mesmo tom da cintura, com sobreposição da cestaria.

O figurino feminino recebe turbante em tecido de cor terrosa, no mesmo tom do figurino masculino, com cesta de ervas similar. O top é drapeado em tecido leve na mesma cor do turbante. A saia de pala em tecido leve branco plissado sobreposta a uma saia em tecido cru com acabamento de cestaria e complementada por calça branca similar na barra à masculina.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

No espaço cênico, grupo de pessoas caminhando pelo Ver-o-Peso são atraídas pelos aromas do local, levam a cabeça em várias direções, inspirando e demonstrando sentir os bons cheiros do local; entre os vários cheiros que exalam no centro turístico de Belém, alguns se destacam. Em barracas variadas, os vendedores chamam (com voz forte e entusiasmados) os fregueses para provarem os sabores de algumas frutas, sentir o cheiro do banho cheiroso e experimentar os banhos atrativos. Há diálogos entre os personagens, com perguntas e respostas entre vendedores(as) e clientes; estes experimentam, compram e seguem o passeio conhecendo mais coisas do local, que abriga uma grande variedade de personagens que conversam entre si.





CHUVA

Diz um dito popular sobre o clima da Amazônia que no “verão chove todo dia e no inverno chove o dia todo”, de modo que todos os dias temos chuvas em horários variados e, algumas vezes, mais de uma vez por dia. Temos, portanto, chuva das duas, chuva das três, chuva das quatro e até chuva das seis (MORAES, 2013).

O horário habitual de a chuva cair é vespertino, incorporando-se essa ideia à cultura local, chegando ao ponto dos encontros serem marcados para antes ou depois da chuva.

Quando ela resolve cair, sai de baixo, é pau d’água, o tempo fecha, deixando a cidade quase que no escuro. A chuva é rápida e forte, acompanhada de uma ventania que deixa qualquer belemense assustado. A sombrinha nem sempre adianta, pois é geralmente arrancada das mãos pelo vento forte, deixando as pessoas molhadas e sempre muito aborrecidas. Mas logo tudo passa e de novo o sol volta a brilhar (MORAES, 2013).

CHUVA

Junho/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

LETRA: Lúcia Uchôa e Simei Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

REFRÃO

Chu - va das du - as, chu - va das três chu - va das

qua - tro, chu - va das seis Chu - va das seis 1. A chu - va cai a - la - gaa ci -

da - de ven - to ba - lan - ça prá lá e prá cá. A chu - va cá Chu - va das

2. Abro a sombrinha
Fico assustado
Corro pro lado e
Corro pro outro
(Refrão)

3. O tempo escurece
O toró desaba
A gente se molha
Depois tudo passa
(Refrão)

Ouçá agora 



Refrão

Chuva das duas,
Chuva das três,
Chuva das quatro,
Chuva das seis

} Bis

A chuva cai
Alaga a cidade
Vento balança
Pra lá e pra cá.

} Bis

Refrão

Abro a sombrinha
Fico assustado
Corro pro lado
E corro pro outro.

} Bis

Refrão

O tempo escurece
O toró desaba
A gente se molha
Depois tudo passa.

} Bis

Refrão

Chuva das duas,
Chuva das três,
Chuva das quatro,
Chuva das seis

} Bis

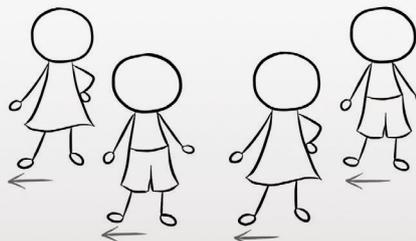
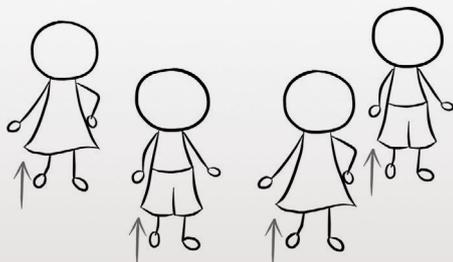
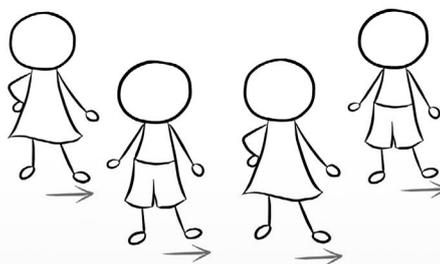
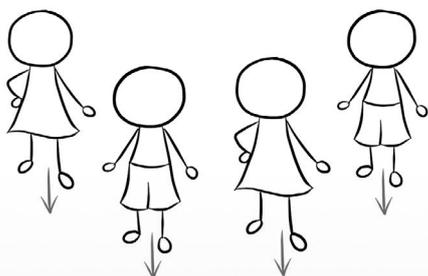
ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: LIVRE

Refrão

“CHUVA DAS DUAS, CHUVA DAS TRÊS, CHUVA DAS QUATRO, CHUVA DAS SEIS”.

Os dançarinos se movem desenhando um quadrado a cada hora citada. Perna direita para frente e depois para a lateral direita. Perna esquerda para trás e depois para a lateral esquerda. {Bis

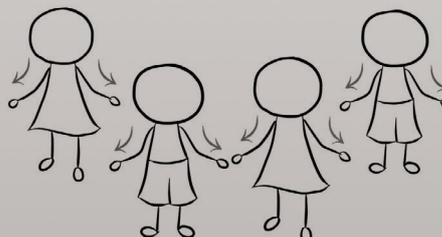
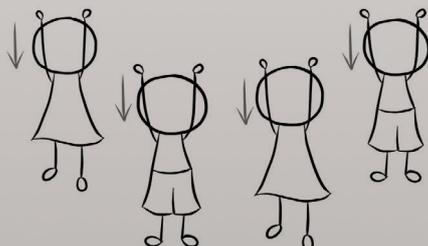


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA

Frase 1

“A CHUVA CAI ALAGA A CIDADE”.

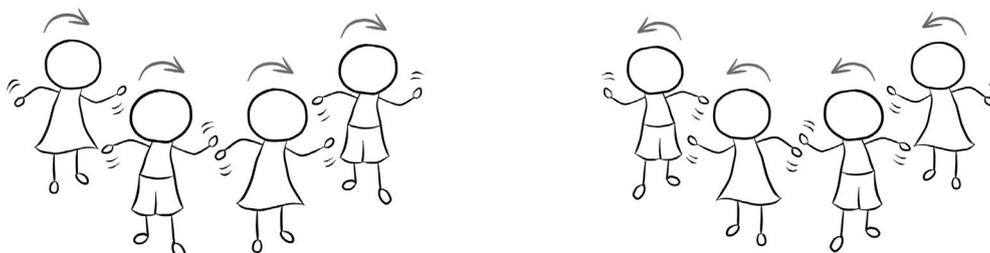
Os dançarinos se movem desenhando um quadrado a cada hora citada. Perna direita para frente e depois para a lateral direita. Perna esquerda para trás e depois para a lateral esquerda. {Bis



Frase 2

“VENTO BALANÇA PRA LÁ E PRA CÁ”.

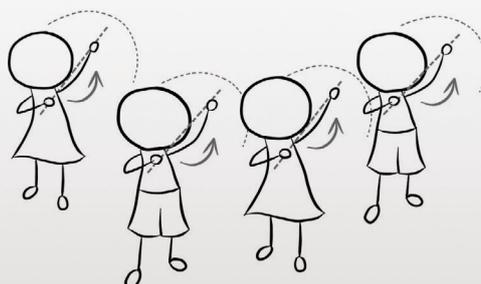
Com os braços livres os dançarinos indicam o vento, e junto com o balanço do corpo inclinam-se de um lado para o outro. {Bis



Frase 3

“ABRO A SOMBRINHA, FICO ASSUSTADO”. {BIS

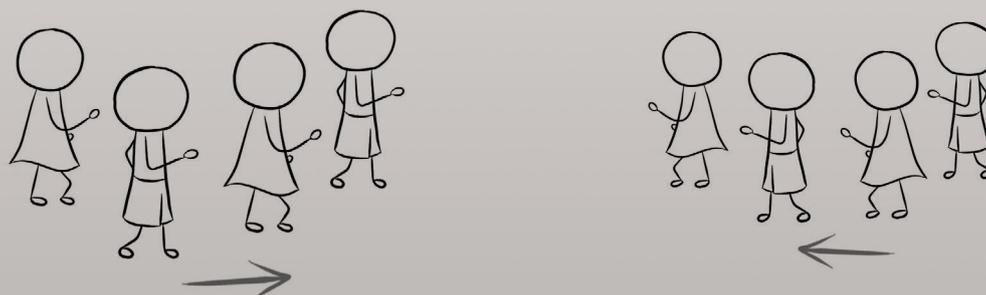
No movimento de abrir a sombrinha, dançarinos elevam os braços para o nível alto com a expressão de susto.



Frase 4

“CORRO PRO LADO E CORRO PRO OUTRO”.

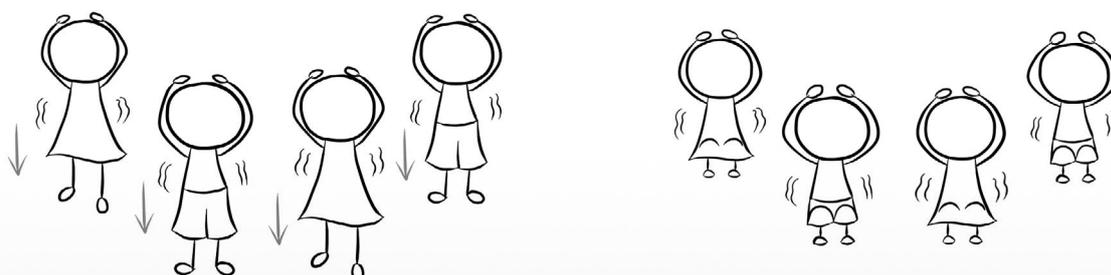
Dançarinos correm para a lateral direita e depois para a lateral esquerda.



Frase 5

“O TEMPO ESCURECE, O TORÓ DESABA”.

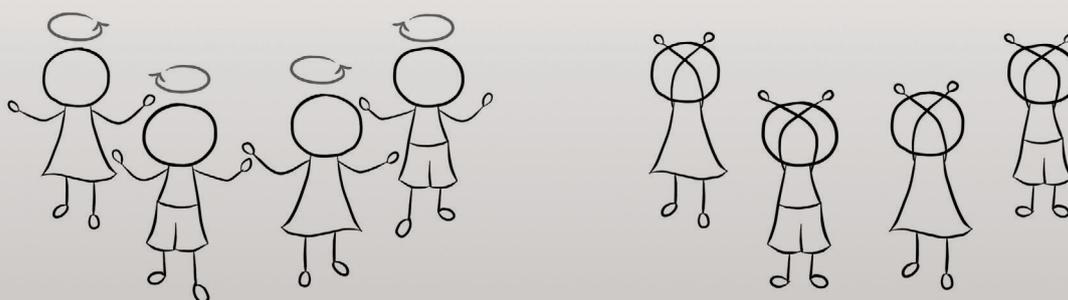
Com os braços elevados acima da cabeça, os dançarinos fazem um arco com as mãos (fechando o tempo), em seguida todo o corpo vai sacudindo em direção ao nível baixo.



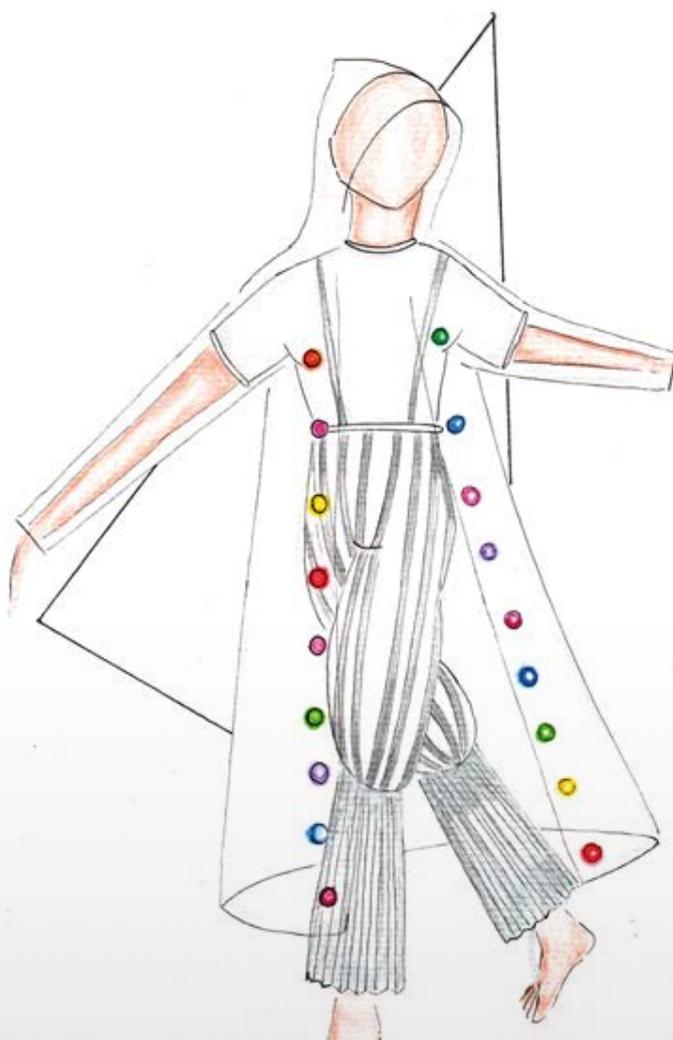
Frase 6

“A GENTE SE MOLHA, DEPOIS TUDO PASSA”. {BIS

Os dançarinos realizam um giro no eixo vertical e terminam com os braços no nível alto em forma de X.



FIGURINO



CRIAÇÃO: LUCAS BELO

O figurino que representa a chuva da tarde pode ser composto por camiseta básica branca e calça de cintura alta em gorgurinho listrado de branco e cinza com acabamento franzido abaixo do joelho, recebendo suspensório cinza e capa de chuva em plástico transparente com botões coloridos dando acabamento ao traje.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Três amigos (cada um em local diferente), ligam e marcam um encontro com outros amigos. O diálogo entre eles é sobre o horário que se dará o encontro, pois há preocupação com a chuva. Em uma praça da cidade, os amigos vão chegando aos poucos, o encontro é animado, com muitos abraços, risos e conversas sobre suas atividades escolares, família, amores. Em dado momento, um deles avisa que a chuva está chegando, há alvoroço. Entre os amigos, um levou guarda-chuva, e outro uma capa, eles travam uma animada disputa para o uso dos objetos. A chuva cai e a maioria deles cede ao prazer de um bom banho de chuva, brincam de roda, cantam, se abraçam, enquanto outros ficam observando e interagindo sob a proteção do guarda-chuva.



CURUPIRA

O Curupira é uma figura folclórica que protege a floresta e os animais, tem o cabelo de fogo, é orelhudo, tem extraordinária força física, pode ter os dentes azuis ou verdes. Os pés virados para trás constituem uma estratégia para enganar caçadores e viajantes, tirando-os da direção certa, deixando-os perdidos na floresta; ao perceber que estão amedrontados, produz assobios e sinais falsos para deixar os invasores mais assustados e perdidos (A LENDA..., 2017).

O Curupira deixa mundiado aqueles que ousam destruir a mata e ou caçar animais. Gosta de receber presentes como alimentos, flechas, abanadores e penas, e é comum os índios e moradores da floresta deixarem tais objetos como oferenda para que o Curupira não faça nenhum mal a eles.

Ele é brincalhão, mas pode ficar enfurecido caso a floresta seja afetada; vira uma fera impiedosa se as árvores e os animais sofrerem algum dano. Ele cuida tão bem das árvores que periodicamente visita cada uma para saber se elas estão firmes e sem pragas, resistentes para suportarem novos tempos de chuva (CURUPIRA, 2015).

CURUPIRA

Abril/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Ana Cláudia Souza, Dayane da Silva, Ivone Andrade,
Lúcia Uchôa, Luciléia Silva, Luís Carlos Oliveira e Vanderlene Viégas

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

(Lento) Introdução

Um le-nha - dor des-tru-i-

5 dor En-trou na ma-ta a-pres-sa-doe en-con-trou, o quê? O cu-ru - pi - ra, o cu-ru-

9 pi - ra, o cu-ru - pi - ra, que da ma-taé de-fen - sor Vou pe-gar o le-nha-

12 dor que a ma-ta der-ru - bou fu-ja lo-go, fu-ja lo - go, que o de-fen-sor che-

15 gou. Cu - ru - pi - ra!

Ouçã agora 



Um lenhador, destruidor
Entrou na mata
Apressado e encontrou.

O quê? (falado)

O Curupira, o Curupira, o Curupira
Que da mata é defensor.

Vou pegar o lenhador
Que a mata derrubou
Fuja logo, fuja logo
Que o defensor chegou!
Curupira (falado)

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: RODA

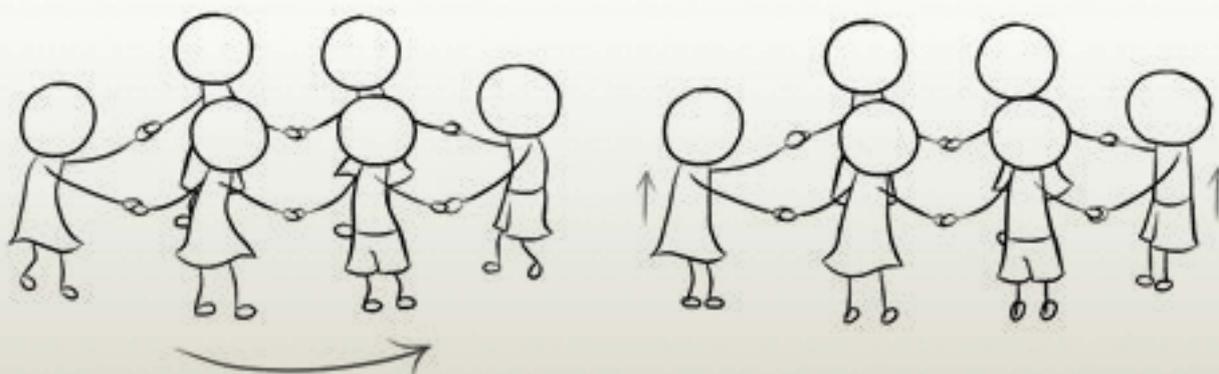
Frase 1

“UM LENHADOR, DESTRUIDOR. ENTRou NA MATA, APRESSADO E ENCONTROU”.

Movimento com tronco arqueado para frente, andam de mãos dadas para o lado direito em roda, começando em tempo lento e vai acelerando.

“O QUÊ?”

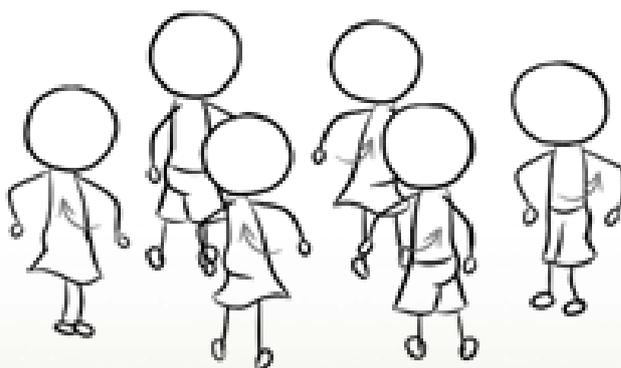
Todos gritam subindo os corpos para o nível alto.



Frase 2

“O CURUPIRA, O CURUPIRA, O CURUPIRA. QUE DA MATA É DEFENSOR”.

Movimento de torção do tronco, braços e pernas. Os dançarinos começam a interpretar a figura do Curupira, com expressões faciais de mistério e força física de um protetor da grande floresta. Cada um interpreta o personagem Curupira a seu modo.

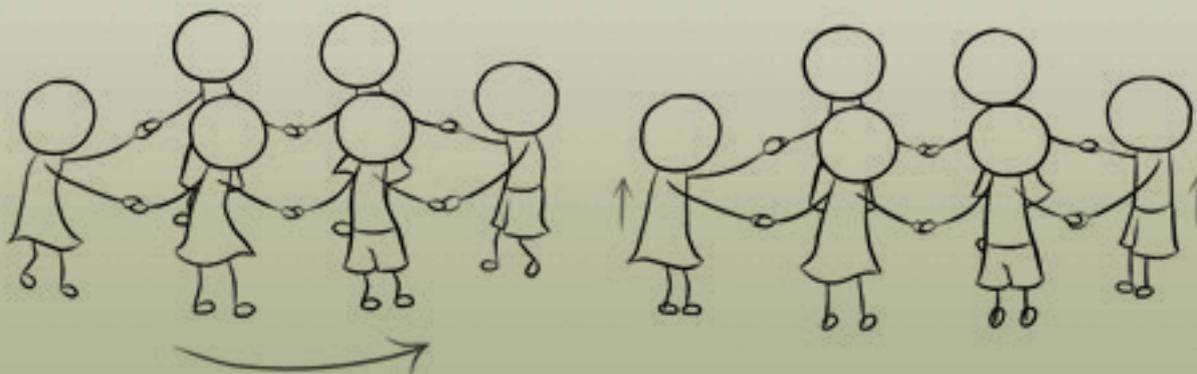


Frase 3

**“VOU PEGAR O LENHADOR. QUE A MATA DERRUBOU.
FUJA LOGO, FUJA LOGO. QUE O DEFENSOR CHEGOU!”**

“CURUPIRA”

Movimento com tronco arqueado para frente, os dançarinos Curupiras de mãos dadas aceleram o movimento em roda, cantando e celebrando juntos. Ao fim da música todos, em coro, gritam: Curupira.



FIGURINO



CRIAÇÃO: THAÍS SALES

O traje do Curupira é uma peça única, justa, em malha vermelha e verde. Há detalhes nas barras com bastante volume que devem cobrir partes dos pés para o efeito de pés-virados que caracteriza a personagem. Tais detalhes, presentes também nas mangas, devem ser feitos em diferentes cores para remeter a folhas, novas e secas, como o verde, o marrom e o mostarda, preferencialmente em tecido, para dar movimento.

Os cabelos vermelhos devem ser feitos com uma peruca curta, de fios lisos, bastante volumosa nas laterais, com franja. Algumas folhas do mesmo molde aplicadas à barra devem ser aplicadas aleatoriamente nos fios para dar unidade.

A maquiagem do rosto remete a motivos indígenas. É indicado o uso de pancake verde, vermelho e preto. Como adereço, o Curupira carrega consigo algo como um cipó, que pode ser feito de sisal ou em tecido torcido.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Um grupo de homens (empresários, latifundiários), chegam em uma cidade com o propósito de explorar as matas, com interesse de identificar e levar as folhas medicinais para a cidade grande. Os moradores do local tentam dialogar sobre a importância de não devastar a floresta. Os exploradores não dando atenção e, não se importando com o aviso, entram nas matas, avisando que ninguém vai impedir a ação deles. Há um grande alvoroço e agitação entre todos no local; o grupo pega seu material, entre estes uma motosserra, e invadem a floresta dialogando sobre algumas árvores que poderiam derrubar. Tempo depois, quando se aproximam de um igarapé, começam a ficar assustados com o som de passos, assobios não identificados por eles; os homens olham ao redor e nada veem, os sons ficam cada vez mais próximos, um forte vento balança violentamente as árvores. Apavorados entreolham-se e perguntam se estão ouvindo os assobios e passos, um deles grita: é o Curupira! E todos correm desesperados em direção à cidade.





LAMENTO DA AMAZÔNIA

A floresta Amazônica chora sua destruição por madeireiros, grileiros, grandes projetos internacionais que retiram do seu chão suas riquezas minerais. Ameaçada constantemente por queimadas criminosas e pelo desmatamento, a Amazônia deixa para a população nativa um rastro de destruição e pobreza. A abertura de estradas, o corte de árvores para a produção de madeira e o avanço da pecuária e agricultura pelo meio da mata são os principais vilões da destruição da Amazônia (AMAZÔNIA..., 2015).

PRESERVAR é o grito dos povos da floresta, camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, assentados, atingidos por barragens, populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia, que lutam para manter a floresta de pé, pois é um bem de todos.

Os conflitos sociais, gerados em grande parte pela exploração predatória e ilegal da madeira, têm causado insegurança à população e levado muitas lideranças que lutam contra a devastação da floresta a viverem escondidas diante das ameaças que sofrem, outras chegando mesmo a tombarem, atingidas nas emboscadas (PAQUETE, 2011).

As hidrelétricas e o garimpo também têm afetado a vida de muitas comunidades, principalmente as indígenas. Elas não têm sido ouvidas, e o resultado são conflitos sangrentos com mortes e total desrespeito à dignidade humana.

Enfim, pensar a Amazônia é pensar em um modelo de desenvolvimento que respeite o meio ambiente e as pessoas que nela vivem.

LAMENTO DA AMAZÔNIA

Março/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: **Lúcia Uchôa e Simeí Andrade**

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Poema (recitado):

Amazônia viva, lugar de vida.
Vida consagrada na fauna, na flora e no homem da floresta.
Viva a vida, queremos paz!
Precisamos do teu cheiro, do teu chão, do teu verde.
Te desejamos, como quem deseja só viver, só te sentir.

Introdução

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of one flat (Bb). It consists of four staves of music. The first staff is an introduction with a repeat sign. The lyrics are: 'A - ma - zô - nia cho - ra A - ma - zô - nia gri - ta'. The second staff starts at measure 8 and has lyrics: 'A flo - res - ta quer fi - car de pé é um bem de to - dos nós e pre - ser - var a ma - taé a sa -'. The third staff starts at measure 15 and has lyrics: 'í - da pa - raa har - mo - ni - a, Ho - mem na - tu - re - za jun - tos po - dem mui - to'. The fourth staff starts at measure 22 and has lyrics: 'A - ma - zô - niaé nos - sa A - ma - zô - niaé nos - sa!'. Chord symbols (Dm, Gm, A7, Bb) are placed above the notes.

A - ma - zô - nia cho - ra A - ma - zô - nia gri - ta

8 A flo - res - ta quer fi - car de pé é um bem de to - dos nós e pre - ser - var a ma - taé a sa -

15 í - da pa - raa har - mo - ni - a, Ho - mem na - tu - re - za jun - tos po - dem mui - to

22 A - ma - zô - niaé nos - sa A - ma - zô - niaé nos - sa!

Ouçã agora 



Poema (recitado):

*Amazônia viva, lugar de vida.
Vida consagrada na fauna, na flora e no homem da floresta.
Viva a vida, queremos paz!
Precisamos do teu cheiro, do teu chão, do teu verde.
Te desejamos, como quem deseja só viver, só te sentir.*

Amazônia chora
Amazônia grita
A floresta quer ficar de pé
É um bem de todos nós
E preservar a mata é a saída
Para a harmonia
Homem natureza
Juntos podem muito
Amazônia é nossa
Amazônia é nossa!

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: LIVRE

NESTA COREOGRAFIA OS DANÇARINOS REPRESENTAM A FAUNA E A FLORA DA AMAZÔNIA. É O PRÓPRIO HOMEM-NATUREZA COM SEU CANTO/DANÇA DE LAMENTO.

LIVRES NO ESPAÇO, A COREOGRAFIA SERÁ DIVIDIDA EM DOIS MOMENTOS:

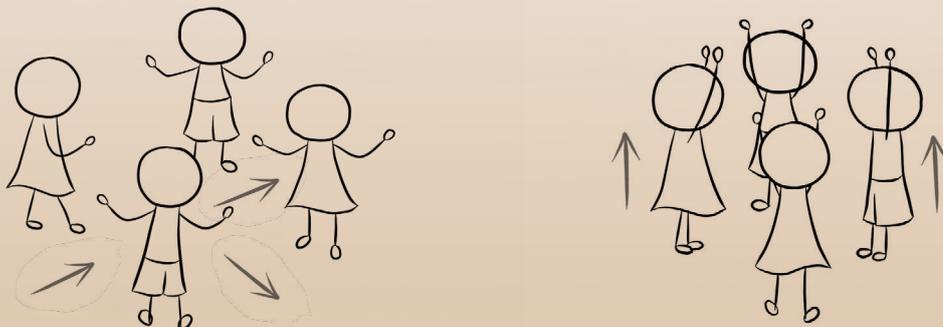
1º momento

Os dançarinos iniciam no nível baixo (agachados) e com expressão de lamento se movimentam em subidas e descidas, alternando, passando por todos os níveis (baixo, médio e alto), expressando sentimentos de dor, tristeza, inseguranças e aflições pelos crimes de desmatamento, queimadas e ameaças exploratórias ilegais na Amazônia.



2º momento

Os dançarinos caminham entre si, se olhando e estendendo os braços por onde passam, como um pedido de socorro até que toda a fauna e flora se unem, no centro, e formam a grande floresta, que juntas expressam a força e alegria, elevando os braços para o alto, conseguem se preservar e produzir vida.



FIGURINO





CRIAÇÃO: M. SAWAKI

O figurino foi inspirado na fauna e flora amazônicas. O feminino representa a flora e é composto por macacão de manga longa em malha na cor verde, recebendo uma gola em forma de flor a ser executada em tecido esponjado. Os punhos recebem um retalho de voil com cipós e flores subindo pela manga.

O figurino masculino representa a fauna e é composto por um macacão em malha, cuja cor será determinada pelo tipo de animal – a onça, o macaco, o pássaro ou outro. A cabeça poderá ser um capuz removível contendo as orelhas, a juba ou a crista do animal.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Representantes de várias instituições estão reunidos em plenária, para debater sobre os rumos de sua cidade, entre eles, camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados, que enfrentam a ação dos madeireiros, grileiros e multinacionais. Enquanto ocorre a reunião, gritos de protestos e reivindicações são ditos por grupo de pessoas que estão do lado de fora, em passeata, com cartazes na mão e dando gritos de ordem. Em dado momento, as pessoas que estão protestando param e reúnem entre eles, falando sobre as reais necessidades dos moradores, e escolhem três participantes no grupo para representarem a comunidade na reunião. Os três escolhidos entram no local da reunião e começam a debater as questões necessárias para o bem da comunidade (os temas podem ser variados).



LENDA DO AÇAÍ

Há muito tempo havia na Amazônia uma tribo numerosa, que habitava o lugar onde hoje se localiza a cidade de Belém, capital do estado do Pará. Havia muitos índios, principalmente mulheres e crianças. A região passava por um período de escassez de frutas, caças e peixes, deixando os guerreiros em dificuldade para conseguir alimentos para todos os integrantes da comunidade, encontrando às vezes apenas algumas raízes, que não eram suficientes para alimentar a todos (AÇAÍ, 2017; ANGELOTTI, 2015a).

O cacique, então, determinou que a partir daquela data toda criança que nascesse seria imolada, já que não tinha comida para alimentar toda a tribo. Tal decisão causou tristeza às mulheres grávidas, que choravam dia e noite. A filha do cacique, laçá, também estava grávida, e seu bebê, uma linda menina, também não foi poupado pelo avô, sendo sacrificado. laçá soluçava todas as noites com saudades da filha, até o dia em que ouviu um choro de criança. Assustada, resolveu investigar de onde vinha aquele pranto tão delicado, que mais parecia uma melodia. Olhou para os lados e com os ouvidos bem atentos conseguiu perceber que o choro vinha de uma palmeira há poucos metros da aldeia (AÇAÍ, 2017; ANGELOTTI, 2015a).

A índia começou a caminhar na direção da palmeira e, chegando mais perto, avistou um vulto, que reconheceu ser a sua filha, sim, aquela que fora sacrificada pelo avô. laçá abraçou sua filha com muito amor, porém a criança desapareceu na noite, como uma fumaça.

Ao amanhecer os guerreiros encontraram laçá morta, abraçada à palmeira, com um sorriso nos lábios e os olhos negros abertos olhando para o alto da palmeira, que estava com vários cachos cheios de frutinhas roxo-escura grudadas.

O cacique, ainda abatido com a morte de sua filha, mandou que os frutos fossem colhidos, e ficou pensando no que fazer com aquelas frutinhas. Triste e pensativo, começou a amassar os caroços em sua mão, e de repente percebeu que deles saía uma polpa roxo-escura. Tentou outras vezes, acrescentado água, então o resultado foi um vinho muito saboroso, aprovado por todos (AÇAÍ, 2017; ANGELOTTI, 2015a).

Assim, o cacique descobriu uma maneira de alimentar a tribo. O sacrifício de matar as crianças foi abolido e em homenagem ao deus Tupã e laçá, o fruto ficou conhecido como Açaí, o nome de laçá escrito ao contrário.

LENDA DO AÇAÍ

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Abril/2012

Letra: Heberton Lobato, Simone Mouta, Juhlly Moraes,
Rosângela Cohen, Rosemary Andrade e Welia Araújo

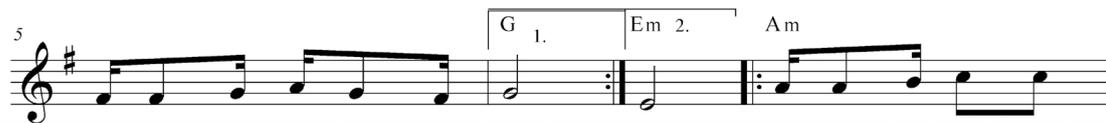
Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Bm Em B7



1. Em u - ma tri - bo dis - tan - te
2. Um sa - cri - fí - cio cons - tan - te

5



o a - li - men - toa - ca - bou - Cho - ra ca - ci - que
o ca - ci - que or - de - nou _____

9



cho - ra Ia - çá Cho - ra o po - vo de lá Cho - ra o po - vo de lá

14



O a - çá - i éa li - men - to que a tri - bo en - con - trou Vi - va ca - ci - que
In - dia Ia - çá viu a fi - lha e a - le - gri - a che - gou _____

20



Vi - va Ia - çá Vi - va o po - vo de lá! Vi - va o po - vo de lá!

Ouçá agora 



Em uma tribo distante
O alimento acabou
Um sacrifício constante
O Cacique ordenou

Chora Cacique
Chora laçá
Chora o povo de lá! } Bis

O açaí é alimento
Que a tribo encontrou
Índia laçá viu a filha
E alegria chegou.

Viva Cacique
Viva laçá
Viva o povo de lá! } Bis

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

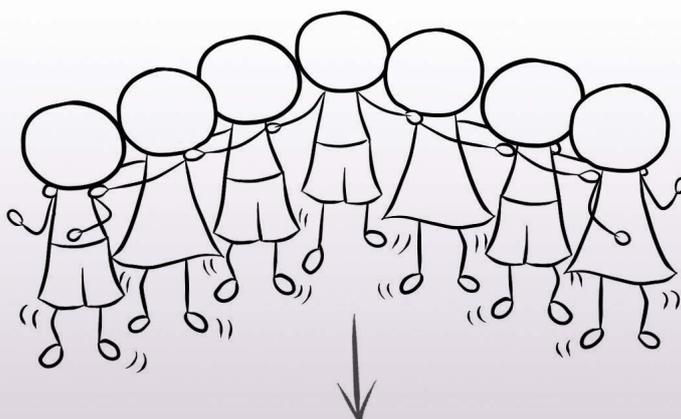
FORMAÇÃO: PIRÂMIDE

OS DANÇARINOS INICIAM NA PARTE DE TRÁS DO ESPAÇO, TODOS JUNTOS, FORMANDO UMA PIRÂMIDE, COM OS BRAÇOS ERGUIDOS PARA FRENTE, UM NO OMBRO DO OUTRO. O MOVIMENTO COM OS PÉS SEMPRE EM RITMO DE TOADA INDÍGENA ACOMPANHA AS SEGUINTE FRASES:

Frase 1

**“EM UMA TRIBO DISTANTE. O ALIMENTO ACABOU.
UM SACRIFÍCIO CONSTANTE. O CACIQUE ORDENOU”.**

Movimento do corpo balanceado, para a direita e esquerda, com o peso forte da batida de pés no chão, os dançarinos vêm caminhando, em pirâmide, da parte de trás do espaço até ao centro.



Refrão 1

“CHORA CACIQUE. CHORA IAÇÁ. CHORA O POVO DE LÁ!”.

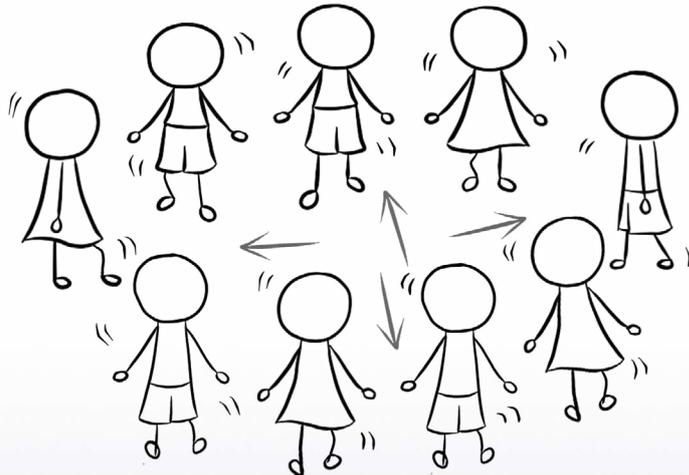
Movimento do corpo balanceado, para frente e para trás, lançando tronco e cabeça em nível médio. O pé direito acompanha o movimento, com o peso forte da batida no chão para frente e para trás.



Frase 2

**“O AÇAÍ É ALIMENTO. QUE A TRIBO ENCONTROU.
ÍNDIA IAÇÁ VIU A FILHA. E ALEGRIA CHEGOU”.**

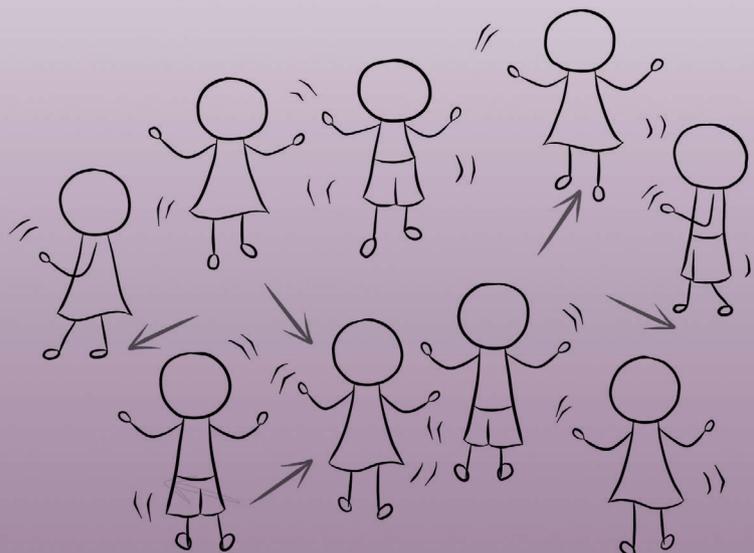
Movimento do corpo balanceado, para a direita e esquerda, com o peso forte da batida de pés no chão, os dançarinos caminhando da pirâmide que está no centro para a periferia do espaço formando uma grande roda.



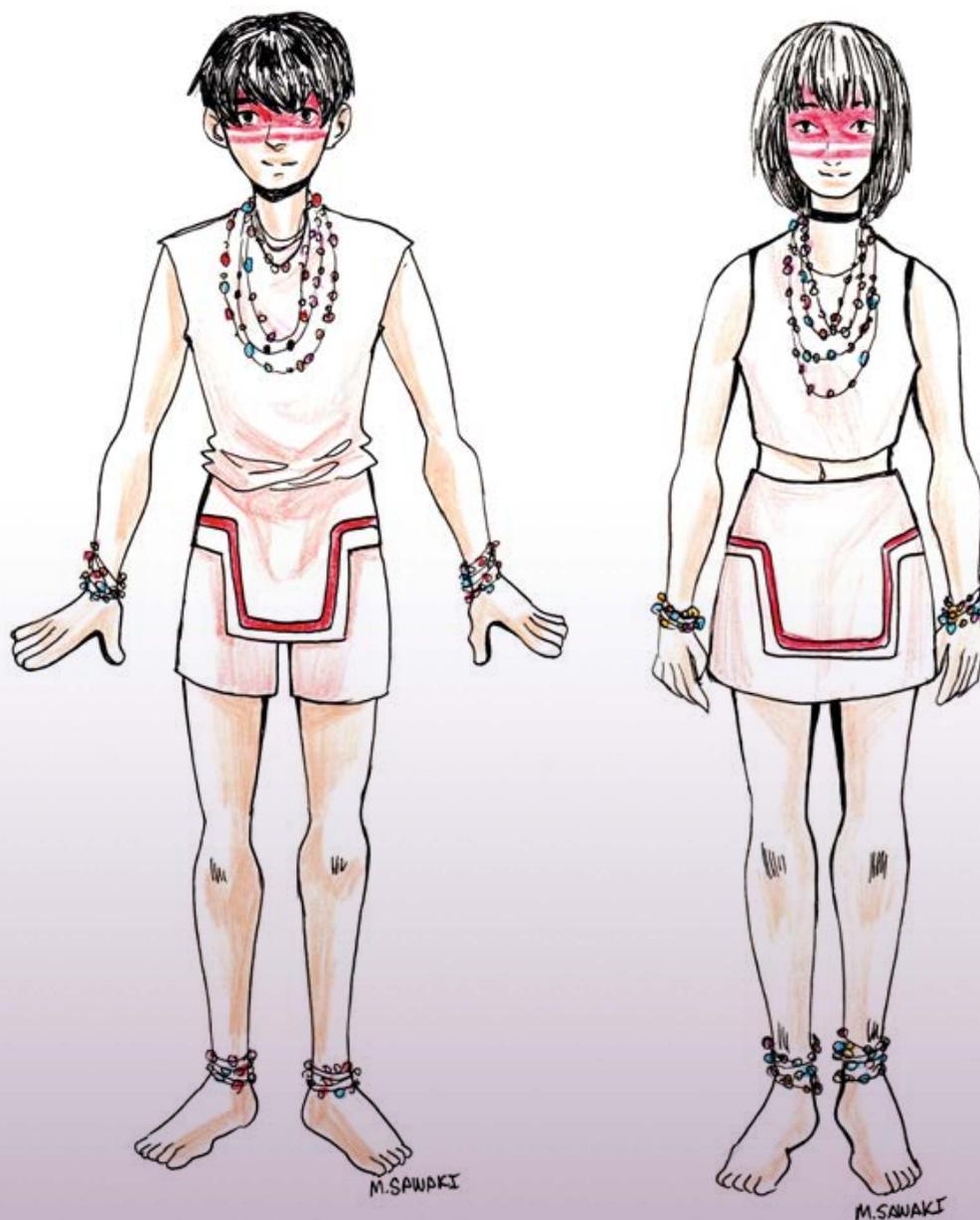
Refrão 2

“VIVA CACIQUE. VIVA IAÇÁ. VIVA O POVO DE LÁ!”.

Dançando livremente e em direções diferentes, espalhando-se por todo o espaço, os dançarinos celebram com alegria a colheita do açaí. Ao fim da música os braços são lançados para o alto e olhar para cima.



FIGURINO



CRIAÇÃO: M. SAWAKI

O figurino, inspirado nos povos indígenas, pode ser executado em tecido leve como o algodão cru. Os acessórios são compostos de miçangas e sementes. A pintura do rosto, na cor vermelha, traz desenhos indígenas.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Uma família está reunida aguardando para almoçar (sugestão de vários personagens, em volta da mesa), os filhos conversam e reclamam que estão com fome, a mãe responde, dizendo que assim que o marido voltar servirá o almoço. Segundos depois ele (o marido) entra, e diz que conseguiu comprar o açaí, mas que não foi fácil, pois alguns vendedores estão monopolizando, e vendendo mais caro. Enquanto ela serve o almoço, os dois vão conversando e contando para os filhos como é feita a colheita no açaizeiro, e como se tornou tão importante para todos da região, pois para muitas famílias o açaí é o alimento mais valioso em quase todas as comunidades ribeirinhas.



LENDAS AMAZÔNICAS

A **Amazônia**, floresta encantada pelo imaginário popular, tem uma característica que marca sua história como um local protegido por deuses, figuras lendárias protetoras de suas riquezas naturais, fauna e flora.

Cobra Grande, Boto e Curupira são algumas das lendas existentes na região Amazônica. Estes personagens têm a função de proteger e preservar a mata contra os invasores, aqueles que depredam a floresta, matam seus animais ou os apreendem para venda clandestina, contaminam os leitos dos rios com produtos químicos oriundos dos muitos garimpos ilegais existentes na região.

Há outras lendas, como a da Mãe d'Água que, além de protetora dos rios, representa a sedução, a paixão que envolve os homens por meio do seu canto, levando-os para as profundezas das águas. Eles ficam encantados pela sua beleza e a seguem sempre que escutam suas melodias; só os homens são capazes de escutar o canto da Mãe d'Água.

A Matinta Perera, embora não tenha a beleza da Mãe d'Água, é representada pela figura de uma senhora de idade avançada, descabelada e ranzinza que se transforma em uma ave amaldiçoada e garante que nenhum homem mal intencionado derrube a sua mata.

Vitória Régia é a mais bela estrela d'água, adorna os rios, produz uma flor cheirosa que se abre à noite e encanta quem desce ou sobe os rios da grande floresta.

As lendas amazônicas representam heróis e heroínas que foram criados pela imaginação popular e são verdadeiros guardiões desse santuário chamado Amazônia.

LENDAS AMAZÔNICAS

Otubro/2013 BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Simei Andrade e Lúcia Uchôa
Música: Lúcia Uchôa

Lento Cm G7

1. Pro-te - ção, se-du-ção, pre-ser-va - ção! Vi-vaas len - das

6 Cm 1. 2. C7 3. Fm

— daa-ma-zô-nia — Pro-te - va-mos Ré-gia! — en-ro-laa co-bra

13 Bb Cm Apressado G7

— pe-gao Bo-to, — So-be Mãe d'Á-gua — E cor-re, — cor-re-Ma-

20 Cm Vivo C C

tin-ta! 1. Mui-to pra - zer vi - e - mos ver

Fine 2. São pro - te - to - res da flo - resta

26 Dm G C Dm G

Se-nhor Bo-to — E-Mãe D'á-gua Co-bra Gran-de, Vi-tória

cu - ru - pi-ra — e Ma - tin-ta — tu és be-la — Vi-tória

33 C Dm G 1. 2.

Ré-gia, Do-na Ma - tin-ta — e Seu Cu - ru - pi-ra

Ré-gia, E o bo-to — Rei dos nos - sos — ri-os.

D.C. ao fine

Ouçá agora 



Proteção, sedução, preservação! }
Viva as lendas da Amazônia } Bis

Vamos Régia!
Enrola a Cobra.
Pega o Boto, sobe Mãe d'Água,
E corre, corre Matinta! {Bis ... **FIM***

Muito prazer, viemos ver
Senhor Boto e Mãe d'Água
Cobra Grande, Vitória Régia
Dona Matinta e Seu Curupira

São protetores da floresta.
Curupira e Matinta,
Tu és bela, Vitória Régia!
E o Boto, Rei dos nossos rios!

(*) Obs: voltar ao início até o FIM.

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

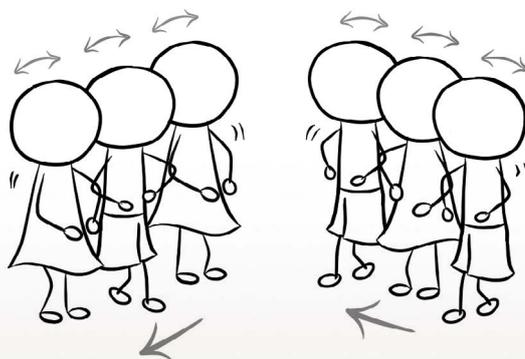
FORMAÇÃO: FILEIRA (BRAÇOS DADOS/MÃO-COTOVELO).

**FILEIRA 1 – INICIA PARA O LADO DIREITO.
FILEIRA 2 – INICIA PARA O LADO ESQUERDO.**

Refrão

“PROTEÇÃO, SEDUÇÃO, PRESERVAÇÃO! VIVA AS LENDAS DA AMAZÔNIA”.

Os dançarinos, de braços dados, caminham em movimento, balançando o corpo de um lado para o outro. Fileira 1 (inicia para o lado direito) e fileira 2 (inicia para o lado esquerdo).

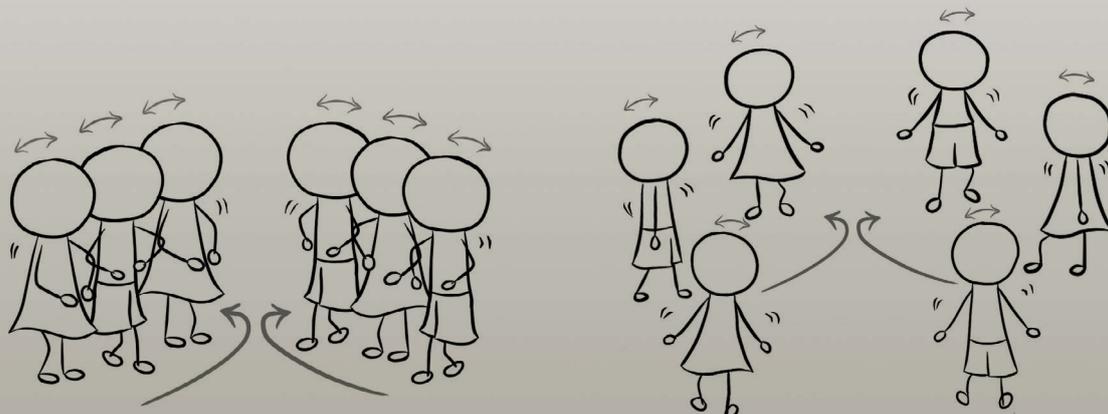


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA:

Frase 1

**“VAMOS RÉGIA! ENROLA A COBRA.
PEGA O BOTO, SOBE MÃE D'ÁGUA, E CORRE, CORRE MATINTA”**

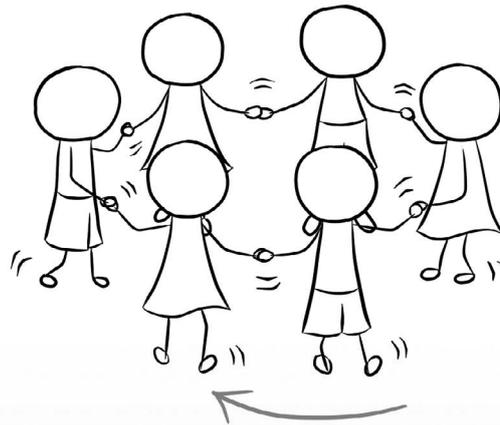
Os dançarinos da fileira 1 formam um grande caracol para o lado direito. Ao mesmo tempo os dançarinos da fileira 2 formam um grande caracol para o lado esquerdo. No caminho da formação o corpo permanece balançando de um lado para o outro até que as fileiras 1 e 2 se encontrem e formem um grande círculo.



Frase 2

**“MUITO PRAZER VIEMOS VER, SENHOR BOTO E MÃE D’ÁGUA,
COBRA GRANDE, VITÓRIA RÉGIA, DONA MATINTA E SEU CURUPIRA”.**

Caminhando em sentido horário, os dançarinos em círculo, fileiras 1 e 2 juntas, de mãos dadas, com movimento de braços e pernas para dentro e fora da roda alternadamente.

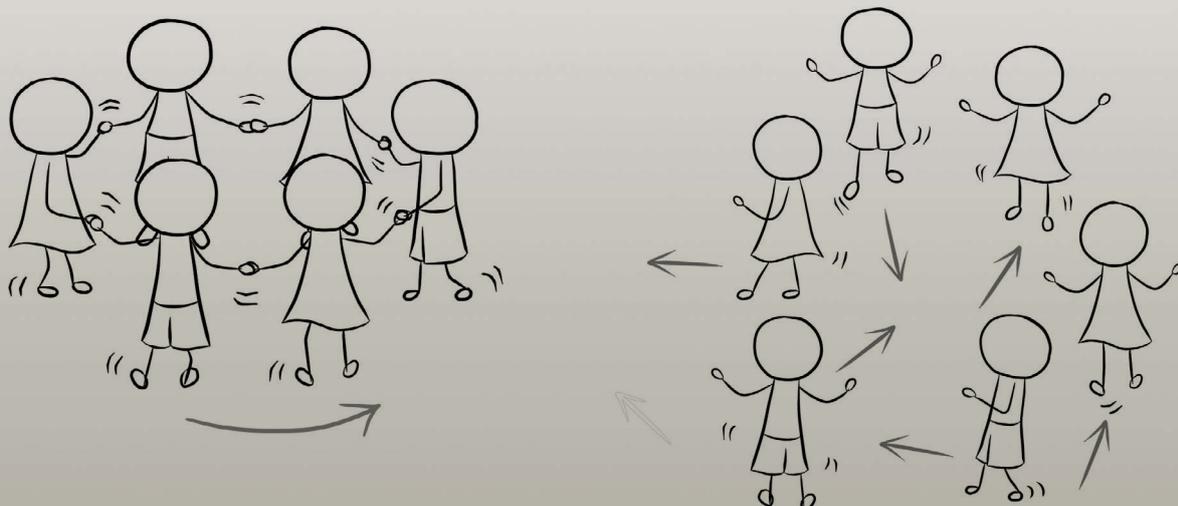


Frase 3

**“SÃO PROTETORES DA FLORESTA. CURUPIRA E MATINTA,
TU ÉS BELA, VITÓRIA RÉGIA! E O BOTO, REI DOS NOSSOS RIOS”.**

Caminhando em sentido anti-horário, os dançarinos em círculo, fileiras 1 e 2, de mãos dadas, com movimento de braços e pernas para dentro e fora da roda alternadamente.

No final, após a repetição do refrão, todos correm livremente pelo salão.



FIGURINO



CRIAÇÃO: CHRISTIE MONTEIRO

O figurino pode ser composto de um macacão em malha trabalhada com a técnica de tingimento tie dye (técnica utilizada pelos hippies) em tonalidade de verde simbolizando a floresta, com aplicação de folhas de tecido em tonalidade verde contrastante e as águas barrentas do rio representadas em amarelo. Estaria, assim, apresentada a natureza Amazônica - o céu, o sol, a floresta, as águas barrentas e seu reflexo.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Uma família da cidade de Belém (livre para escolha dos personagens) se prepara para uma viagem de férias, o local escolhido é um interior do Pará, lugar de origem do responsável da família (livre para escolha do personagem). Durante a arrumação de bagagens, ele vai contando sobre suas memórias de infância que vivenciou no lugar, e durante a narração fala sobre os casos acontecidos com os moradores do local. Cobra Grande, Boto e Curupira estão entre os citados. Um personagem duvida dos acontecimentos, diz que é lenda e invenção do povo. No segundo momento, eles chegam no interior e encontram os parentes (momento de animação), no outro dia saem em busca de um igarapé para se refrescar, caminham pela estrada e na mata, durante a caminhada e o banho, vários acontecimentos deixam eles intrigados (escolher entre as lendas e fatos citados no texto). Com receio e não mais duvidando dos poderes das matas e da natureza, o grupo volta mais cedo para casa, e quem fez gozação, agora fala com respeito sobre a cultura do seu povo.



MANGA

Nativa do continente asiático, a manga é uma fruta que foi introduzida nos países tropicais com sucesso. É uma fruta suculenta e muito saborosa, possui elementos importantes para a saúde, como o fósforo, cálcio, ferro, cobre e zinco. Ajuda no combate de doenças da pele, câncer, anemia, problemas de visão, no equilíbrio do sistema imunológico e do cérebro, por meio das vitaminas A, C, E e B6 existentes na sua composição. Suas fibras contribuem ainda para uma boa digestão (BRASIL, 2017; FRUTAS ..., 2013).

Existem variedades de tipos de mangas. Na Amazônia as que melhor se adaptaram à região foram as do tipo fiapo, espada, coração, cavalo e rosa. Quase obrigatórias na paisagem da região Norte, apresentam formato, sabores e cores diferentes. Com sua polpa produzem-se variedades de doces, sorvetes e geleias, entre outros (FRUTAS..., 2013).

Embora a manga não seja uma fruta exclusiva da Amazônia, pois que é também cultivada em outras regiões do Brasil, adquiriu status na região, sendo que Belém, a capital do estado do Pará, é chamada carinhosamente de “a cidade das mangueiras”, assim conhecida em virtude dos túneis de mangueiras existentes nas vias públicas, e que foram plantadas em meados do século XIX, para amenizar o calor e a irradiação solar (SAIBA..., 2009).

MANGA

Junho/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simeí Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Man-ga, man-ga, man-ga Man-gaa-ma-re - li-nha Man-ga su-cu-
len-ta man-ga gos-to - si-nha E-laé va-ri - a-daem seus ta-ma-nhos, sa-
bo-res e co-res, De pol-pa car - nu-da, per-fu - ma-da e con-sis - ten-te,
po-de seren-con-tra-da aos mon-tes, nas ru-as e fa-zen-das Em po-
ma-res e quin-tais. A man-ga tem mui-tas co-res
Ver-de com pin-tas pre-tas A-ma-re - la-da, a-la-ran-ja-da,
dou - ra-da ró-seae ver-de En - fim, man-ga é sa-bor sa-
bor da ter - ra, sa - bor da ter - ra.

D.C. al Fine

Ouçã agora 



Refrão

Manga, manga, manga
Manga amarelinha
Manga succulenta
Manga gostosinha.

} Bis

Ela é variada em seus tamanhos,
Sabores e cores,
De polpa carnuda,
Perfumada e consistente,
Pode ser encontrada
Aos montes,
Nas ruas e fazendas
Em pomares e quintais.

Refrão

A manga tem muitas cores
Verde com pintas pretas
Amarelada, alaranjada, dourada, rósea e verde
Enfim, manga é sabor
Sabor da terra, sabor da terra.

Refrão

Manga, manga, manga
Manga amarelinha
Manga succulenta
Manga gostosinha.

} Bis

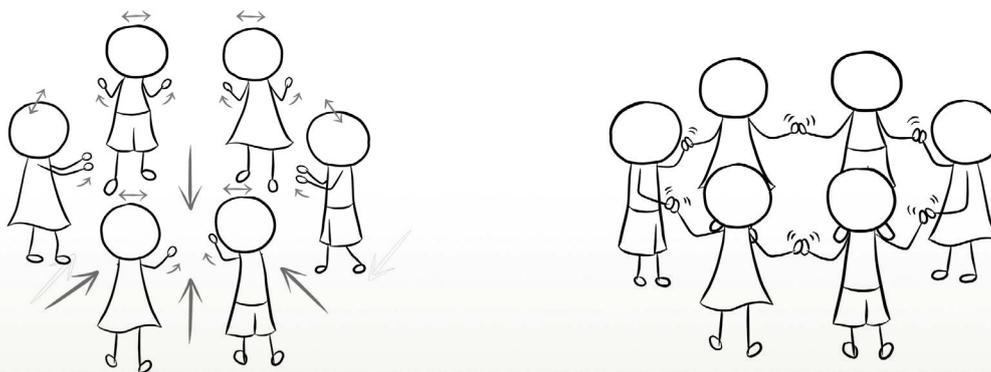
ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: RODA

Refrão

**“MANGA, MANGA, MANGA. MANGA AMARELINHA.
MANGA SUCULENTA. MANGA GOSTOSINHA”.**

Em roda os dançarinos batem palmas e abrem os braços laterais para bater palma com o colega ao lado. Na parte “Manga gostosinha”, batem três palmas seguidas com o colega ao lado.

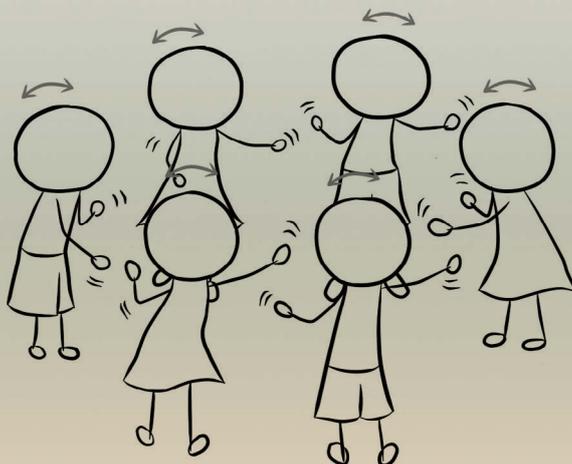


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA:

Frase 1

**“ELA É VARIADA EM SEUS TAMANHOS, SABORES E CORES.
DA POLPA CARNUDA, PERFUMADA E CONSISTENTE”.**

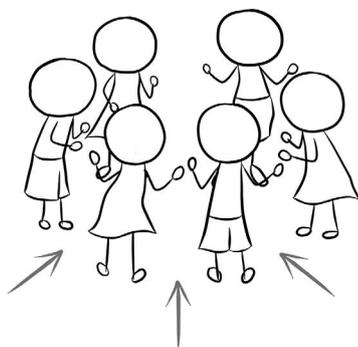
Os dançarinos inclinam o corpo para um lado e outro, e movimentam os braços e mãos como se estivessem colhendo mangas.



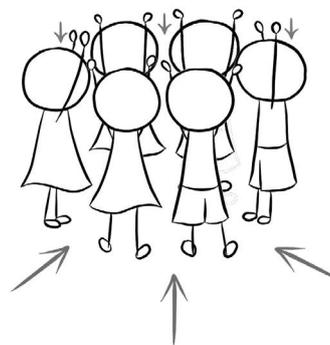
Frase 2

**“PODE SER ENCONTRADA AOS MONTES, NAS RUAS E FAZENDAS.
EM POMARES E QUINTAIS”.**

Os dançarinos caminham para o centro da roda com o corpo inclinado em nível médio, em seguida os braços são lançados até o alto e descem em uma ação de deslizar.



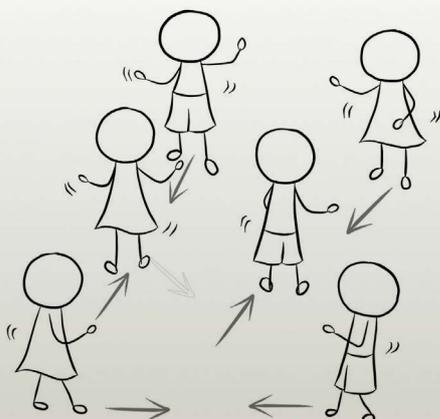
Frase 3



Frase 4

**“A MANGA TEM MUITAS CORES,
VERDE COM PINTAS PRETAS”.**

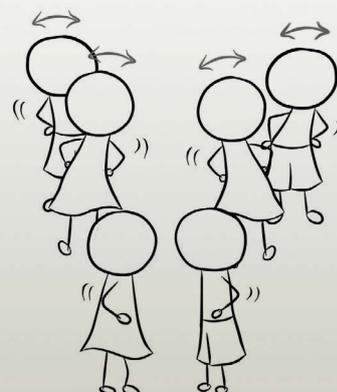
Os dançarinos saem dançando livres pelo salão e encontram-se em duplas.



Frase 5

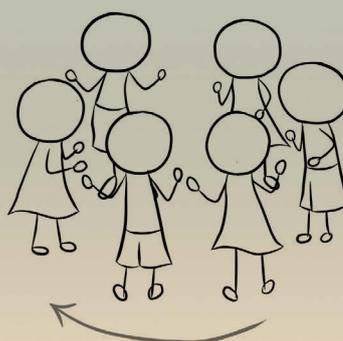
**“AMARELADA, ALARANJADA,
DOURADA, RÓSEA E VERDE”.**

Em dupla, com os braços na cintura, os dançarinos inclinam o corpo para a lateral direita e esquerda alternadamente em cada tipo de manga citada.



“ENFIM, MANGA É SABOR. SABOR DA TERRA, SABOR DA TERRA”.

Os dançarinos retornam para a formação em roda, dançando e cantando, girando a roda em sentido horário (para a esquerda).



FIGURINO



CRIAÇÃO: ERIVELTON TRINDADE

O figurino pode ser composto de calça em malha cirrê verde simbolizando a casca da manga, com um collant de manga longa em veludo de lycra na cor amarela, que recebe manchas em tonalidade mais escura de amarelo e uma aplicação nas mangas de folhagem representando as trepadeiras parasitas das mangueiras.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Três momentos de cena. Primeiro momento se passa na feira do açaí, quando os paneiros cheios de manga estão sendo arrumados, ainda na madrugada. Segundo momento, grupos de garotos na rua disputam mangas que caem das mangueiras no centro da cidade, falam sobre elas, riem e saboreiam as mesmas. Terceiro momento: uma família, durante o almoço, assiste televisão e a programação é sobre as vitaminas existentes nas frutas; eles conversam sobre a importância da manga, da abundância da mesma na cidade, e do quanto são gratos por poder ter acesso a várias possibilidades de consumo.



MATINTA PERERA

É um personagem do folclore brasileiro muito presente na cultura popular dos amazônidas. Conta o povo que a Matinta Perera seria uma velha que em noites de lua cheia se transforma em um pássaro agourento, se veste toda de preto, seu cabelo fica todo arrepiado. O assovio é estridente e amedronta a quem escuta, fica por horas nos telhados, muros e cercas fazendo barulho ensurdecedor, deixando os moradores irritados com seu assovio. Enquanto não escutar do dono da casa uma promessa de que irá ganhar alimentos como peixe, farinha, frutas e ainda fumo, café e outras bebidas, não arreda o pé (MATINTA..., 2016, 2017).

No dia seguinte, já transformada em uma senhora, a Matinta Perera retorna à casa e pede o que foi prometido, caso não seja atendida fica muito brava e o fit, fit é forte. Quando isso acontece, na noite seguinte ela retorna à casa e, além de assoviar muito alto, faz traquinagem com os moradores.

MATINTA PERERA

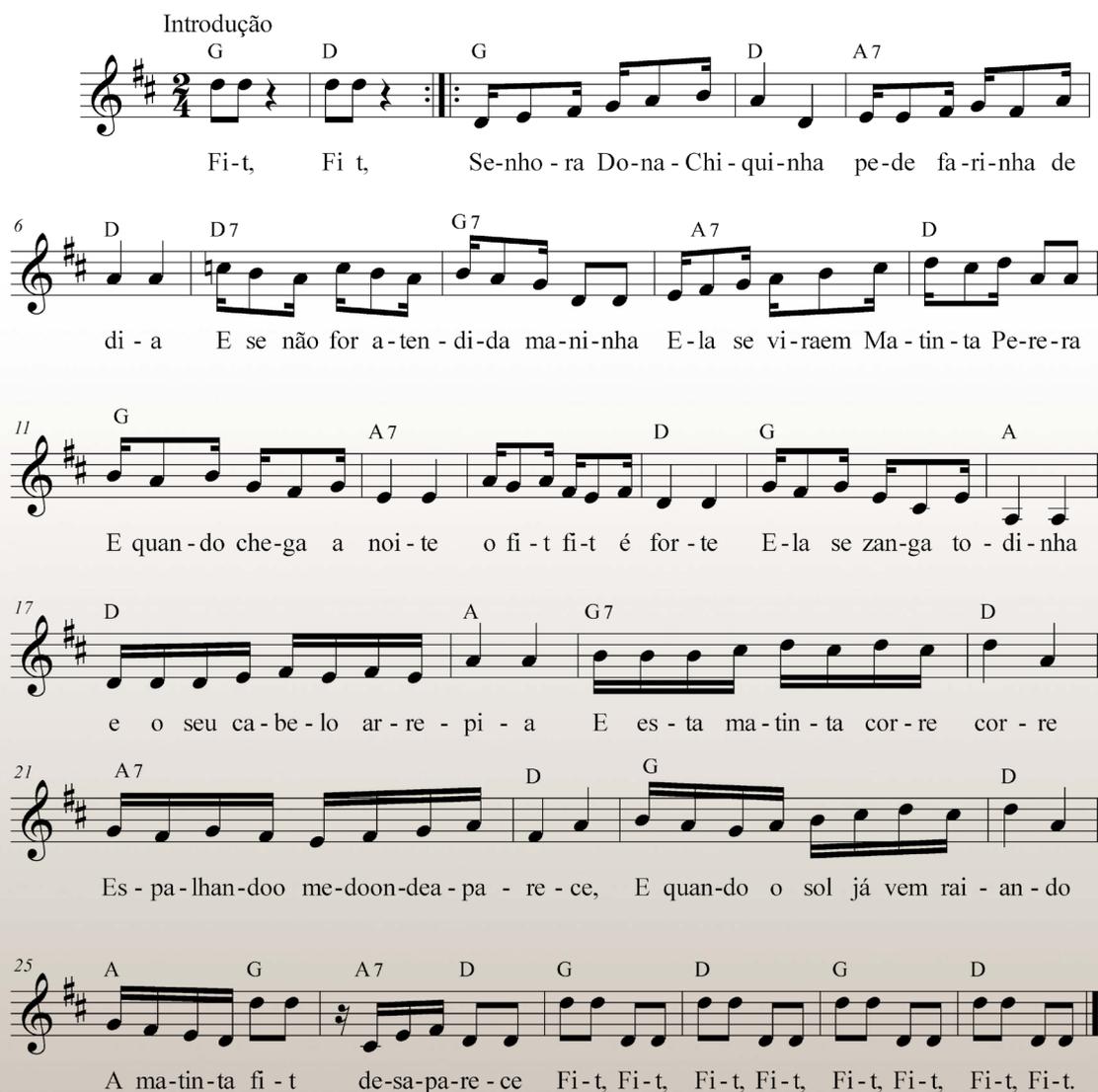
Março/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simeí Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Introdução



Fi-t, Fi t, Se-nho - ra Do-na - Chi - qui-nha pe-de fa-ri-nha de
di - a E se não for a-ten - di-da ma-ni-nha E-la se vi-raem Ma - tín - ta Pe-re-ra
E quan-do che-ga a noi-te o fi - t fi-t é for - te E-la se zan-ga to - dí-nha
e o seu ca-be-lo ar - re - pi - a E es - ta ma-tín - ta cor - re cor - re
Es - pa-lhan-doo me-doon-dea - pa - re - ce, E quan-do o sol já vem rai - an - do
A ma-tín-ta fi - t de-sa-pa-re-ce Fi-t, Fi-t, Fi-t, Fi-t, Fi-t, Fi-t, Fi-t, Fi-t.

Ouçá agora 



Fit, fit, fit, fit, fit, fit, fit, fit
Senhora dona Chiquinha
Pede farinha de dia
E se não for atendida, maninha
Ela se vira em Matinta Perera
E quando chega a noite
O fit, fit é forte
Ela se zanga todinha
E o seu cabelo arrepiã
E esta Matinta corre, corre
Espalhando o medo onde aparece
E quando o sol já vem raiando
A Matinta fit, desaparece
Fit, fit, fit, fit, fit, fit, fit, fit.

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

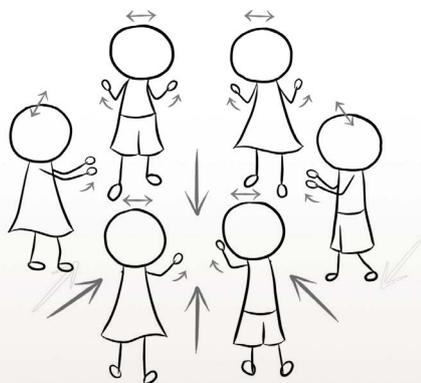
FORMAÇÃO: RODA

REFRÃO: "FIT, FIT, FIT, FIT".

Frase 1

**"SENHORA DONA CHIQUINHA, PEDE FARINHA DE DIA.
E SE NÃO FOR ATENDIDA, MANINHA. ELA SE VIRA EM MATINTA PERERA".**

Os dançarinos, virados para dentro do círculo, começam mexendo a cabeça de um lado para o outro (conforme vão mexendo a cabeça, também pronunciam a palavra fit), seguem caminhando para dentro do círculo em passos lentos e levantando os braços para o alto, e ao girar saltando para fora da roda curvam o tronco virando em Matinta Perera.

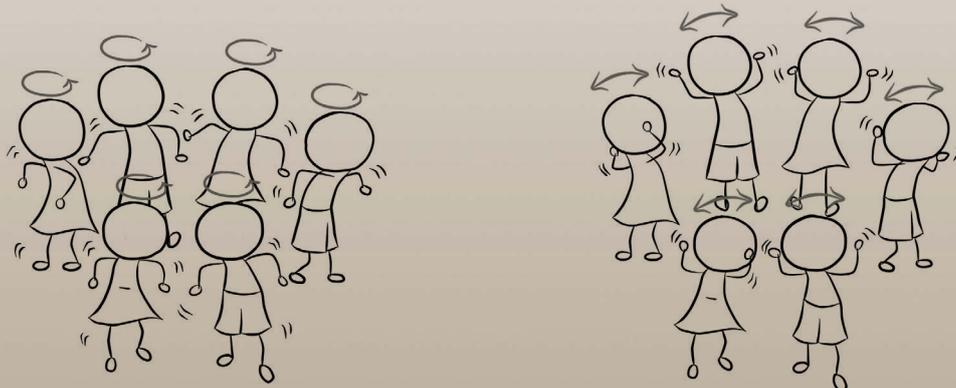


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA:

Frase 2

**"E QUANDO CHEGA A NOITE, O FIT FIT É FORTE.
ELA SE ZANGA TODINHA, E O SEU CABELO ARREPIA".**

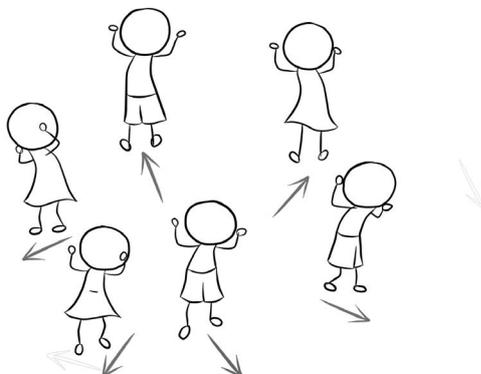
Os dançarinos, com o tronco curvado, de costas para o círculo da roda, balançam o corpo para a lateral direita e esquerda, sacudindo a cabeça com o movimento das mãos espalhando os cabelos.



Frase 3

“E ESTA MATINTA CORRE, CORRE. ESPALHANDO O MEDO ONDE APARECE”.

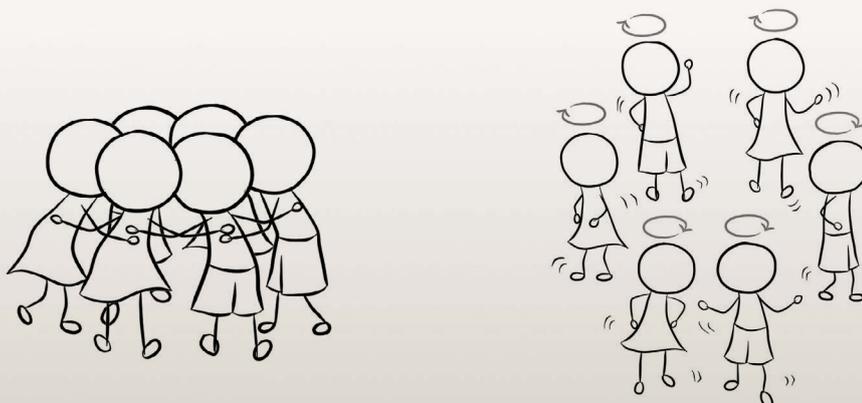
Os dançarinos saem correndo, espalhando-se pelo meio do público e assustando a todos.



Frase 4

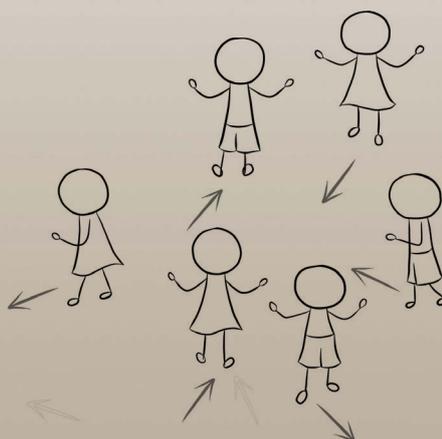
“E QUANDO O SOL JÁ VEM RAIANDO. A MATINTA FIT, DESAPARECE”.

Os dançarinos retornam para o centro da roda, cobrindo com os braços uns aos outros, e saltam para fora do círculo, desaparecendo a expressão assustadora de Matinta.



TODOS DANÇAM LIVREMENTE PELO SALÃO.

“FIT, FIT, FIT, FIT, FIT, FIT, FIT, FIT”.



FIGURINO



CRIAÇÃO: JEAN NEGRÃO

Inspirado no universo amazônico das lendas e mitos, o figurino utiliza elementos simbólicos para representar a Matinta Perera. É composto por retalhos cortados em pontas em tecidos de algodão na cor preta ou cinza grafite aplicados num vestido tubinho que serve de suporte. Na parte de cima os retalhos em formato de folhas na cor verde formam uma espécie de gola. Um cajado em galho de madeira retorcida com algumas folhas completa o visual.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Um grupo de alunos, saindo da escola, vai pela rua e durante a caminhada conversam sobre uns acontecimentos que eles têm percebido; falam sobre sons estranhos, ventos fortes na cidade; se despedem e cada um vai para sua casa. A cena continua, em duas casas, onde durante o jantar, a família também conversa sobre os mesmos acontecimentos. A mãe diz que durante a manhã uma senhora bateu para pedir farinha, e durante a conversa, ouvem sons de passos e um estranho assovio, que vai ficando forte. Todos olham assustados, o pai em voz alta diz várias vezes: pode passar amanhã, pode passar amanhã.

No dia seguinte batem à porta, e uma senhora pede algo de comer; o homem olha para a esposa, vai até a cozinha e traz um pacote de café que entrega para a senhora. Ela agradece e vai embora; eles se olham, respiram fundo e dizem: com a Matinta não se brinca.



MIRITI

Miritizeiro ou buritizeiro é uma palmeira existente nas matas, às margens de rios e igarapés, e que produz um fruto chamado de miriti ou buriti. Da árvore quase tudo se aproveita, suas folhas servem para cobrir casas, barracos, casas de farinha e cabanas. Do broto tira-se a envira, um tipo de fibra usada na fabricação de tapetes, bolsas, redes artesanais, chapéus, entre outros objetos (MORAES, 2016; PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO ARTESANATO DE TRADIÇÃO CULTURAL, 2016).

O fruto é consumido pelos amazônidas, na maioria das vezes, de forma natural, mas também muito apreciado na fabricação de doce, bombom, licor, suco, sorvete, picolé e mingau. Além do uso na culinária, o miriti é também utilizado na produção de óleo de valor medicinal, rico em vitaminas A, B e C, ainda fornece cálcio, ferro e proteínas. O aroma e a tinta dão uma cor acentuada aos produtos de beleza, além de ser usado na pintura de brinquedos e outros materiais (BURITI, 2016; MIRITI..., 2017).

Durante a festa religiosa do Círio de Nazaré em Belém, os brinquedos de miriti são verdadeiros encantos para a garotada e turistas que por ali passam. A cidade de Abaetetuba, no Pará, é conhecida por ser o local onde há mais de duzentos anos são fabricados tais brinquedos, produzidos de maneira artesanal a partir dos talos (braços) da palmeira, onde estão as folhagens, o qual é descascado, aproveitando-se apenas o miolo. Os artesãos constroem brinquedos que imitam animais, casas, barcos, aviões, marionetes, soca-socas, dançarinos, bonecos caboclos e ribeirinhos, enfim, peças diversas que traduzem o cotidiano e o imaginário amazônida. A palmeira fornece ainda a madeira proveniente do caule e o palmito, sendo as folhas também usadas na fabricação de móveis que se caracterizam pela beleza rústica, leveza e durabilidade (MORAES, 2016; PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO ARTESANATO DE TRADIÇÃO CULTURAL, 2016).

MIRITI

Abril/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simeir Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Introdução **D.C.**

6 E-xis - te u - ma pal - mei - raa - qui que to - dos cha - mam de
mi - ri - ti 1. E - la ba - lan - ça suas fo - lhas e fru - tos re - don - dos cha - ma - dos de bu - ri - ti

11 2. bu - ri - ti E - xis - te u - ma pal - mei - raa - qui que to - dos cha - mam de

15 mi - ri - ti 2. Da fru - ta de - li - ci - o - sa pre - pa - rami - gua - ri - as que só no

19 1. rá se tem 2. rá a gen - te tem, Meu bem

Fine

Ouçá agora 



Refrão

Existe uma palmeira aqui
Que todos chamam de miriti.

Ela balança suas folhas
E frutos redondos
Chamados de buriti. } Bis

Refrão

Da fruta deliciosa
Preparam iguarias
Que só no Pará se tem

Da fruta deliciosa
Preparam iguarias
Que só no Pará a gente tem, meu bem!

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

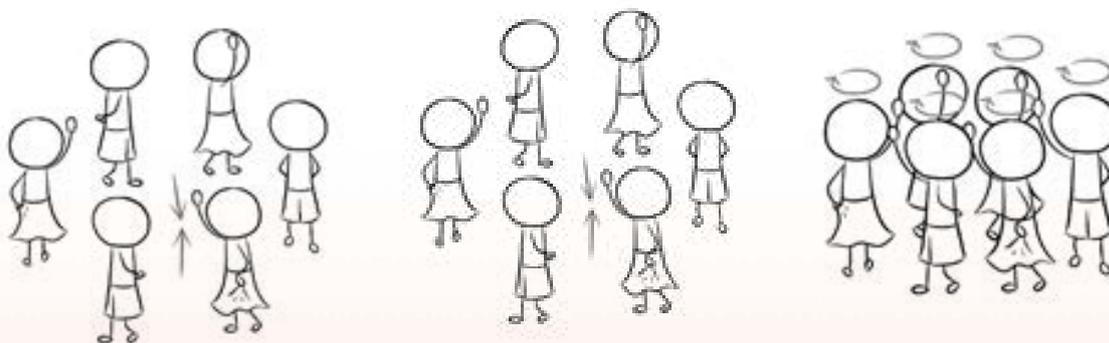
FORMAÇÃO: RODA

OS DANÇARINOS NA GRANDE RODA, NO CENTRO DO ESPAÇO, MOVIMENTAM-SE COM OS PÉS PARA FRENTE E PARA TRÁS, SEMPRE EM RITMO DE CARIMBÓ, ACOMPANHANDO AS SEGUINTE FRASES:

Refrão 1

“EXISTE UMA PALMEIRA AQUI. QUE TODOS CHAMAM DE MIRITI”.

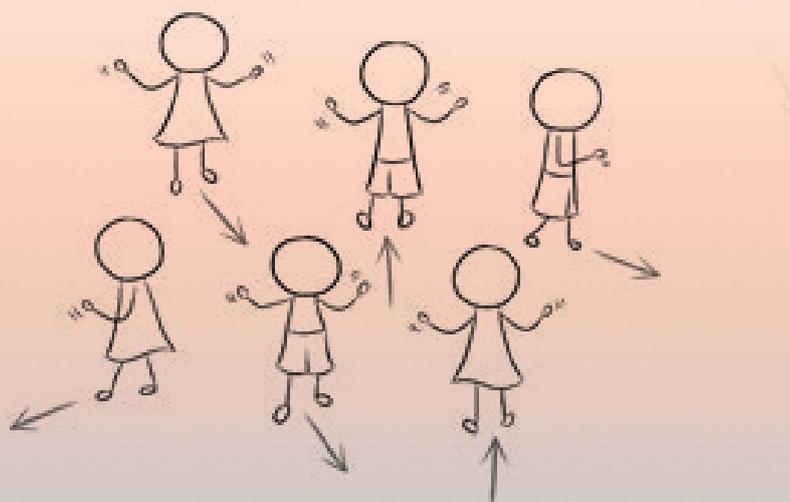
Com o corpo em direção para a lateral da roda, o braço esquerdo para fora (meninas segurando a saia e meninos com os braços para trás). Os dançarinos balanceando os quadris vão levantando gradativamente o braço e, ao se encontrarem no centro, giram.



Frase 1

“ELA BALANÇA SUAS FOLHAS E FRUTOS REDONDOS, CHAMADOS DE BURITI”.

Dançando livremente em várias direções do espaço, os braços ao levantarem movimentam-se para direita e esquerda como o balanço das palmeiras.



Refrão 2

“DA FRUTA DELICIOSA, PREPARAM IGUARIAS, QUE SÓ NO PARÁ SE TEM”.

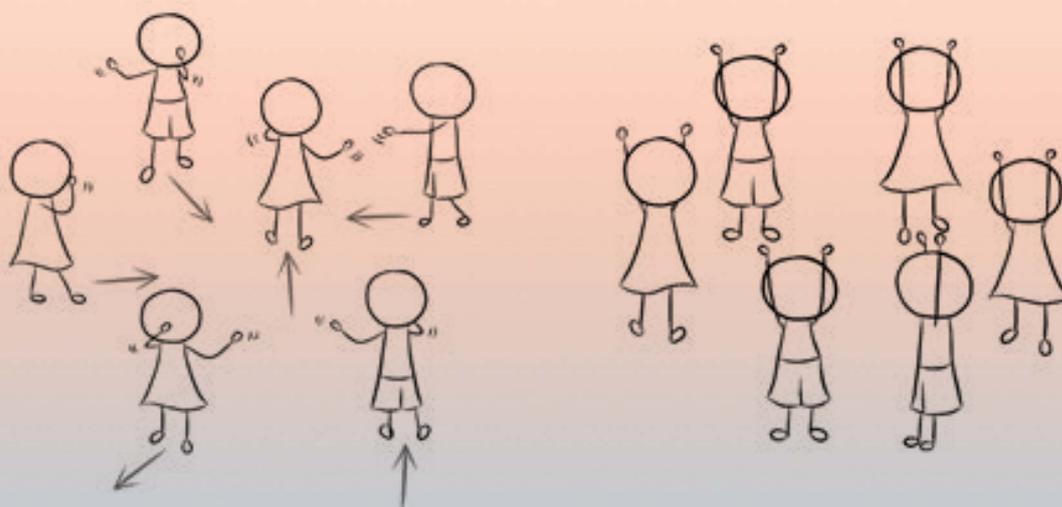
Com o corpo em direção ao centro do espaço, os dançarinos movimentam-se para dentro e para fora da roda, numa leve torção do tronco, e as mãos realizam as ações de colher as frutas, em várias direções.



Frase 2

“DA FRUTA DELICIOSA, PREPARAM IGUARIAS, QUE SÓ NO PARÁ A GENTE TEM, MEU BEM!”.

Dançando livremente em todo espaço, em várias direções, as mãos realizam as ações de colher e comer as frutas deliciosas. Ao fim da música, todos erguem os braços e olham para o alto, em coro falam a palavra **meu bem!**



FIGURINO

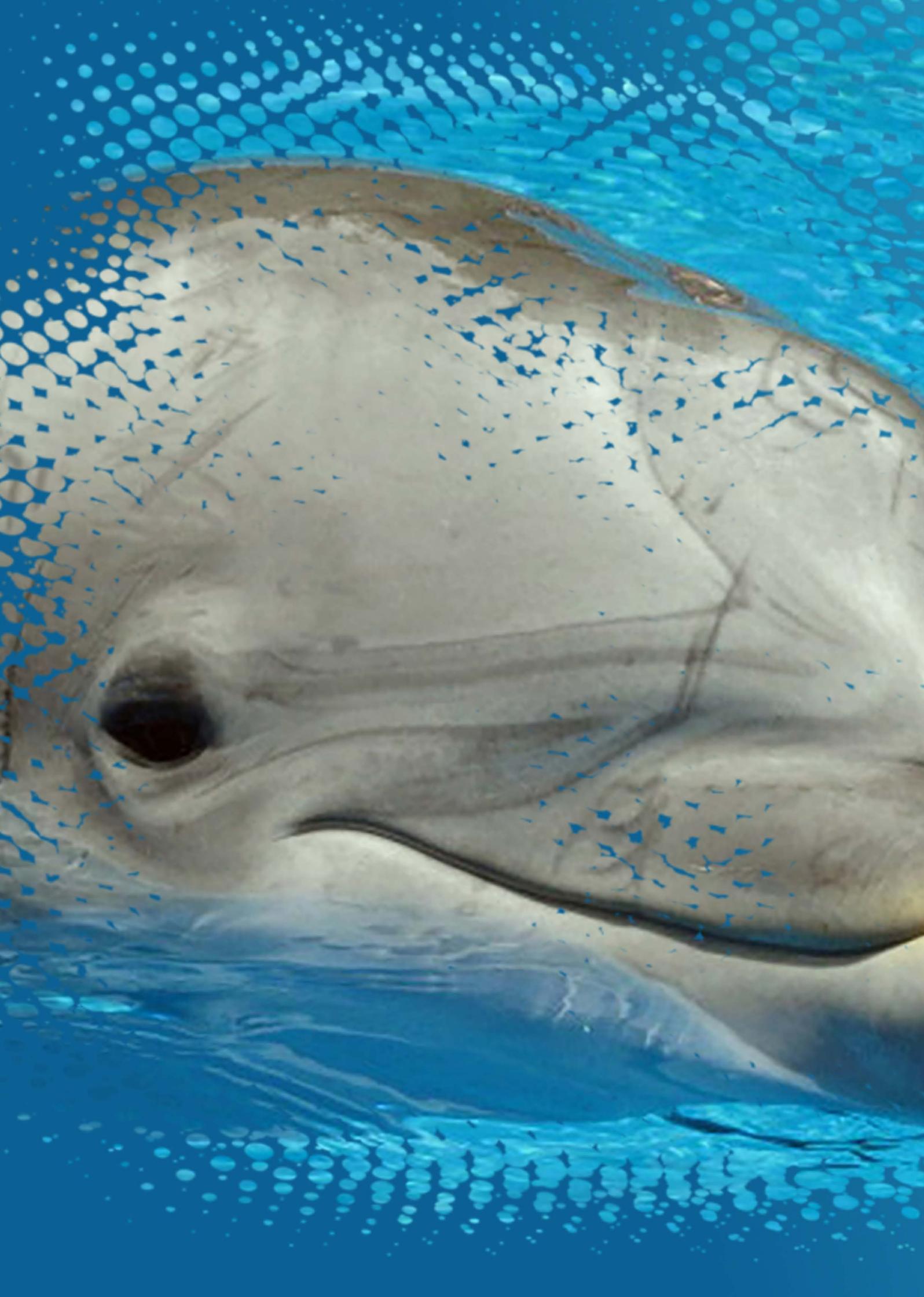


CRIAÇÃO: ANALUZ MARINHO

O figurino para a dança na temática “miriti” pode ser confeccionado da seguinte maneira: o feminino por saia longa rodada com fundo azul representando o céu, estampado com processo de serigrafia com a palmeira do miriti em tecido oxfordine, mesmo tecido da blusa curta de manga franzida com aplicação de estampa do fruto do miriti. O masculino é composto de camisa de oxfordine com a mesma estampa da saia com punhos e barra na mesma cor e estampa da blusa feminina. A calça em cor caqui em oxford é uma alusão à cor do fruto do miriti.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Os membros de uma família, que sobrevivem também da colheita do açaí, cortando os talos do miritizeiro, conversam animadamente durante a confecção de brinquedos de miriti, que eles produzem e vendem durante o Círio de Nazaré. Eles conversam sobre a variedade de benefícios que o miriti proporciona para a comunidade. Outras pessoas da comunidade também sobrevivem disso, e um vizinho aparece e eles combinam sobre a viagem para Belém, durante a festividade nazarena. Em outro momento eles aparecem embarcando rumo a Belém.



O BOTO

Várias espécies de Boto habitam as regiões do Brasil e de algumas partes do mundo. Na Amazônia uma das espécies que vive nas águas barrentas dos rios é o Boto-cinza ou Tucuxi, da subespécie aquática.

Segundo a lenda, o Boto se transforma em um homem elegante, com um corpo exuberante e forte, bronzeado, de olhar e sorriso cativante, veste sempre roupas brancas e usa chapéu, tem um cheiro característico parecido, às vezes, com ervas, outras vezes com peixe; há ainda quem diga que o Boto tem o cheiro do mar e ou de lama. Não importa o seu cheiro, aonde chega encanta as moças donzelas do lugar (LENDA..., 2014; LENDA..., 2015).

Com um grande poder de sedução, o Boto Tucuxi, já transformado em homem, frequenta as festas e bailes dos vilarejos às margens dos rios, chamando a atenção por onde passa, em virtude da forma sensual de dançar. Começa dançando sozinho como forma de chamar a atenção das moças, então ao perceber os olhares vai ao encontro daquelas que mais lhe agradam. Com olhar apaixonado cativa a donzela, que ao cair de amores se entrega as suas paixões. Antes que amanheça, o Boto aos poucos vai se afastando para a beira do rio e a moça, sem perceber a sua astúcia, mergulha junto com ele (LENDA..., 2014; LENDA..., 2015).

As moças bem que são avisadas por suas mães para tomarem cuidado com os galanteios dos rapazes nas festas e bailes, pois o Boto pode estar disfarçado. Portanto, fujam, pois está na hora do Boto ir embora.

O BOTO

Abril/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simei Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Introdução

Chua Chua Chua Vem o Bo-to dan-çar
Vem dan - çar —
Fine

7 1. Foi nu-ma noi-te no bai-le que um lin-do ho-mem so-zi-nho sur-giu pra dan-çar

11 E__ to-das mo-ças en - fei - ti - ça-das com seu bai-la-do tão pu-roe fa-tal
Mui-to fá-cei-ro trou-xeem seus bra-ços u - ma don-ze-la que _____

15 2. o en-can-tou Chua - Chua Chua, Vem o Bo-to dan-çar!
Vem dan - çar —

21 Com e - le-gân-cia o ho-mem dan-ça-va e a-pai-xo-na-da a da-ma fi-cou

25 O ho - mem tí - nha chei-ro de pei - xe que in - di - ca - va ser
Por is - so mo - ças cor-ram a - go - ra ques-tá na ho - ra do

28 1. e - le o bo - to
2. bo - toir em - bo - ra

D.C. al Fine

Ouçá agora



Refrão

Chuá, chuá, chuá
 Vem o Boto dançar
 Chuá, chuá, chuá vem dançar

Foi numa noite no baile
 Que um lindo homem
 Sozinho surgiu pra dançar } Bis

E todas as moças enfeitiçadas
 Com seu bailado tão puro e fatal!
 Muito faceiro trouxe em seus braços
 Uma donzela que o encantou

Refrão

Com elegância o homem dançava }
 E apaixonada a dama ficou } Bis

O homem tinha cheiro de peixe
 Que indicava ser ele o Boto
 Por isso, moças, corram agora,
 Que está na hora do boto ir embora

Refrão

Chuá, chuá, chuá
 Vem o Boto dançar
 Chuá, chuá, chuá vem dançar

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: FILEIRAS

FILEIRA 1 – FILEIRA DOS BOTOS (HOMENS: NA CABEÇA UM CHAPÉU).

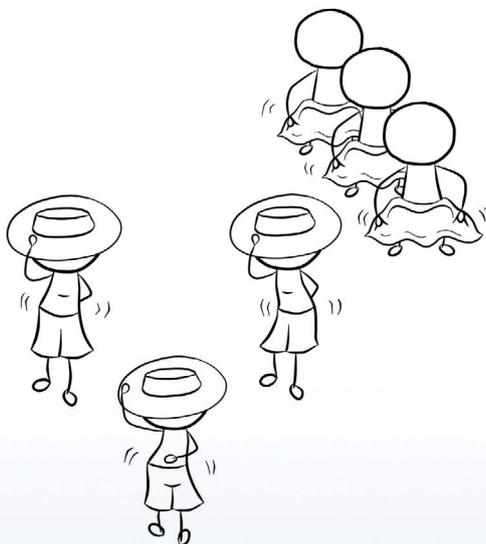
FILEIRA 2 – FILEIRA DAS MOÇAS (MULHERES: SAIA GRANDE E RODADA).

Refrão: “Chuá, chuá, chuá. Vem o Boto dançar. Chuá, chuá, chuá vem dançar”.

Os dançarinos iniciam na parte de trás do espaço, separados em suas fileiras e o movimento com os pés sempre em ritmo de Lundu, acompanhando as seguintes frases.

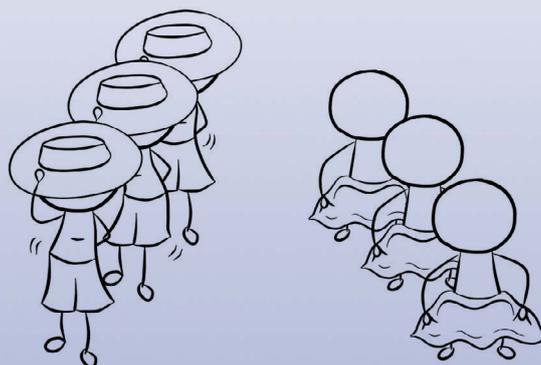
Fileira 1

(fileira do Boto) com o corpo em movimento ondulatório, para a direita e esquerda, com tronco arqueado para frente, segurando o chapéu com a mão direita e o braço esquerdo escondido no centro das costas.



Fileira 2

(fileira da Moça) no nível baixo (agachadas) seguram na ponta das saias floridas e com os braços realizam movimento de águas.



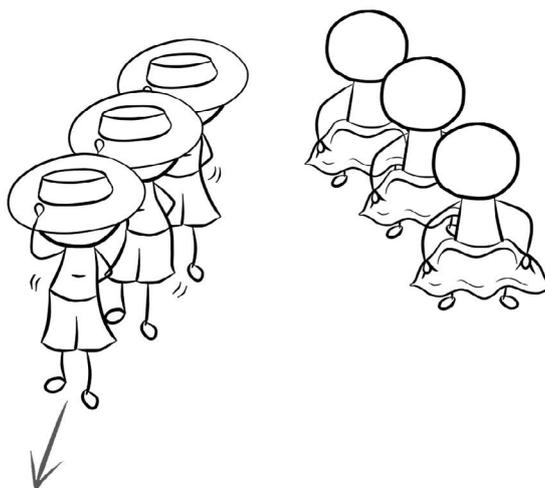
Frase 1

**“FOI NUMA NOITE NO BAILE. QUE UM LINDO HOMEM,
SOZINHO SURTIU PRA DANÇAR” (BIS).**

Fileira 1 - vem caminhando de trás até o centro do espaço, (na 1º vez).

Fileira 1 - abre uma grande roda, (na 2º vez).

Nas duas vezes, os botos estão em movimento ondulatório, para a direita e esquerda, com tronco arqueado para frente, segurando o chapéu com a mão direita e o braço esquerdo escondido no centro das costas. As moças continuam agachadas observando o movimento dos Botos.



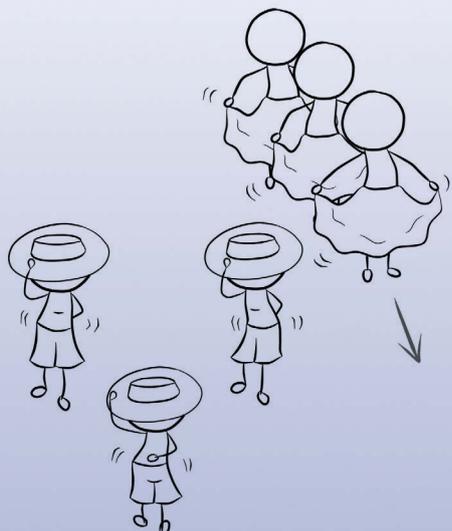
Frase 2

**“E TODAS AS MOÇAS ENFEITIÇADAS, COM SEU BAILADO TÃO PURO E FATAL! MUITO
FACEIRO TROUXE EM SEUS BRAÇOS, UMA DONZELA QUE O ENCANTOU”.**

Fileira 2: As moças vêm caminhando de trás até o centro do espaço segurando na ponta das saias floridas e com os braços abertos viram o tronco para o lado direito e esquerdo.

Refrão: “Chuá, chuá, chuá. Vem o Boto dançar. Chuá, chuá, chuá vem dançar”.

Botos e moças continuam dançando em movimento ondulatório próximo um dos outros.

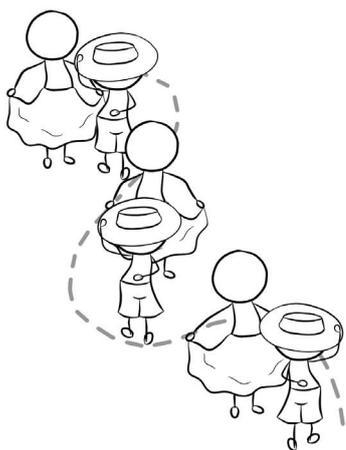


Frase 3

“COM ELEGÂNCIA O HOMEM DANÇAVA E APAIXONADA A DAMA FICOU”.

Fileira 1: dança ao redor da Fileira 2, em movimento ondulatório, para à direita e esquerda, os Botos girando ao redor de cada moça da fileira 2, com variações de direção, tempo e níveis.

Fileira 1 e Fileira 2 juntam-se em duplas, e após formada, dançam livremente pelo espaço.



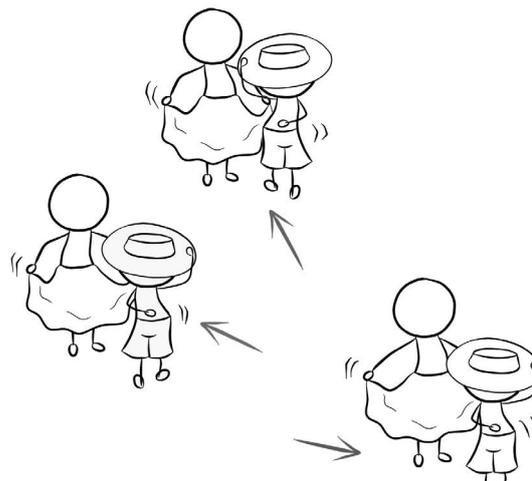
Frase 4

“O HOMEM TINHA CHEIRO DE PEIXE, QUE INDICAVA SER ELE O BOTO”.

As dançarinas da fileira 2 (fileira da moça) saem dançando e fica, no centro, apenas a fileira 1 (fileira do Boto).

Refrão: “Chuá, chuá, chuá. Vem o Boto dançar. Chuá, chuá, chuá vem dançar”.

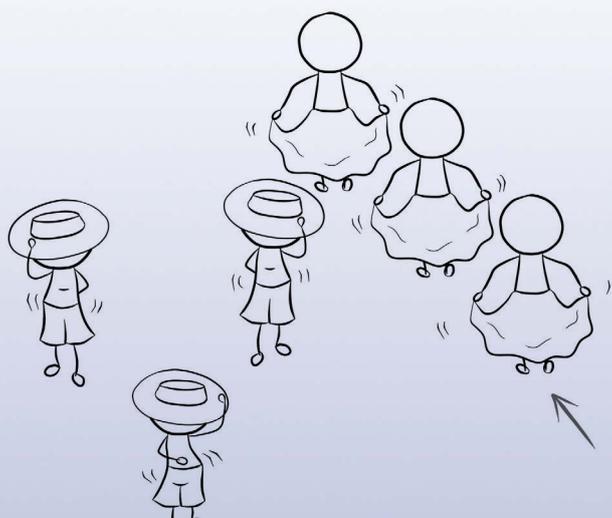
Botos e moças continuam dançando no centro livremente.



Frase 5

“POR ISSO MOÇAS CORRAM AGORA, QUE ESTÁ NA HORA DO BOTO IR EMBORA”.

As dançarinas da fileira 2 (fileira da moça) saem dançando e fica, no centro, apenas a fileira 1 (fileira do Boto).



Refrão: “Chuá, chuá, chuá. Vem o Boto dançar. Chuá, chuá, chuá vem dançar”.

As moças saem dançando e os botos ficam no lugar em movimento de ondas.

FIGURINO



CRIAÇÃO: YAN ALMEIDA

A blusa da menina é feita em crepe na cor amarela ocre, as saias de musseline em cores diferentes para cada menina, todas usam uma faixa branca e uma flor no cabelo na mesma cor da saia. Blazer do Boto pode ser feito em oxford branco forrado com cetim, o colete em oxford na cor da saia da menina, a calça em oxford branco e o chapéu de esponja branco com uma fita de cetim combinando com o colete.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Um grupo de moças conversam animadamente sobre uma festa que estão preparando na cidade, e falam também sobre os rapazes da comunidade, seus galanteios e investidas para com elas; uma a uma vão falando das características deles, e sobre o que lhes interessa. Em outro ponto, um grupo de rapazes também comenta sobre a festa que vai acontecer, e dos seus interesses nas moças. Chega o dia, e durante a festa, surge um homem encantador, elas observam e sentem-se atraídas por ele, que escolhe uma para dançar, e durante a dança a seduz, e ela acaba caindo em seus encantos. No momento seguinte, um forte odor de peixe é sentido pelos participantes da festa, e o homem misterioso passa correndo pelo salão e se lança em direção ao rio. Assustadas, algumas pessoas correm e veem claramente um boto nadando, se afastando e sumindo nas águas do rio.





RAÇAS E RAÍZES

É uma brincadeira de trava-língua com sílabas formando palavras diversas, agrupadas objetivando uma sonoridade a partir da constituição de sons oriundos dos rituais de celebração africanos e indígenas.

As palavras e as frases não têm um significado específico, mas a junção de todas elas possibilita sons diversos, que podem facilitar o molejo do corpo, o desenvolvimento da linguagem oral, a gesticulação e o desenvolvimento auditivo, entre outros.

O jogo de sílabas e palavras quando combinadas criam novas formulações de composições sonoras que podem ser produzidas pela voz, pelo movimento dos pés e mãos, pelo remexer das vestimentas, por objetos cênicos, enfim, pelo corpo que fala, que grita de prazer e de alegria.

RAÇAS E RAÍZES

Junho/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

The musical score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. It consists of eight staves of music with lyrics underneath. Chords are indicated by letters D, G, and A above the notes. The lyrics are: Trô trô frê trô trô frê ke-xe, ke-xe ke - xe, ke-xe, ke-xe; ke - xe Trô trô ke - xe 1.Tim-ba - la - pa - tun - da, tim-ba - la - pa - 2.Sa - cas-sen-cas - sin - ca, sa-cas-sen-cas - tun-da, Da-tum-pa - la-ban-ti da-tum-pa - la-ban-ti. Tim-ba - la - pa - sin-ca, Sin-cas-sen-cas - sa - ca, sin-cas-sen-cas - sa - ca, Sa - cas-sen-cas - ban-ti. Trô-trô Frê Trô trô frê ke-xe,ke-xe,ke-xe, ke-xe, ke-xe,ke-xe, sa - ca. ke - xe Trô trô ke - xe 3.Fon-ce, Thon-ce, Ron - ce. Fon-ce, Thon-ce, Ron - ce, Ron-ce, Thon-ce, Fon - ce. Ron-ce, Thon-ce, Fon-ce. Trô trô Frê trô trô frê ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke-xe, ke - xe, ke - xe, ke - xe, ke - xe, ke - xe.

Ouçá agora 



Refrão

Trô, trô, frê, trô, trô, frê
 Kexe, kexe, kexe, kexe, kexe, kexe } Bis

Timbalapatunda, timbalapatunda
 Datumpalabanti, datumpalabanti {Bis

Refrão

Sacassencassinca, sacassencassinca
 Sincassencassaca, sincassencassaca {Bis

Refrão

Fonce, thonce, ronce, fonce, thonce, ronce
 Ronce, thonce, fonce, ronce, thonce, fonce.

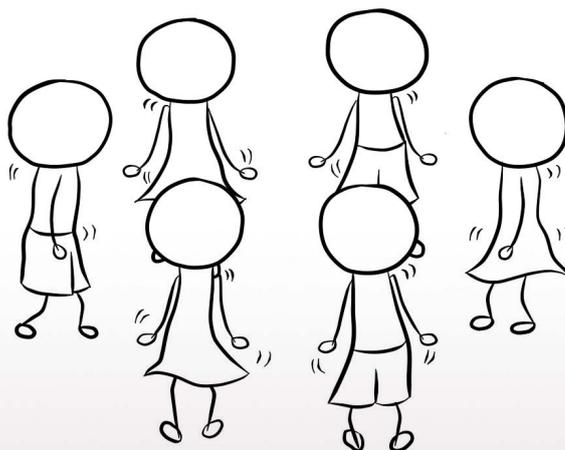
Trô, trô, frê, trô, trô, frê
 Kexe, kexe, kexe, kexe, kexe, kexe
 Kexe, kexe, kexe, kexe, kexe, kexe, kexe.

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: EM RODA

Refrão: “Trô, trô, frê, trô, trô, frê. Kexe, kexe, kexe, kexe, kexe, kexe”.

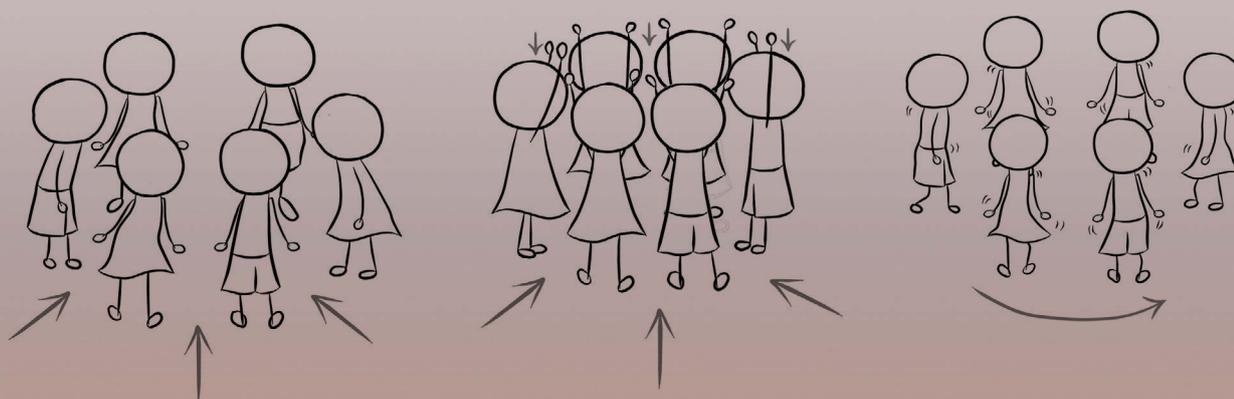
Os dançarinos em roda no lugar, sem deslocamento, iniciam mexendo os ombros alternadamente, com um gíngado de tronco, seguindo um balanceado do quadril que continuamente fica agachadinho.



Frase 1

“TIMBALAPATUNDA, TIMBALAPATUNDA. DATUMPALABANTI, DATUMPALABANTI”.

Os dançarinos fazem contração do tronco lançando-o para frente, em direção ao centro da roda e com batidas fortes no chão. Em seguida lançam os braços para o nível alto.

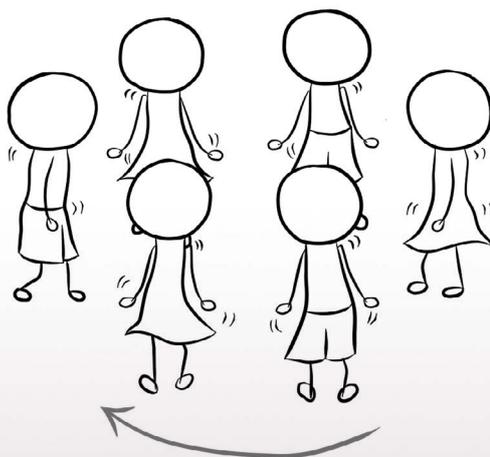


CONTINUAÇÃO DA MÚSICA:

Frase 2

“SACASSENCASSINCA, SACASSENCASSINCA, SINCASSENCASACA, SINCASSENCASSA”.

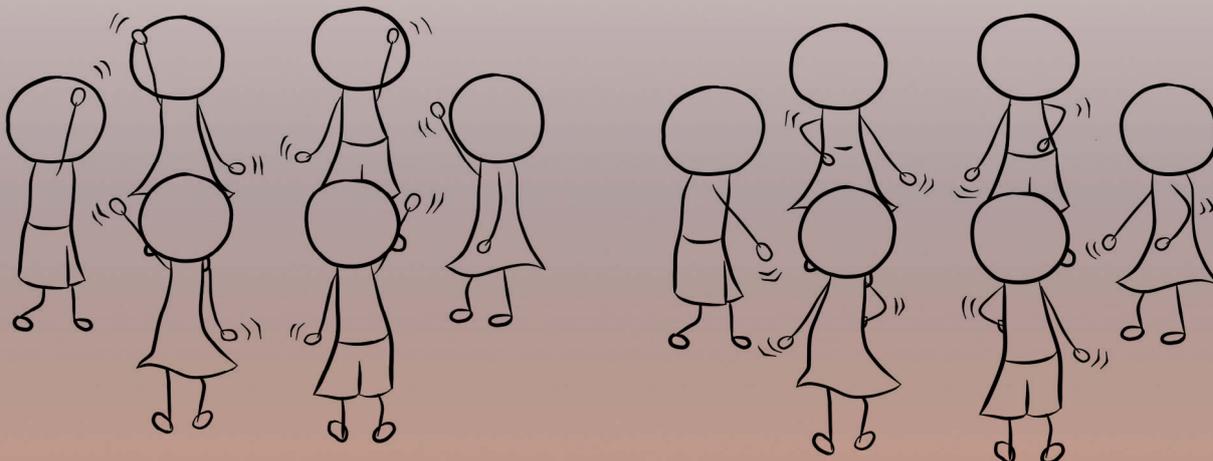
Os dançarinos movimentam a roda no sentido horário, se deslocando com batidas fortes dos pés no chão, direcionados com a perna direita. Em seguida, caminhando em sentido anti-horário, se deslocam com batidas fortes dos pés no chão, direcionados com a perna esquerda. (Bis)



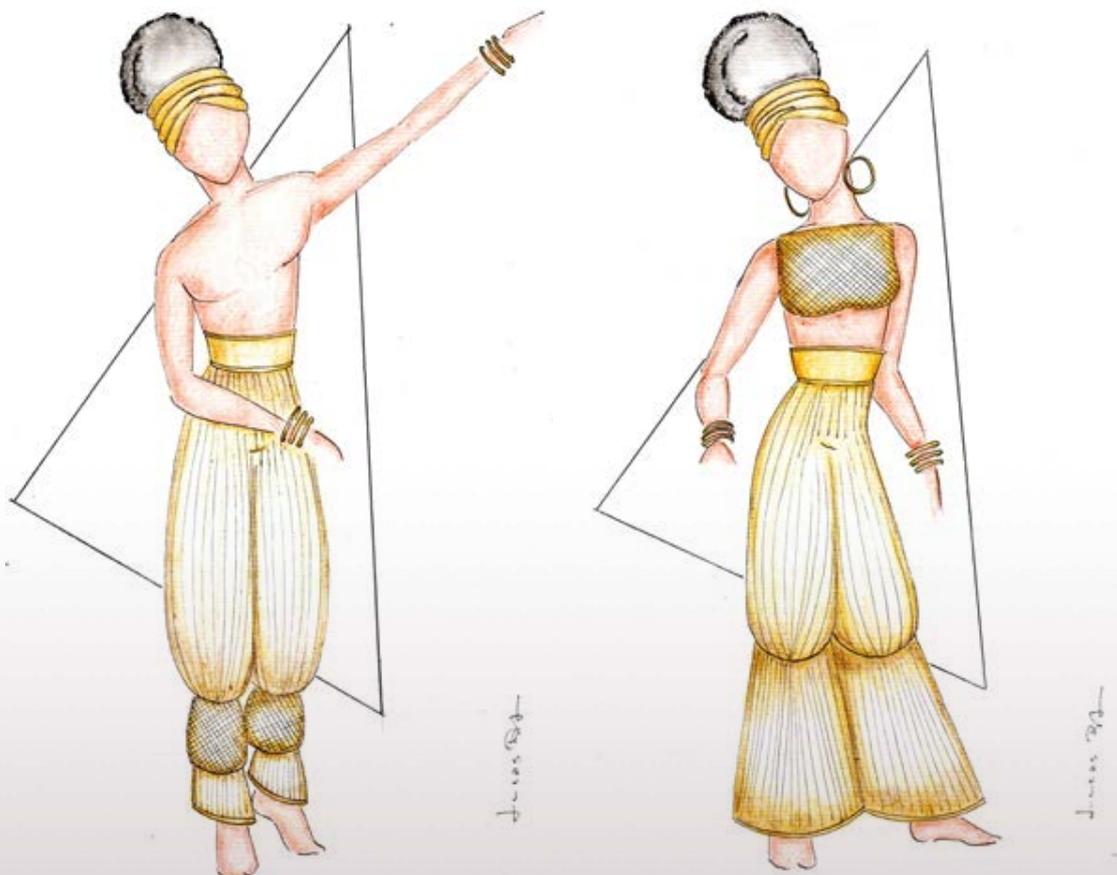
Frase 3

“FONCE, THONCE, RONCE, FONCE, THONCE, RONCE. RONCE, THONCE, FONCE. RONCE, THONCE, FONCE”

Os dançarinos, em roda, lançam os braços em nível alto alternando direita e esquerda, durante toda a frase. Ao repetir, os braços são lançados para o nível baixo, curvando o tronco, alternando direita e esquerda durante toda a frase.



FIGURINO



CRIAÇÃO: LUCAS BELO

O figurino foi inspirado nos grupos de jongueiros do interior do Brasil; o masculino é composto por calça de cintura alta, formando uma pala, a modelagem da perna é bem ampla para dar um efeito franzido na cintura e na panturrilha, que recebe uma faixa de tecido gorgurinho cru, o mesmo da calça, com sobreposição de sarrapilheira crua. Na cabeça um torço, no mesmo tecido, com acabamento de peruca afro. Pulseiras de madeira envernizada completam o traje.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Em uma escola, durante a aula, o professor conduz a turma em um jogo de trava língua, alguns alunos estão dispersos e começam a fazer gozação com os outros colegas; outros demonstram curiosidade com o tema. O trava língua vai sendo ensinado passo a passo. O grupo que estava disperso, ao ouvir e perceber o entusiasmo dos colegas, vai em direção ao professor e em seguida se integra na atividade, formando uma grande roda e trabalhando com o comando do professor.



TRIBO DOS KAYAKOS

RIO AMAZONAS

Dizem os ribeirinhos que o rio Amazonas, com sua abundância de água, nasceu de um amor impossível, o amor entre o Sol e a Lua. O Sol coberto de ouro brilhava como ninguém, era dono do dia. A Lua, vestida e enfeitada de prata, com todo seu poder metálico, era dona da noite (A LENDA..., 2009).

Os dois sonhavam em ser um casal, já que o amor que existia entre eles era tão intenso. Porém, casar não seria plausível, pois caso isso viesse a acontecer, uma catástrofe causaria o fim do mundo. O Sol com o seu poder de fogo queimaria toda a terra e a lua de tanto chorar de tristeza poderia afogar a terra. A Lua tinha desvelo e muito cuidado com a terra e jamais gostaria de vê-la ardendo em chamas. A Lua sabia do poder do Sol e mesmo que derramasse rios de lágrimas não conseguiria apagar o fogo causado por ele (A LENDA..., 2009).

Mesmo se sentido triste e abatida, a Lua tomou a decisão de separar-se do seu grande amor - o Sol. O desejo de salvar a terra com seus animais, florestas e pessoas pesou na sua escolha de livrar a terra de um grande incêndio que acabaria com toda a vida aqui existente.

A saudade que invadia o coração da Lua a fazia chorar dia e noite, as lágrimas derramadas eram tantas que escorreram pelos morros e chegaram ao mar, que ficou assustado com tamanha quantidade de água que descia das montanhas, o que o deixou aborrecido ao ponto de não permitir que suas águas se misturassem com a dela (LENDA..., 2015).

No entanto, diante da recusa do mar em aceitar as águas que desciam morro abaixo, as lágrimas da Lua escavaram um grande vale, serras surgiram, um rio imponente apareceu. As lágrimas da lua formaram um grande rio, chamado de Rio Amazonas.

RIO AMAZONAS

Abril/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simeí Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Introdução

O sol e a lu - a e-rama-pai-xo-na-dos

5 Se um di - a re - sol - ves-sem se ca - sar O mun - doi - aa - ca - bar, O

8 mun - doi - aa - ca - bar E co - mo tu - do nes - sa vi - da fi - ca - ri - a O sol e a lu - a

12 ca - da um pro la - do A lu - a cho - rou, cho - rou por seu a - ma - do

15 Lá - gri - mas da lu - a fo - ram trans - for - ma - das No Rio A - ma - zo - nas

18 nos - so gran - de ri - o nos - so lin - do ri - o!

Ouçá agora 



O sol e a lua eram apaixonados
Se um dia resolvessem se casar
O mundo ia acabar (bis)
E como tudo nessa vida ficaria?
O sol e a lua cada um pro lado
A lua chorou, chorou por seu amado
Lágrimas da lua foram transformadas
No Rio Amazonas, nosso grande Rio
Nosso lindo Rio.

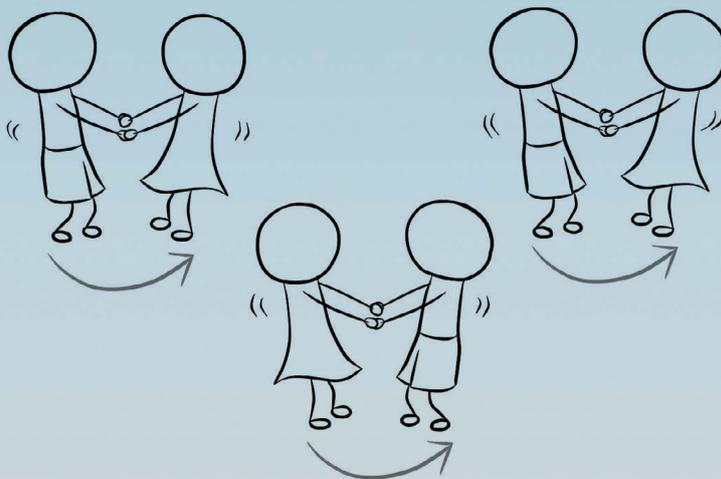
ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: DUPLAS

Frase 1

“O SOL E A LUA ERAM APAIXONADOS. SE UM DIA RESOLVESSEM SE CASAR”.

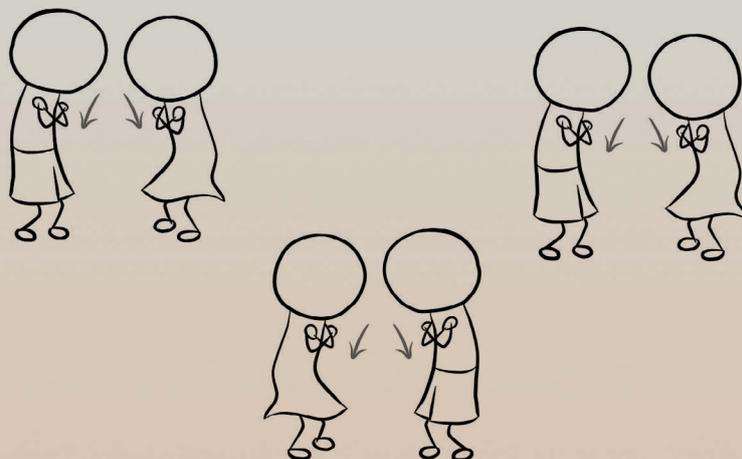
Em duplas frente a frente, os dançarinos intercalados por todo o espaço, de mãos dadas realizam movimento de círculo de braços, giram juntos, olhando um para o outro, representando o sol e a lua com expressão de apaixonados.



Frase 2

“O MUNDO IA ACABAR”. {BIS

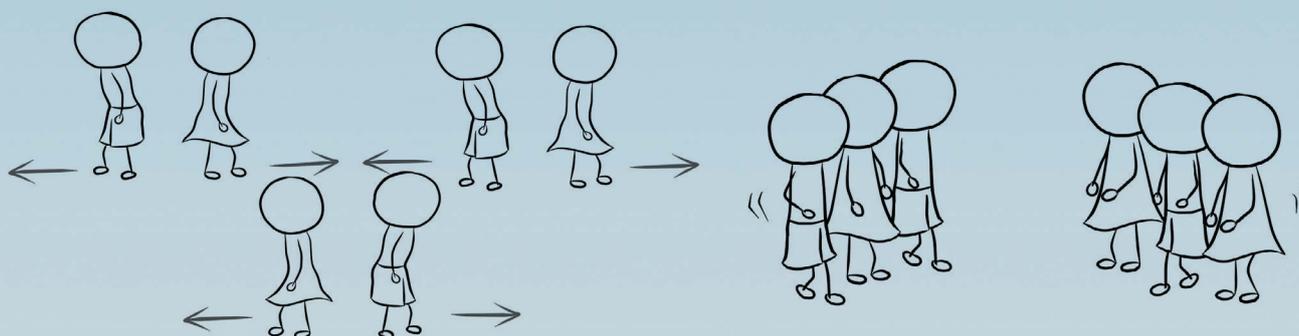
Os dançarinos soltam as mãos e vão se encolhendo num percurso em direção ao nível baixo.



Frase 3

**“E COMO TUDO NESSA VIDA FICARIA? O SOL E A LUA CADA UM PRO LADO.
A LUA CHOROU, CHOROU POR SEU AMADO”.**

A dupla de dançarinos fica de costas, um para o outro, se separam lentamente, marcando as passadas da perna junto com o tronco ondulando para frente como se fosse arqueando. Separados um para a lateral direita e outro para a lateral esquerda, formam fileiras e fazem expressões de lamento.



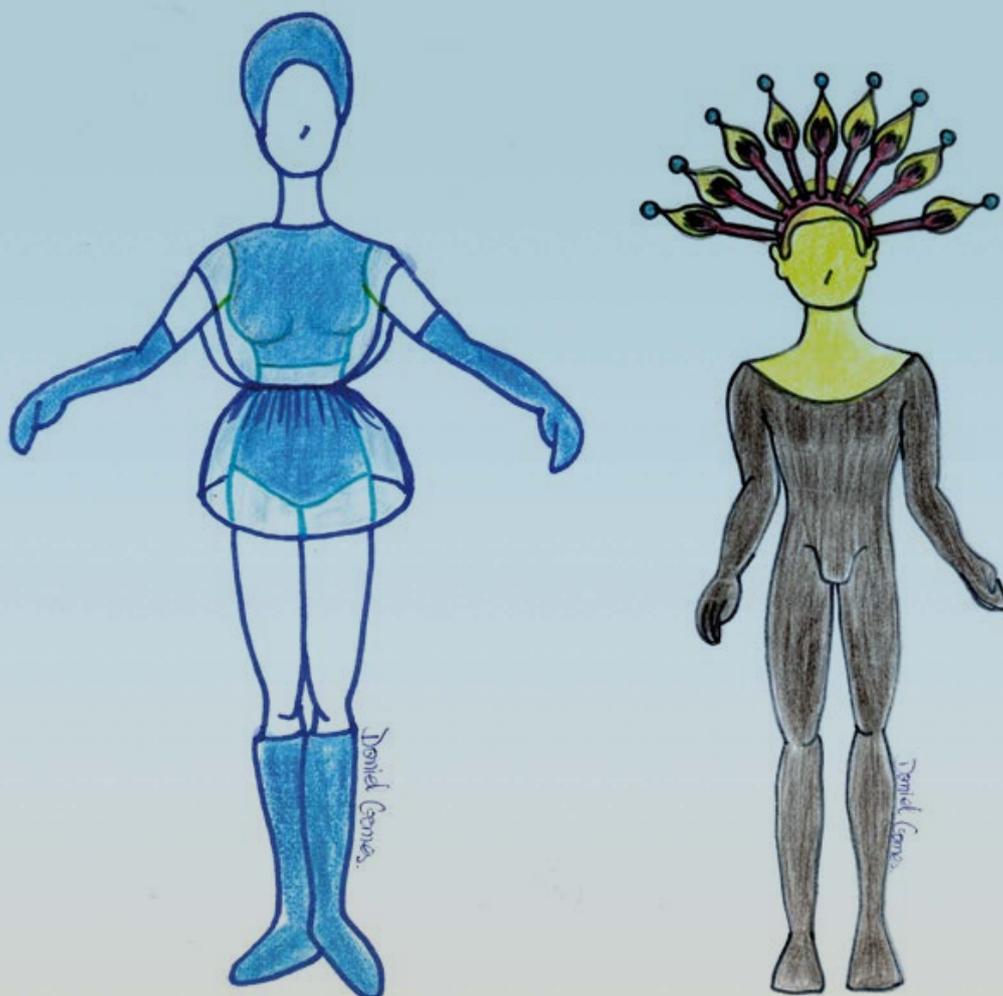
Frase 4

**“LÁGRIMAS DA LUA FORAM TRANSFORMADAS.
NO RIO AMAZONAS, NOSSO GRANDE RIO. NOSSO LINDO RIO”.**

As fileiras unem-se formando uma grande roda, os dançarinos de mãos dadas para dentro do círculo sobem e descem os braços um dos outros, acompanhando com a perna direita para frente e para trás, movendo a roda em sentido horário e celebrando as águas do rio.



FIGURINO



CRIAÇÃO: DANIEL GOMES

O figurino da lua pode ser um macacão com touca e luva em lycra azul com uma túnica curta em voil azul e bota de cano alto azul. O rosto, braços e pernas recebem maquiagem na cor prata.

O figurino que representa o sol é um macacão em lycra na cor preta. Na cabeça um acessório simbolizando o sol nas cores amarelo, vermelho, azul e preto, pode ser executado em EVA ou papel machê. O rosto e pescoço recebem maquiagem dourada.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Uma jovem moça ribeirinha observa sentada na beira da ponte o movimento de vai e vem das embarcações. Da sua casa, a mãe observa a menina sentada olhando o rio; o pai sai em direção à mata, onde possui uma plantação de açaí, para fazer a colheita. A menina demonstra uma grande satisfação em estar ali, em contemplar o que mais ama (a natureza e o seu local de origem), apreciando o pôr do sol e falando com o rio, peixes, árvores... ela deita, adormece e tem um sonho.

Segundo momento da cena: o sonho é encenado.

Um casal apaixonado, dialogando sobre o quanto se amam, mas também das dificuldades de viver esse amor; ele, um marinheiro que viajava muito, e ela, uma jovem ribeirinha sempre a esperar por ele. Em uma das vezes que foi embora, não mais apareceu, e ela chorou durante muito tempo, e suas lágrimas encheram a cidade, transbordando o rio e invadindo as casas.

Em outro plano, ele sofre um acidente, em um dia muito quente; o sol brilhava e queimava mais que o normal; ele ficou encantado com tanto brilho, pois via a imagem de sua amada e, ao tentar abraçá-la, caiu no mar e nunca mais apareceu.



UIRAPURU

O **Uirapuru** é um pássaro que vive em meio à floresta úmida da América do Sul. No Brasil seu habitat é a floresta amazônica, possui um canto suave que parece ser de uma flauta, que hipnotiza quem escuta. É preciso ficar bem atento para ouvir seu canto que ocorre ao raiar do dia, enquanto prepara o ninho para atrair a fêmea (A LENDA..., 2009; UIRAPURU, 2016).

Reza a lenda que numa tribo da Amazônia uma bela índia andando pela floresta ouviu um canto adorável de um pássaro de plumas vermelhas, e ficou tão encantada que desferiu uma flechada no pássaro para ficar com ele. O pequeno animal veio ao chão e a índia, ao se aproximar, percebeu que o pássaro havia se transformado num guerreiro belo e forte, sua voz era tão suave que mais parecia um canto; a paixão tomou conta da bela índia, então ela o convidou para conhecer sua aldeia (ANGELOTTI, 2015b; SILVA, 2015).

Na tribo também morava um feiticeiro carrancudo, com uma aparência não muito agradável, mas que tocava lindamente uma flauta e estava perdidamente apaixonado pela índia. Ao perceber então a chegada de um guerreiro bem talhado foi tomado pelo ciúme, e resolveu fazer uma homenagem ao visitante, tocando sua flauta mágica. Ao começar os primeiros acordes o jovem guerreiro foi desaparecendo até sumir completamente, e nunca mais foi visto, restando apenas a sua bela voz a soar na mata (ANGELOTTI, 2015b; SILVA, 2015).

O Uirapuru é um pássaro muito difícil de se avistar na floresta, mas o seu canto é ouvido sempre na Amazônia, e até os outros pássaros se rendem a ele. Quando um Uirapuru canta, toda a mata silencia, pois nenhum outro pássaro se atreve a cantar.

UIRAPURU

Abril/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simeia Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

Introdução

Cer - to di - a um guer - rei - ro viu - ma jo - vem In - dia
E e - na - mo - ra - dos re - sol - - -
ve - ram se ca - sar A vin - gan - ça de um ou - tro ín - dio fei - ti - cci - ro des - vi -
ou a fle - xa a - tin - gin - do o gue - rei - ro E de - pois de al - gum tem - poa -
E a in - dia ao ou - vir a
quí nas ma - tas da A ma - zô - nia sur - geum pás - sa - ro com um lin - do can - to Uh uh!
que - la be - la me - lo - di - a
foi a sua pro - cu - ra, nun - ca mais vol - tou Éo Ui - ra - pu - ru Éo Ui - ra - pu - ru, Éo Ui - ra - pu - ru,
B7 Em Am Em B7 Em B7 Em B7 Em

Ouçã agora 



Certo dia um guerreiro
Viu uma jovem índia
E enamorados resolveram se casar
A vingança de um outro índio feiticeiro
Desviou a flecha, atingindo o guerreiro
E depois de algum tempo
Aqui nas matas da Amazônia
Surge um pássaro, com um lindo canto
Uh, uh
E a índia, ao ouvir aquela bela melodia
Foi a sua procura, nunca mais voltou
É o uirapuru, é o uirapuru, é o uirapuru.

ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: 2 GRUPOS

Grupo a) Dos personagens: o guerreiro, a índia e o feiticeiro.

Grupo b) Dos dançarinos: Pirâmide formada por todos os dançarinos.

Os dançarinos iniciam na parte de trás do espaço, formando uma pirâmide humana um ao lado do outro, com o braço direito erguido para o lado, um no ombro do outro. O movimento com o corpo é balanceado, em tempo moderado, para o lado direito e esquerdo, acompanhando a encenação dos personagens (à frente) nas seguintes frases:

Frase 1

**“CERTO DIA UM GUERREIRO, VIU UMA JOVEM ÍNDIA.
E ENAMORADOS RESOLVERAM SE CASAR”.**

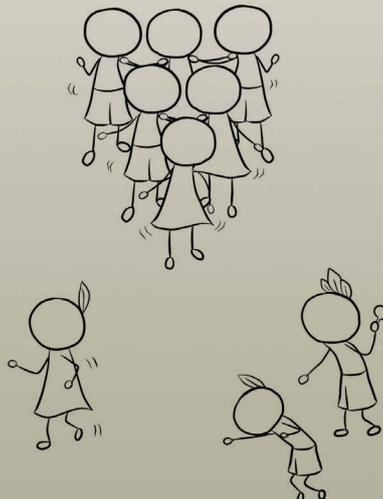
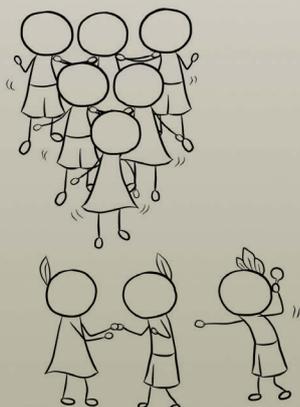
Encenação dançante: O personagem Guerreiro encontra-se, ao centro, com a índia, curva-se diante dela fazendo-lhe uma jura de amor. Os dois abraçam-se enamorados.



Frase 2

**“A VINGANÇA DE UM OUTRO ÍNDIO FEITICEIRO
DESVIOU A FLECHA ATINGINDO O GUERREIRO”.**

Encenação dançante: O Feiticeiro se aproxima do casal e acerta o Guerreiro que é lançado até ao chão (nível baixo). A índia sai correndo lamentando o acontecido.



Frase 3

**“E DEPOIS DE ALGUM TEMPO. AQUI NAS MATAS DA AMAZÔNIA.
SURGE UM PÁSSARO, COM UM LINDO CANTO. UH, UH”.**

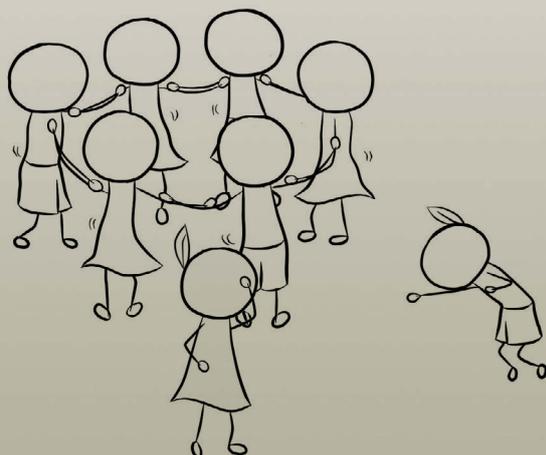
Os dançarinos vêm caminhando de trás em direção ao centro do espaço, formando um círculo bem próximo ao Guerreiro, com o tronco em movimentos balanceados para a direita e esquerda, permanecendo com os braços um no ombro da outro em movimento de subida e descida, imitando um pássaro.



Frase 4

**“E A ÍNDIA, AO OUVIR AQUELA BELA MELODIA.
FOI A SUA PROCURA, NUNCA MAIS VOLTOU”.**

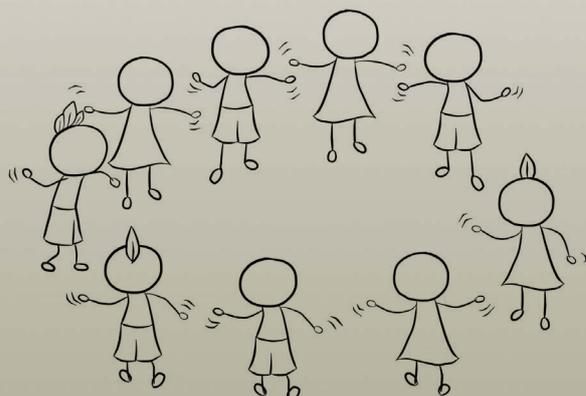
A índia retorna ao centro do espaço e em movimento ziguezagueante fica à procura do Guerreiro e acaba juntando-se ao movimento dos dançarinos.



Frase 4

**“É O UIRAPURU, É O UIRAPURU,
É O UIRAPURU”.**

Todos dançam juntos, em rodas que vão do centro do espaço à periferia, com movimento amplo de braços simbolizando grande voo.



FIGURINO



CRIAÇÃO: THALITA BARROS

O figurino pode ser executado em algodão cru tingido em vermelho queimado; outra opção seria o uso de gorgurinho, tecido que pode ter estampas marajoaras. O corpo pode ter também aplicações de desenhos indígenas. Os acessórios podem ser feitos de caroços de açaí na cor natural ou tingidos de marrom e vermelho.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Em uma comunidade do interior do estado, um grupo de jovens tem como hábito sair para caminhar pela mata; é comum passear e tomar banho de igarapé. Quase sempre quando estão pelo caminho, ouvem um belo canto de um pássaro, eles ficam encantados com o som, e procuram tentar identificar de onde vem. Um dia, uma das moças levou uma armadilha para pegar o passarinho e, seduzida pelo seu canto, desvia o caminho do grupo e, procurando, vai em direção ao som. O grupo sente falta dela e começa a chamar seu nome; ela não escuta, só ouve o som do canto do pássaro. Caminhando cada vez mais pra longe, ela prepara a armadilha e, ao levantar, vê à sua frente um belo homem; era um índio que cantou belamente pra ela, levando-a a desmaiar diante de tamanha emoção. Em seguida chegam os amigos que a encontram; despertando, ela relata o que aconteceu. Durante muitos dias, ela retornou a caminhar, na esperança de reencontrar o índio por quem se encantou, ele nunca mais apareceu, porém, ela nunca deixou de ouvir o belo canto ecoar pela floresta, e isso foi o suficiente para que ela guardasse em sua memória o lindo momento vivido.



VITÓRIA RÉGIA

Em uma aldeia da Amazônia, a Lua, chamada pelos índios de Jaci, era um deus que ao cair da noite cortejava as virgens da aldeia, conhecidas como as cunhantãs. Quando a Lua começava a se esconder, algumas cunhantãs, as mais belas, eram escolhidas e levadas para se tornarem estrelas no céu.

Muitas virgens na aldeia viviam sonhando com o momento do encontro com a Lua, dentre elas a guerreira Naiá, a que mais esperava ser chamada por Jaci. Os velhos da tribo aconselhavam sempre Naiá a ter cautela, pois as virgens ao serem chamadas deixavam o seu corpo mortal e transformavam-se em estrelas brilhantes no firmamento. No entanto, a guerreira Naiá não se importava, seu amor pelo deus Lua era maior que qualquer tentativa de fazê-la desistir do sonho de virar estrela (VITÓRIA-RÉGIA, 2014).

Todas as noites a virgem guerreira corria atrás de Lua, subia montanhas para ficar mais perto e tentar alcançá-lo, numa verdadeira obsessão. Como não conseguia ser escolhida por ele, a tristeza se abateu sobre ela a ponto de parar de se alimentar e beber qualquer coisa. Sua única vontade era passar a noite toda olhando para Lua.

Certa noite, com o céu já todo iluminado, Naiá, cansada de tanto perseguir Lua, parou para descansar à beira de um lago, e quando viu a Lua refletida no fundo, ficou muito feliz, pois acreditava que ele havia descido para se banhar ali. Mais que depressa jogou-se no lago em direção ao reflexo da Lua, porém percebendo que tudo era uma ilusão tentou retornar à margem, e não conseguindo, morreu afogada (LENDA..., 2015).

O deus Lua ficou muito triste com o que havia acontecido à cunhantã Naiá, por isso resolveu transformá-la numa estrela diferente daquelas que viviam no céu. Transformou-a em uma estrela das águas e lhe deu o nome de Vitória Régia. A Vitória Régia é uma das mais belas flores da Amazônia, com suas pétalas brancas perfumadas abrindo-se à noite e alegrando o coração do deus Lua.

VITÓRIA RÉGIA

Junho/2012

BRINQUEDO CANTADO DA AMAZÔNIA

Letra: Lúcia Uchôa e Simei Andrade

Música e Transcrição: Lúcia Uchôa

REFRÃO



Nai - á, cu-nhan - tã Guer-rei - ra da Tri - bo A mais be-la
vir-gem Tu - pi Gua-ra - ni 1.So - nha - va ser le - va - da por Ja -
2.Uma noi - tea be - la vir-gem viu a
3.Nunca mais se viu Nai - á na - que - la
ci - E vi - rar u - ma be - laes - tre - la
lua Re - fle - ti - da na - que - la á - gua
tribo Com sau - da - des to - dos fi - ca - ram
Can - sa - da de cor - rer a - trás da
Tris - to - nha de sau - da - des pe - la
Ja - ci trans - for - maa vir - gem nu - ma
lu - a En - tris - te - ci - da fi - cou Nai
lu - a Se a - ti - rou lá no rio
flor
É a e - xó - ti - ca, Vi - tó - ria Ré - gia.

Ouçã agora 



Refrão

Naiá, cunhantã
Guerreira da tribo
A mais bela virgem
Tupi guarani.

Sonhava ser levada por Jaci
E virar uma bela estrela
Cansada de correr atrás da lua
Entristecida ficou.

Refrão

Uma noite a bela virgem viu a lua
Refletida naquela água
Tristonha de saudades pela lua
Se atirou lá no rio.

Refrão

Nunca mais se viu Naiá naquela tribo
Com saudades todos ficaram
Jaci transforma a virgem numa flor
É a exótica Vitória Régia. (3x)

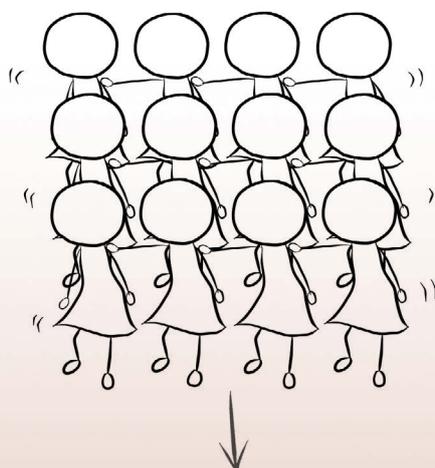
ESCRITA E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

FORMAÇÃO: FILEIRA DE GUERREIRAS

As dançarinas iniciam na parte de trás do espaço, uma ao lado da outra, formando várias paredes de fileiras, com o braço direito erguido para o lado, uma no ombro da outra. O movimento com os pés sempre em ritmo de toada indígena, acompanha as seguintes frases:

Refrão: “Naiá, cunhantã. Guerreira da tribo. A mais bela virgem, Tupi guarani”.

As dançarinas vêm caminhando de trás em direção ao centro do espaço, com fortes batidas de pés ao chão, o tronco em movimentos balanceados para a direita e esquerda, permanecendo com os braços uma no ombro da outra.

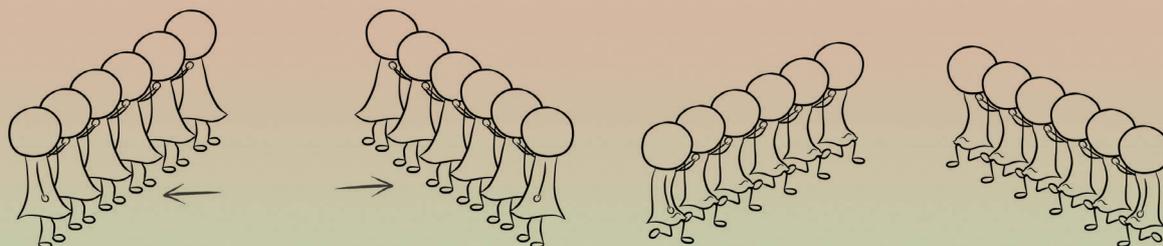


Frase 1

**“SONHAVA SER LEVADA POR JACI, E VIRAR UMA BELA ESTRELA.
CANSADA DE CORRER ATRÁS DA LUA, ENTRISTECIDA FICOU.”**

As fileiras se separam nas laterais, uma para a direita e outra para a esquerda. Viradas de frente para o centro do espaço, os dois braços se abrem para os lados, tocam nos ombros e ajoelham com a perna esquerda ao chão e a direita em cima, arqueando o tronco para baixo.

Refrão: Repetir (fileira 1 e 2 dançam a mesma sequência)

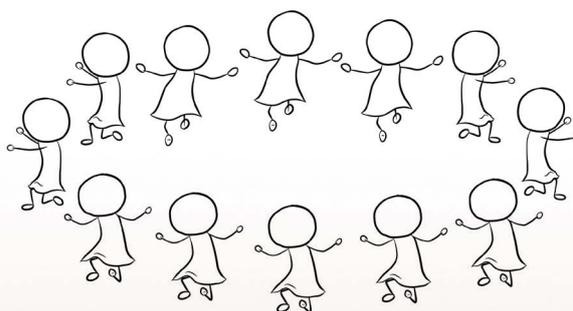
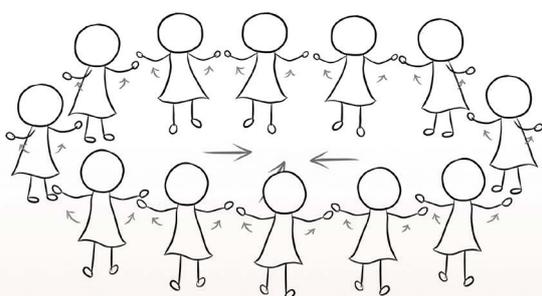


Frase 2

**“UMA NOITE A BELA VIRGEM VIU A LUA. REFLETIDA NAQUELA ÁGUA.
TRISTONHA DE SAUDADES PELA LUA, SE ATIROU LÁ NO RIO”.**

As dançarinas formam uma grande roda, e ao caminharem para o centro da roda os braços abrem, de baixo para cima, formando um grande círculo em volta delas. Ao final da frase todas viram para fora da roda, se ajoelham com a perna esquerda ao chão e a direita em cima, arqueando o tronco para baixo.

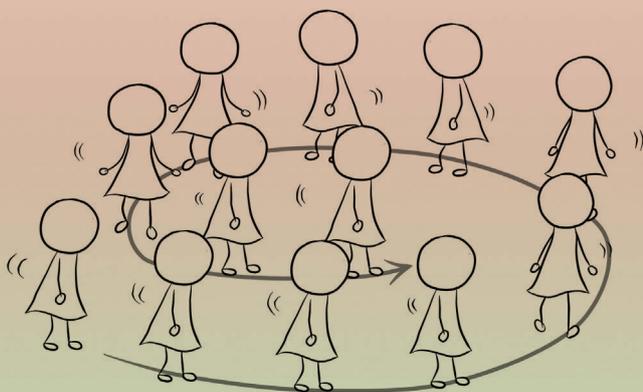
Refrão: Repetir (fileira 1 e 2 dançam a mesma sequência).



Frase 3

**“NUNCA MAIS SE VIU NAIÁ NAQUELA TRIBO,
COM SAUDADES TODOS FICARAM.
JACI TRANSFORMA A VIRGEM NUMA FLOR”.**

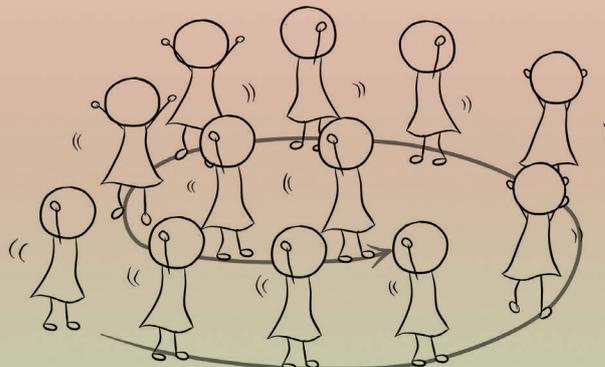
As dançarinas se juntam em apenas uma fileira e fazem um grande caracol (voltados para o centro do espaço), como uma forma de flor.



Frase 4

“É A EXÓTICA VITÓRIA RÉGIA” { 3X

Na forma de caracol durante as três repetições as dançarinas elevam os braços para o alto, arqueando o tronco para trás e ao retornarem os braços voltam para o nível médio arqueando o tronco para frente, no movimento de abrir e fechar a Vitória Régia.



FIGURINO



CRIAÇÃO: MAYLA SERRÃO

O figurino em tecido transparente como o voil ou a musseline, em degradê de verde na saia franzida sobre um maiô em lycra verde. Na cabeça uma tiara de flores remetendo à flor da vitória régia.

CAMINHOS DA ENCENAÇÃO

Em uma tribo, as cunhantãs sonhavam com o deus Jaci (que era cultuado através da lua); elas ficavam encantadas com seu brilho, conversavam e falavam entre si, e ao término de cada lua cheia elas eram escolhidas para virarem estrelas. Uma delas, chamada Naiá, andava de um lado a outro, esperando que seu dia chegasse; ela resmungava sozinha, e de longe algumas pessoas da tribo observavam sua aflição. Certa noite, cansada de esperar pela sorte, ela vai até a beira do rio e começa a conversar com a lua refletida nas águas. Inebriada com o brilho, ela resolve entrar no rio; quando percebe a ilusão começa a gritar pedindo socorro e, não sendo atendida vem a morrer. Toda a tribo chora sua morte. Dias depois aparece no rio, no mesmo lugar onde ela se afogou, uma grande flor perfumada, que exalava o mesmo cheiro da menina Naiá.





CENOGRAFIA

CENOGRAFIA: UMA PROPOSTA BRINCANTE

Cenografia é o espaço eleito para que nele aconteça o espetáculo ao qual queremos assistir. É a arte de organizar plasticamente o espaço do espetáculo (palco e plateia) e dominar seus aspectos em todos os tipos de representações de obras dramáticas, líricas e coreográficas.

Cenário é o elemento específico e particular da concepção cenográfica e que delimita um espaço cênico.

Neste projeto, propomos uma cenografia que utilize um painel pintado para representar espaço e tempo do espetáculo em que se dá a presença das personagens. O painel pode ser de tecido, TNT ou papel em bobina. Esse tipo de cenografia é utilizado para um espetáculo em que o palco seja frontal à plateia.

Como confeccionar um painel com tecido ou TNT? Utilize TNT ou tecido de algodão cru (tipo americaninho) na quantidade necessária ao tamanho do espaço do fundo do palco. Meça a altura e a largura para dimensionar a quantidade de tecido. Para calcular a quantidade de metros de tecido (tecido com 1,20 metro de largura) que vamos comprar, precisamos dividir a largura do tecido pela largura do palco para sabermos quantos pedaços vamos emendar com costura.

Exemplo:

Se o palco tiver 5 metros de largura por 3 metros de altura, vamos dividir 5 (metragem do palco) por 1,20 (metragem da largura do tecido), que tem como resultado 4,16 (quantidade de pedaços do painel). Arredondando, teremos 4 pedaços de 1,20 metros de largura por 3 metros de altura. Agora, multiplique 3 (altura do palco) por 4 (pedaços), e vamos ter 12 (metros de tecido para comprar).

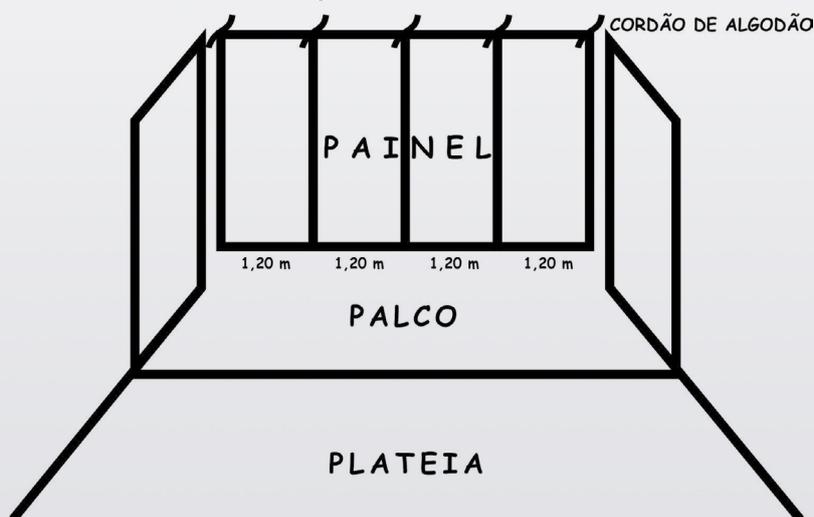
Depois dos pedaços cortados e costurados, vamos afixar o painel em uma parede e projetar a imagem proposta com um data show sobre o tecido para desenhar o cenário. Risque a imagem projetada no painel. Depois de tudo riscado, vamos colocar o painel no chão para pintar com tinta para tecido. Espere a tinta secar para costurar pedaços de cordões de algodão bem ao meio com linha e agulha. Em seguida, você pode amarrar o painel pelos cordões no fundo do palco.

Como confeccionar um painel com papel? Utilize papel em bobina, e faça os mesmos cálculos indicados na montagem do painel em tecido ou TNT para saber a metragem necessária do papel. Para juntar os pedaços, em lugar da costura vamos utilizar cola branca PVA. Com os pedaços colados, faça os mesmos procedimentos indicados na construção do painel em tecido para desenhar a imagem proposta no painel de papel. Coloque o painel no chão para pintar e utilize tinta PVA acrílica na cor branca. Use corantes misturados à base de tinta branca para obter as cores necessárias à imagem. Para finalizar, aplique uma tira de tecido na parte superior do painel para poder dar resistência à costura dos pedaços dos cordões de algodão.

Outra sugestão para colorir o cenário é reaproveitar revistas, separando as páginas de várias cores e cortando em pedaços para colar as cores como indicadas no desenho, como um mosaico. Neste caso, utilize cola branca PVA.

O trabalho colaborativo envolvendo todos os participantes é fundamental neste momento de acabamento do cenário. Aí, é só se divertir!

Figura 1 - Desenho do cenário



Fonte: Elaborado Pelo Prof. Anibal Pacha

PROPOSTA DE CENÁRIO Nº 1 - BELÉM

Baseia-se em alguns pontos turísticos da cidade de Belém/PA, como a Praça do Relógio e o Mercado do Ver-o-Peso.

Figura 2 - Praça do Relógio e o Mercado



Fonte: Anibal Pacha (2018).

PROPOSTA DE CENÁRIO Nº 2 - FLORESTA

A exuberância da floresta com muitas árvores e plantas são os principais elementos desta proposta.

Figura 3 - Floresta

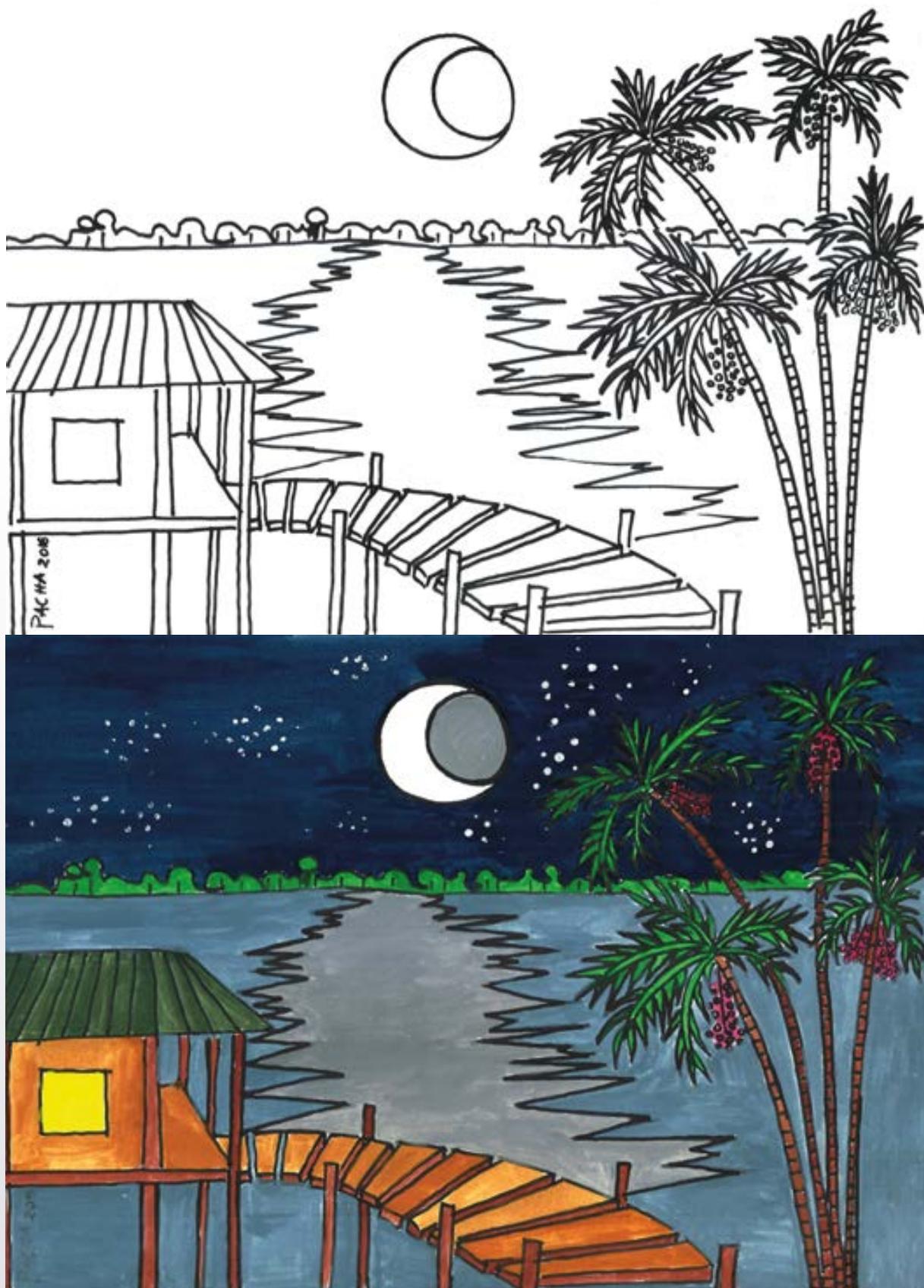


Fonte: Anibal Pacha (2018).

PROPOSTA DE CENÁRIO Nº 3 - RIO

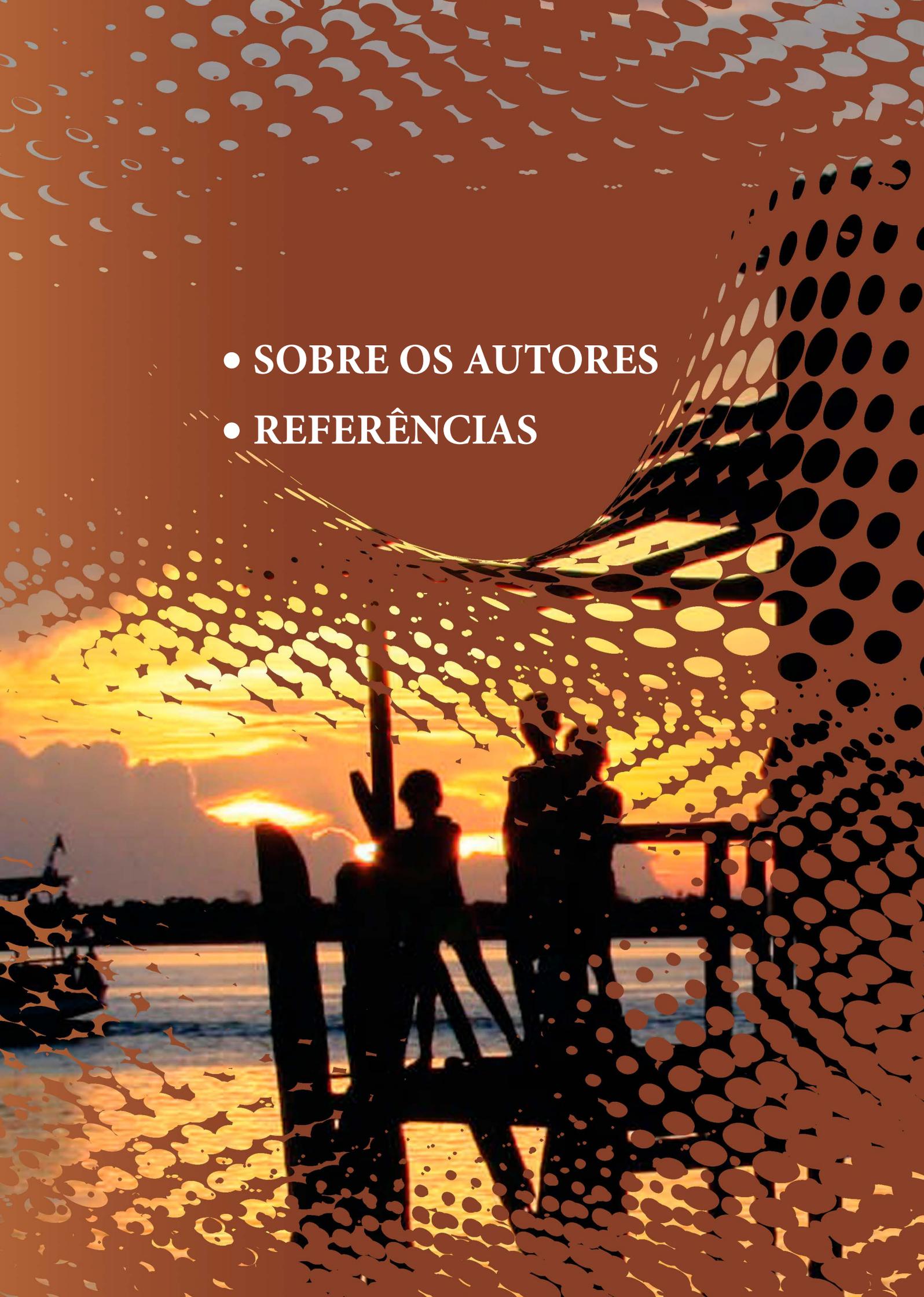
Uma das paisagens marcantes da Amazônia são as palafitas que ficam às margens dos rios cobertos pela lua nas suas diferentes fases, dando-nos inspiração para essa proposta.

Figura 4 – Comunidade Ribeirinha



Fonte: Anibal Pacha (2018).



- 
- The image features a sunset scene with silhouettes of people on a pier. The scene is overlaid with a pattern of circular perforations, creating a textured, mesh-like effect. The sun is low on the horizon, casting a warm, golden glow. The water reflects the light, and the sky is filled with soft, orange and yellow hues. The silhouettes of the people are dark against the bright background, and the pier structure is visible in the foreground.
- SOBRE OS AUTORES
 - REFERÊNCIAS

Simei Santos Andrade (Org.): Doutora em Educação pela PUC Minas. Mestre em Educação pela UNASP. Especialista em Currículo e Avaliação da Educação Básica pela UEPA e em Arte-Educação pela PUC Minas. Graduada em Pedagogia e Serviço Social pela UFPA. É Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes – Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) e da Faculdade de Dança da UFPA, onde coordena o NUPEIA – Núcleo de Pesquisa Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos (UFPA/CNPq) e o Projeto de Extensão Metodologia de ensino: o lúdico na prática dos professores da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Colaboradora no NUPES - Núcleo de Pesquisa Social: Teoria Crítica da Sociedade, Cultura e Infância (PUC Minas/CNPq), TAMBOR - Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocologia (UFPA/CNPq) e PERAU - Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia. É membro da Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS); faz parte do Comitê Avaliador da Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, do Centro de Estudios Avanzados em Niñez y Juventud – Universidad de Manizales/Colombia.

Maria Lúcia da Silva Uchôa (Org.): Doutoranda em Ciências da Educação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Humanidades e Artes (Universidade Nacional de Rosário (Argentina)). É Professora de Música da Escola de Música da (UFPA/EMUFPA) e da ETDUFPA. Colaboradora no Grupo de Pesquisa Educação Lúdica (ETDUFPA/ICA/UFPA/CNPq). Mestre em Musicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Fundamentos da Linguagem Musical pela UEPA. Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Música pela UEPA. Compositora. Diretora do Coro Cênico Ellegbara.

Mayrla Andrade Ferreira (Org.): Professora da UFPA/ICA/ETDUFPA. Colaboradora no Grupo de Pesquisa Educação Lúdica (ETDUFPA/ICA/UFPA/CNPq). Doutora em Educação pela PUC Minas. Mestra em Artes pela UFPA. Especialista em Filosofia da Educação pela UFPA. Especialista no sistema Laban/Bartenieff (Angel Viana/RJ). Licenciada Plena em Educação Física pela Escola Superior Madre Celeste (ESMAC). Interprete-criadora em Dança pela ETDUFPA. Diretora artística da Ribalta Companhia de Dança – Ananindeua/PA.

Ézia do Socorro Neves da Silva (Org.): Arquiteta, Paisagista, Figurinista e Cenógrafa. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro de Estudos Superiores do Pará, Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico dos Cursos de Teatro, Cenografia e Figurino da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Anibal José Pacha Correia (Org.): Professor da UFPA/ICA/ETDUFPA. Possui graduação em Engenharia Civil pela UFPA e Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes pela UFPA. A trajetória artística se configura principalmente nos seguintes temas: teatro de animação (direção, ator-manipulador e bonequeiro); teatro (direção, cenografia, figurino e adereços); vídeo e cinema (direção, direção de imagem, direção de arte e figurino); televisão (programa infantil “Catalendas”, da Tv Cultura do Pará, com o In Bust Teatro com Bonecos, na função de direção de arte, bonequeiro, cenógrafo e intérprete) e artes plásticas (quatro exposições individuais e duas coletivas).

Marluce S. de Oliveira (Org.): Licenciada em Música pela UFPA, Mestra em Artes Cênicas pelo PPGARTES/UFPA, Atriz, Cantora, Diretora de espetáculos e Professora de Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA, coordenadora do Programa Núcleo Pedagógico Artístico - Teatro Infantil e Juvenil.

Jaime Augusto Duarte Amaral (Org.): Doutor e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em convênio com a UFPA - (MINTER e DINTER). Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Fundação Educacional do Estado do Pará (FEP). Diretor, Bailarino-Pesquisador-Intérprete, professor e coreógrafo da Companhia de Ballet Jaime Amaral/Belém, Grupo de Dança Os Encantados de Arapiranga/Curuçá/Pará e da Compagnie de Danse d'Amazonie/Internacional, Docente da UFPA/ETDUFPA. Presidente da Associação Artistas de Dança do Pará (ADAP).

Amanda Gil: Professora, artista plástica, desenhista e engenheira civil. A partir de várias técnicas (pintura, colagem, bordado, desenhos autorais e desenhos baseados em outros artistas), criou um estilo próprio de desenhos de mulheres que se destacam nas lutas sociais, estilo esse próximo de caricaturas e desenhos a traços.

Ana Cláudia Santos Souza: Pedagoga, especialista em Gestão Escolar, professora das Escolas Municipais Rotary e Prof. Solerno Moreira, em Belém/PA.

Cyane Oliveira Pereira: Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, gestora na Escola Municipal de Educação Infantil Prof.ª Rita Nery.

Dayane da Silva: Professora de Teatro e participante do Projeto de Extensão *Metodologia de Ensino: o lúdico na prática dos professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental*.

Heberton dos Santos Lobato: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA. Licenciando em Teatro pela UFPA. Especialista em Metodologia do Ensino das Artes pela UNINTER. Graduado em Dança pela UFPA. Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Cametá/PA. Bailarino e colaborador em pesquisa e montagem cênica (Teatro). Formado, respectivamente, pelo Curso Técnico em Dança - Interpretador-Criador e Curso Técnico em Ator pela ETDUFPA.

Ivone Souza Andrade: Pedagoga, professora na Escola Municipal Ogilvanise Moreira de Moura, no Distrito de Icoaraci/Belém/Pará.

Juhlly Stephanie Damasceno Moraes: Licenciada em Dança pela ETDUFPA e ex-bolsista do Projeto de Extensão *Metodologia de Ensino: o lúdico na prática dos professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental*. É professora de Arte na Secretaria de Educação do Município de Tailândia/PA.

Luciléia da Costa Silva: Professora na Escola Municipal Prof.ª Maria Heloisa de Castro e Escola Estadual Santana Marques.

Luis Carlos da Cunha Oliveira: Bibliotecário na Escola Municipal Alzira Pernambuco, especialista em Psicopedagogia.

Maridete Daibes da Silva: Pedagoga e Mestre em Artes Cênicas pelo PPGARTES/UFPA. Atriz e professora de Teatro da Escola de Aplicação da UFPA. Coordenadora do Projeto de Ensino: crianças que brincam inventam o Teatro: uma pedagogia do tatear na Escola de Aplicação da UFPA/Coordenação de Pesquisa e Extensão (EAUFPA-COPEX).

Raquel Amorim dos Santos: Doutora e Mestre em Educação pela UFPA. Professora da UFPA - Campus Universitário de Bragança, Faculdade de Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA). Diretora das Áreas Acadêmicas da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN - 2017-2018). Associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE). Graduada em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Rosângela Serra Cohen: Pedagoga, especialista em Gestão e Responsabilidade Social, professora da Educação Infantil na Escola Municipal Sílvio Leandro.

Rosemary Pombo de Andrade: Pedagoga e auxiliar de biblioteca na Escola Municipal Prof.ª Maria Stellina Valmont.

Simone Mouta de Oliveira: Pedagoga, especialista em Educação Ambiental, professora do Clube Recreativo Assembleia Paraense, Espaço Infantil Estação Alegria.

Vanderlene Ranieri Santana Condurú Viégas: Bacharel em Biblioteconomia (UFPA) e participante do Projeto de Extensão *Metodologia de Ensino: o lúdico na prática dos professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental*.

Veruska Moreira Silva: Pedagoga, professora na Escola Municipal de Educação Infantil Prof.ª Rita Nery.

Welía da Silva Araújo: Pedagoga, auxiliar de biblioteca na Escola Municipal Prof.ª Palmira Lins de Carvalho.

REFERÊNCIAS

AÇAÍ: lendas e mitos. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/acai/>>. Acesso em: 13 maio 2017.

ALEGRIA, Catia Marilza Dias. **Lenda do Boto cor de rosa**. Postado em 23 de outubro de 2010. Disponível em: <http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/2010/10/lenda-do-boto-cor-de-rosa.html>. Acesso em: 15 out. 2018. A LENDA do Curupira: Curupira, o duende “ecológico”. Disponível em: <https://sitiocurupira.wordpress.com/a-lenda-do-curupira/>. Acesso em: 11 maio 2017.

A LENDA do Curupira: Curupira, o duende “ecológico” [S. l.]: Sítio do Curupira, 2017. Disponível em: <<https://sitiocurupira.wordpress.com/a-lenda-do-curupira/>>. Acesso em: 11 maio 2017.

A LENDA do rio Amazonas. 2009. Disponível em: <<http://www.fotolog.com/silvanabarbosa/70612385/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

A LENDA do Uirapuru. 15 dez. 2009. Disponível em: <<http://lendasamazonicas2009.blogspot.com.br/2009/12/lenda-do-uirapuru.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Dança e Educação: 30 experiências lúdicas com crianças**. São Paulo: Summus, 2018.

AMAZÔNIA patrimônio brasileiro, futuro da humanidade. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/O-que-fazemos/Amazonia/>>. Acesso em: 13 maio 2015.

ANGELOTTI, Christiane. **Folclore brasileiro: a lenda do açaí**. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verfolclore.php?codigo=16>>. Acesso em 13 de maio de 2015a.

ANGELOTTI, Christiane Araújo. **Folclore brasileiro: a lenda do Uirapuru**. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verfolclore.php?codigo=18>>. Acesso em: 15 maio 2015b.

ATAKAN AMAZON. **Conheça a Amazônia: frutas**. Belém: Do Autor, 2015. Disponível em: <<http://www.atakanamazon.com/novo/portuguese/amazonia/frutas-amazonia-com-os-barcos-da-atakan-amazon>>. Acesso em: 13 de maio de 2015.

BELÉM. Prefeitura Municipal. **Revisão do Plano Diretor do Município de Belém: dados da cidade**. Belém: Do Autor, 2010. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/paginas/brasao.php>>. Acesso em: 07 maio 2015.

BRASIL. Biblioteca Virtual Em Saúde do Ministério da Saúde. **Frutas**. Brasília: BVSMS, 2017. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/partes/aliment_reg3.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

- BOTO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Boto>>. Acesso em: 14 maio 2014.
- BURITI. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Buriti>>. Acesso em: 14 maio 2016.
- CHAGAS, Francisco. Memórias do Pará: **o ver-o-peso**. Belém: Memórias, 11 dez. 2012. Disponível em: <<http://memoriasdopara.blogspot.com.br/2012/12/ver-o-peso-patrimonio-cultural-da.html?spref=bl>>. Acesso em: 14 out. 2018.
- CULINÁRIA do Pará. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Culin%C3%A1ria_do_Par%C3%A1>. Acesso em: 07 de maio de 2015.
- CURUPIRA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Curupira>>. Acesso em: 11 maio 2015.
- FRUTAS da Amazônia. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=206>>. Acesso em: 13 maio 2015.
- FRUTAS: os 8 benefícios da manga para a saúde. Publicado em: 17 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.saudedica.com.br/8-beneficios-manga-saude/>>. Acesso em: 13 maio 2015.
- LENDA da origem do rio Amazonas. Disponível em: <<http://noamazonaseassim.com.br/lenda-da-origem-do-rio-amazonas/>>. Acesso em: 14 maio 2015.
- LENDA da Vitória-régia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_da_vit%C3%B3ria-r%C3%A9gia>. Acesso em: 15 maio 2015.
- LENDA do Boto. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/boto/>>. Acesso em: 14 maio 2014.
- LENDA do Boto. 2015. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_boto.htm>. Acesso em: 08 maio 2016.
- LENDA do Boto. 2016. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_do_boto>. Acesso em: 08 maio 2016.
- MANGA (fruta). 2015. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manga_%28fruta%29>. Acesso em: 13 maio 2015.
- MATINTA Perera. 2017. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Matinta_Perera>. Acesso em: 13 maio 2017.
- MATINTA Pereira: lenda da Matinta Pereira, versões, folclore da Amazônia, quem é, lenda da Matinta. 2016. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/matinta_pereira.htm>. Acesso em: 13 maio 2016.
- MIRITI. Belém: Pará Cultura, Fauna e Flora, 2017. Disponível em: <<http://www.cdpara.pa.gov.br/miriti.php>>. Acesso em: 14 maio 2017.

MORAES, Juhlly Stephanie Damasceno. **Coreografando com brinquedo cantado da Amazônia: a ludicidade no ensino da dança com crianças do CIFAMM**. 2013. 63f. TCC (Licenciatura em Dança)-Escola de Teatro e Dança da UFPA, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém.

MORAES, Maria Luisa. Miriti: o artesanato que vem de Abaeté. **Jornal da Universidade Federal do Pará**, Ano XXX, n. 130, abr./maio 2016. Disponível em: <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/leia-tambem/1720-2015-10-05-14-17-35>>. Acesso em: 14 out. 2018.

MUNDIADO. In: DICIONÁRIO INFORMAL. [Belém]: Do Autor, 2015. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/mundiado/>>. Acesso em 11 maio 2015.

NOGUEIRA, Oscar Lameira; FIGUEIRÊDO, Francisco José Câmara; MULLER, Antonio Agostinho. **Açaí**. Belém: EMBRAPA, 2015. (Sistemas de Produção, 4) Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Acai/SistemaProducaoAcai_2ed/paginas/colheita.htm>. Acesso em: 13 de maio de 2015.

PAQUETE, Suzana. Em que ritmo está a destruição da floresta amazônica? **SUPER Interessante**, 18 abr. 2011. (Mundo Estranho). Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/em-que-ritmo-esta-a-destruicao-da-floresta-amazonica>>. Acesso em: 13 maio 2015.

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO ARTESANATO DE TRADIÇÃO CULTURAL. **Artesanato de tradição cultural: brinquedos de miriti de Abaetetuba (PA)**. Rio de Janeiro: PROMOART, 2016. Disponível em: <<http://www.promoart.art.br/polo/brinquedos-de-miriti-de-abaetetuba-pa>>. Acesso em: 14 maio 2016.

SAIBA aqui o porquê de Belém ter o título de Cidade das Mangueiras. 2009. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=862562>>. Acesso em: 14 maio 2016.

SILVA, Maria do Carmo da. **Lenda do Uirapuru**. Curitiba: Positivo, 2015. Disponível em: <http://www2.editorapositivo.com.br/hojeedia/site/busca/result.asp?id_plano=306>. Acesso em: 15 maio 2015.

UIRAPURU. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uirapuru>>. Acesso em: 15 maio 2016.

URUÁ-TAPERA. **Ilhas da Região Metropolitana de Belém**. Belém: Do Autor, 2015. Disponível em: <http://www.uruatapera.com/conheca_para_detalhes.asp?ICDCODIGO=12>. Acesso em: 07 maio 2015.

VITÓRIA-RÉGIA. 2014. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/folclore/vitoria-regia.htm>>. Acesso em: 15 maio 2014.



